

### 3. As orações adverbiais introduzidas por conectores: orações finitas e infinitivas

#### 3.1. Introdução

As orações subordinadas adverbiais são classificadas tradicionalmente de acordo com critérios semânticos (i.e. distingue-se adverbiais temporais, causais, finais, etc...) e de acordo com as propriedades flexionais da forma verbal que nelas ocorre. Distingue-se assim tradicionalmente orações finitas (ou 'desenvolvidas', cf. Cunha & Cintra 1984) de orações não finitas, a que nalgumas gramáticas se chama 'reduzidas' (cf. Cunha & Cintra 1984: 605), i.e. todas as orações em que o verbo se encontra numa forma dita 'nominal' - infinitivo, gerúndio e participípio.

Esta classificação tradicional apresenta vários problemas. Por um lado, ao utilizar a designação 'reduzidas', a gramática tradicional deixa implícito o facto de as orações não finitas serem de alguma forma estruturas truncadas, o que é discutível. Por outro lado, afasta as infinitivas das finitas, quando existem vários factores que as aproximam e as distinguem das gerundivas e participiais.

Em português, as orações finitas aproximam-se das orações infinitivas e distinguem-se de gerundivas e participiais quanto a alguns aspectos, nomeadamente:

- a sua distribuição: subordinadas finitas e infinitivas, exceptuando os casos de modificação nominal, ocorrem essencialmente no mesmo tipo de contextos sintácticos, i.e. como sujeito oracional, como complemento; ao passo que gerundivas e participiais não surgem nesses contextos;
- o facto de as orações finitas e infinitivas em contextos em que desempenham funções de adjunto serem sempre introduzidas por um conector (seja ele um 'nexo subordinativo' ou um elemento de natureza preposicional), ao passo que gerundivas e participiais não são geralmente introduzidas por conectores.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A posição dos clíticos nestas estruturas pode estar relacionada também com o facto de a oração ser introduzida por um conector ou não. Veja-se que nas gerundivas, classificadas como subordinadas, o padrão de colocação dos clíticos em PE é a ênclise, ao passo que nas infinitivas preposicionadas pode encontrar-se ênclise ou próclise:

- i) Tendo-me mentido, pu-lo de castigo./\*Me tendo mentido, pu-lo de castigo.
- ii) Por me ter mentido, pu-lo de castigo./?Por ter-me mentido, pu-lo de castigo.
- iii) O João pensava ter-me contado tudo./\*O João pensava me ter contado tudo.

Pareceu-me assim que seria mais produtivo para a descrição e para a compreensão das estruturas ditas de subordinação adverbial aproximar orações finitas de infinitivas.

Assim, neste capítulo, vou considerar apenas as orações finitas e infinitivas, procurando dar resposta às seguintes questões:

- que propriedades caracterizam os conectores de orações adverbiais? (§ 3.3.)
- que tipos sintácticos de orações adverbiais existem? (§ 3.4.)
- que relação existe entre a classe sintáctica das orações adverbiais e os conectores que as introduzem? (§ 3.4.4.)
- que posição estrutural ocupam os diversos tipos de orações adverbiais? (§ 3.5.)

No entanto, uma vez que para o PE os trabalhos sobre as estruturas de subordinação adverbial são escassos, farei de seguida (§ 3.2.) uma pequena descrição de alguns aspectos sintácticos e semânticos das várias estruturas que têm sido consideradas neste grupo, sem pretensões de exaustividade, inspirando-me em descrições já feitas para outras línguas (cf. Quirk *et al.* 1985, Renzi & Salvi 1991, Bosque & Demonte 1999).

### 3.2. Tipos e subtipos semânticos de orações adverbiais: algumas propriedades semânticas e sintáticas

Como foi referido, tradicionalmente, as distinções estabelecidas no interior das orações adverbiais dizem respeito, por um lado, a propriedades morfológicas da forma verbal que nelas ocorre (orações finitas vs. não finitas), por outro lado, a caracterizações de natureza semântica (temporais, causais, finais, condicionais, concessivas, conformativas e proporcionais) (cf. § 2.1.).

A classificação semântica tradicional, no entanto, não é suficiente para dar conta de diferenças de natureza aspectual e interpretativa no interior de cada um dos grupos tradicionais e ignora um conjunto de estruturas com propriedades semânticas diversas que caberia também no conjunto das estruturas de subordinação adverbial. Este 'esquecimento' deve-se em grande parte ao facto de esses outros grupos semânticos incluírem quase sempre orações infinitivas apenas, a que a gramática tradicional frequentemente não atribuía o estatuto de oração.

Assim, inspirando-me em trabalhos como Hengeveld 1998<sup>2</sup> e Kortmann 1996<sup>3</sup>, vou seguir nesta secção uma tipologia semântica de orações adverbiais e uma tipologia semântica dos seus conectores diferente daquela que a tradição gramatical portuguesa considera, centrando-me apenas nas orações finitas e infinitivas.

Nas orações subordinadas adverbiais, podem ser identificados pelo menos os seguintes grupos e subgrupos semânticos:

---

<sup>2</sup> Hengeveld 1998 considera os seguintes tipos: meio; simultaneidade; causa; motivo; explicação; anterioridade; adição; concessão; finalidade; circunstância potencial; condição potencial; circunstância negativa; circunstância irreal; condição irreal. Cada tipo é classificado de acordo com os seguintes parâmetros: tipo de entidade (ordem zero; 1ª ordem; 2ª ordem; 3ª ordem; 4ª ordem); dependência temporal (referência temporal dependente ou independente); factualidade (factual ou não factual); pressuposição (pressuposto ou não pressuposto).

<sup>3</sup> Kortmann (1996: 80-81) refere 32 tipos semânticos diferentes: a. Tempo: tempo simultâneo; duração simultânea; co-extensão simultânea; anterioridade; anterioridade imediata; terminus a quo; posterioridade; terminus ad quem; contingência; b. Relações causais, condicionais, concessivas e afins: causa/motivo; condição 'se'; condição negativa; condição concessiva; concessão; contraste; consequência; finalidade; finalidade negativa; grau/medida; excepção/restricção; c. Modal: modo; semelhança; comentário/concordância; comparação; instrumento/meio; proporção; d. Outros: lugar; substituição; preferência; concomitância; concomitância negativa; adição. Alguns dos tipos que Hengeveld considera, no entanto, têm propriedades particulares que me levaram a afastá-los do grupo das adverbiais adjuntas (cf. § 2.).

- i) orações causais
  - de causa directa (causa/razão/motivação)
  - de causa da enunciação
- ii) orações finais
  - de evento
  - de enunciação
- iii) orações temporais
  - com *quando*
  - com *antes de/que*
  - com *depois de/que*
  - com *ao + infinitivo*
  - com *desde que e até (que)*
  - com *enquanto*
  - com *à medida que*
  - com *sempre que, cada vez que, todas as vezes que*
  - com *assim que, logo que, mal*
- iv) orações condicionais
  - em estruturas monocondicionais (e.g. *se, caso*)
  - em estruturas bicondicionais afirmativas (e.g. *desde que*)
  - em estruturas bicondicionais negativas (e.g. *a não ser que*)
- v) orações concessivas (e.g. *embora, apesar de*)
- vi) orações condicionais-concessivas (e.g. *ainda que, mesmo se*)
- vii) orações de modo (e.g. *como*)
- viii) orações de circunstância negativa (e.g. *sem (que)*)
- ix) orações substitutivas (e.g. *em vez de*)
- x) orações acrescentativas (e.g. *para além de*)
- xi) orações contrastivas (e.g. *enquanto (que)*)
- xii) orações de comentário (e.g. *como*)

Cada um destes grupos caracteriza-se por manifestar diferentes propriedades, que passam, por exemplo, por restrições de natureza aspectual ou temporal, por incompatibilidades com determinadas classes de predicados quer na oração subordinada, quer na oração matriz, por manifestarem diferentes possibilidades de concordância de tempos com a matriz. Como é óbvio, cada um destes tipos, por si só,

poderia merecer um estudo independente. Por conseguinte, a descrição que aqui é feita está necessariamente incompleta e foca apenas alguns dos aspectos destas estruturas. Pareceu-me, no entanto, que passar por cima desta descrição, mesmo muito rudimentar, dificultaria a compreensão da complexidade destas estruturas quando tomadas no seu conjunto.

### **3.2.1. Orações causais**

De um ponto de vista semântico, sob a designação de orações causais poderiam ser tratadas quer as orações causais propriamente ditas quer outro tipo de orações adverbiais como as orações finais, concessivas, e condicionais. Com efeito, em todos estes casos, existe uma relação explícita ou implícita de causalidade ou causa-efeito (ou ausência dela) entre a oração subordinada e a oração matriz. No entanto, aqui considero apenas o subconjunto de orações em que a relação de causalidade é expressa de uma forma mais evidente, e que corresponde às orações designadas nas gramáticas tradicionais de causais e de explicativas. Como vimos já, algumas destas estruturas aproximam-se formalmente das estruturas de coordenação (cf. § 2.).

Neste subconjunto, em que existe geralmente uma ordenação temporal entre os eventos da subordinada e da matriz, ou seja, em que o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas expresso na causal precede o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas expresso na matriz, são normalmente identificados dois grandes tipos de orações que exprimem relações de causalidade: as orações causais propriamente ditas, em que se exprime a causa/razão/motivação do estado de coisas expresso na oração principal, e as orações por vezes chamadas explicativas, em que não há uma relação directa de causalidade relativamente ao estado de coisas expresso na oração principal, sendo antes interpretadas como causa da enunciação.<sup>4</sup>

Nas orações do primeiro tipo, a relação entre matriz e subordinada pode corresponder a uma relação objectiva entre estados de coisas, sendo a subordinada interpretada como causa e a matriz como efeito (cf. (1) e (2)):

---

<sup>4</sup> Ver Galán Rodríguez 1999 e Quirk *et al.* 1985 para uma descrição de vários subtipos de causais.

- (1) a. A sala arrefeceu *porque tu deixaste a janela aberta*.  
 b. Tu deixaste a janela aberta e isso fez com que a sala arrefecesse  
 c. A causa de a sala ter arrefecido foi tu teres deixado a janela aberta.
- (2) a. As flores murcharam *porque ninguém as regou*.  
 b. A causa de as flores terem murchado foi ninguém as ter regado.

ou pode expressar a inferência por parte do falante de uma relação entre estados de coisas:

- (3) a. Ela regou as flores *porque estavam secas*.  
 b. O facto de as flores estarem secas motivou/ levou a que ela as regasse.
- (4) a. *Como ele gosta muito de ler*, oferecem-lhe livros frequentemente.  
 b. O facto de ele gostar muito de ler motiva/ leva a que lhe ofereçam livros frequentemente.
- (5) a. Ele faltou ao jantar *porque não conhecia ninguém*.  
 b. O facto de ele não conhecer ninguém levou-o a faltar ao jantar.  
 c. A razão/o motivo por que ele faltou ao jantar foi que ele não conhecia ninguém.

Nas orações do segundo tipo, a oração causal exprime a causa da declaração que é feita na oração matriz, funcionando como explicação/motivação para o que é implicitamente dito, mas não como causa directa do estado de coisas expresso na oração matriz:

- (6) a. O João está cá, *porque já vi o carro dele*.  
 b. # A causa de o João estar cá foi eu ter visto o carro dele.  
 c. # O facto de eu ter visto o carro dele fez com que ele estivesse cá.  
 d. O João está cá e eu sei isso porque já vi o carro dele.  
 e. A razão por que eu digo que o João está cá é porque já vi o carro dele.
- (7) a. *Já que vais à biblioteca*, podias entregar estes livros por mim?  
 b. O facto de tu ires à biblioteca levou-me a perguntar-te se podias entregar estes livros por mim.
- (8) a. *Como a luz está acesa*, o João deve estar em casa.  
 b. O facto de a luz estar acesa faz-me achar que o João está em casa.

Este tipo de explicativas, que exprimem uma causa indirecta, são as únicas

possíveis quando a oração matriz é imperativa:

- (9) Fecha a janela, *porque está frio*.
- (10) Atende o telefone, *já que estás aí ao pé*.
- (11) a. Acordei porque o despertador tocou.  
b. \*Acorda porque o despertador tocou.  
c. Acorda, || (por)que o despertador já tocou.

Assim, nestas orações, estabelece-se uma relação com o sujeito da enunciação que não se verifica nas causais do primeiro tipo. Podemos designá-las de causais de enunciação. Note-se que a maioria dos conectores são ambíguos, podendo introduzir causais de vários tipos.

Repare-se que nem sempre os diferentes conectores são intersubstituíveis; cada um deles tem particularidades semânticas. Assim, o conector *já que*, por exemplo, pressupõe uma atitude por parte do falante diferente da de outros conectores causais/explicativos, o que leva a que os diferentes conectores não tenham sempre a mesma distribuição:

- (12) a. *Como* o João está doente, tenho de ficar em casa.  
b. ??*Já que* o João está doente, tenho de ficar em casa.
- (13) a. *Como* era muito tarde, o João foi deitar-se.  
b. \**Já que* era muito tarde, o João foi deitar-se.
- (14) a. *Como* não me contas o que se passou, vou-me embora.  
b. *Já que* não me contas o que se passou, vou-me embora.
- (15) a. ?\**Como* estás de pé, passa-me o jornal.  
b. *Já que* estás de pé, passa-me o jornal.

As orações causais finitas caracterizam-se por terem geralmente o verbo no indicativo:

- (16) a. O João faltou *porque está doente*.  
b. \*O João faltou *porque esteja doente*.
- (17) a. *Como está doente*, o João não pôde vir.  
b. \**Como esteja doente*, o João não pôde vir.

A presença do conjuntivo pode ser desencadeada por determinados operadores,

como a negação:

- (18) a. \*O João faltou porque estivesse doente.  
b. O João faltou não porque estivesse doente, mas porque tinha muito que fazer.

Em português, as orações causais infinitivas apresentam normalmente flexão de pessoa (cf. (19)), podendo ocorrer um sujeito lexical em posição pré-verbal (cf. (20)):

- (19) a. ?\*É verdade que ralhaste com os alunos *por não ter feito o exercício*?  
b. É verdade que ralhaste com os alunos *por não terem feito o exercício*?  
(20) Fiquei desiludido por ele me ter mentido.

Parece existir variação entre os falantes do português quanto à possibilidade de ocorrer o infinitivo não flexionado nestas estruturas (cf. Martins & Nunes 2001):

- (21) a. %Os meninos ficaram de castigo por se ter portado mal.  
b. Os meninos ficaram de castigo por se terem portado mal.

Esta é uma questão complexa, que merece uma análise mais detalhada, e que aqui não poderei desenvolver.

Como acontece noutras línguas (e.g. italiano, espanhol, catalão), também em português as causais infinitivas se caracterizam por terem normalmente o verbo no infinitivo simples com verbos estativos e no infinitivo composto com verbos não estativos:

- (22) a. O João faltou às aulas *por estar doente*.  
b. \*O João faltou às aulas *por adormecer*.  
b'. O João faltou às aulas *por ter adormecido*.  
(23) a. O João faltou às aulas *porque estava doente*.  
b. O João faltou às aulas *porque adormeceu*.

Ocorre o infinitivo composto com verbos estativos quando a causa corresponde a um estado já terminado como em (24)b:

- (24) a. O João sente-se fraco *por estar doente*.  
b. O João sente-se fraco *por ter estado doente*.

Caso contrário, o infinitivo composto com verbos estativos dá origem a frases anómalas:

- (25) a. O João adormeceu *por estar muito cansado*.  
b. ?\*O João adormeceu *por ter estado muito cansado*.
- (26) a. \*O João adormeceu *por tomar um calmante*.  
b. O João adormeceu *por ter tomado um calmante*.

O infinitivo composto com verbos não estativos explica-se pela relação temporal naturalmente associada também à relação de causa-efeito. A causa é interpretada como sendo temporalmente anterior ao efeito.

As causais infinitivas distinguem-se ainda das causais finitas por ocorrerem de forma não marcada com sujeitos nulos co-referentes com o sujeito da matriz:

- (27) a. O João sorriu *por ter achado graça à anedota*.  
b. ?O João sorriu *por a mãe ter achado graça à anedota*.

Quando a referência é disjunta, é preferida a frase com sujeito lexical, no caso de a flexão não identificar o sujeito nulo:

- (28) a. ??O João ralhou com [o filho]<sub>i</sub> por [-]<sub>i</sub> se ter portado mal.  
b. O João ralhou com [o filho]<sub>i</sub> por ele<sub>i</sub> se ter portado mal.
- (29) a. \*O João ralhou com [os filhos]<sub>i</sub> por [-]<sub>i</sub> se ter portado mal.  
b. O João ralhou com os filhos por (eles) se terem portado mal.

O sujeito da matriz é assim o controlador preferencial do sujeito nulo da adverbial infinitiva. Não se trata, no entanto, de uma relação de controlo obrigatória. O sujeito da adverbial infinitiva não precisa de ser controlado, contrariamente àquilo que acontece em contextos de infinitivo não flexionado em que o controlo é obrigatório. São assim gramaticais infinitivas causais com sujeitos expletivos, por exemplo:

- (30) O Zé ficou em casa por estar muito frio.  
(31) A sessão começou mais tarde por haver pouca gente na sala.  
(32) ?Os alunos ficaram contentes por ter sido anunciado que ia haver greve.

A identificação do sujeito nulo da adverbial infinitiva é feita através de

propriedades morfológicas da flexão e de factores de ordem semântica e pragmática.

Note-se que, apesar de ter considerado aqui todas as estruturas causais/explicativas, não vou considerar como subordinadas as estruturas com comportamentos mais próximos da coordenação, pelas razões que foram referidas em 2.

### 3.2.2. Orações finais

As orações finais podem ser subdivididas em  finais de evento, que expressam a finalidade do estado de coisas descrito na matriz (cf. (33)), e  finais de enunciação, estando a oração final, neste caso, a modificar explícita ou implicitamente a própria situação de enunciação (cf. (34)):

- (33) a. O Zé telefonou à mãe *para lhe dizer que já tinha chegado*.  
b. O João abriu a janela *para que a sala arrefecesse um pouco*.
- (34) a. *Para ser sincero*, acho que não devias telefonar-lhe.  
b. *Para que saibas*, vou ser promovido.

As finais de enunciação manifestam algumas restrições que mostram claramente a sua ligação à situação de enunciação. Com alguns predicados, só é possível o verbo na primeira pessoa:

- (35) a. *\*Para serem sinceros*, aqueles alunos não vão passar no exame.  
b. *Para ser sincero*, aqueles alunos não vão passar no exame.

Ainda, as finais de enunciação nem sempre podem ocorrer em encaixadas:

- (36) a. Para que todos fiquem informados, o Zé disse que aquele aluno vai reprovar.  
b. *\*O Zé disse que, para que todos fiquem informados, aquele aluno ia reprovar*.

Normalmente, as orações finais implicam que na matriz esteja envolvido um argumento animado, dotado de intencionalidade. Veja-se a agramaticalidade das frases a., b. e c. de (37):

- (37) a. \*A janela abriu-se para arejar o quarto.<sup>5</sup>  
 a'. Abriu a janela para arejar o quarto.  
 b. \*A chuva caiu para alagar os campos.  
 c. \*A sopa ferveu para ficar bem quentinha.  
 c'. Fervi a sopa para ela ficar bem quentinha.

O argumento dotado de intencionalidade pode ser o sujeito, mas pode também ser o agente da passiva:

- (38) O livro foi comprado (por x) *para todos o poderem consultar*.

No entanto, são também possíveis orações finais com uma oração matriz em que não existe nenhum argumento com traços intencionais. Segundo Landau (2000: 179), isso pode acontecer quando o evento da matriz é interpretado como tendo um carácter intencional (cf. (39)):

- (39) a. Jesus morreu *para nos salvar*.  
 b. Esta casa tem uma varanda *para se poder ver o mar*.

Tal como foi dito relativamente às causais, também nas finais o sujeito matriz é o controlador preferencial (mas não obrigatório) do sujeito nulo da adverbial infinitiva. Nos contextos de referência disjunta, é preferida a realização do pronome lexical ou a final finita:

- (40) a. O João<sub>i</sub> chamou o Zé<sub>j</sub> para [-]<sub>i/?\*</sub> lhe dar uma informação.  
 b. O João<sub>i</sub> chamou o Zé<sub>j</sub> para ele<sub>j/\*i</sub> lhe dar uma informação  
 c. O João<sub>i</sub> chamou o Zé<sub>j</sub> para que (ele)<sub>j/\*i</sub> lhe desse uma informação.  
 (41) a. O médico tratou o doente<sub>i</sub> para ?\*(ele<sub>i</sub>) deixar de ter insónias.  
 b. O médico tratou os doentes para ??(eles) deixarem de ter insónias.

As finais finitas apresentam obrigatoriamente o verbo no conjuntivo:

---

<sup>5</sup> Esta frase pode tornar-se gramatical na interpretação em que *se* não é uma partícula ergativa, mas sim um indefinido, equivalente a um sujeito nulo arbitrário de 3<sup>a</sup>p.pl.:

i) Abriu-se a janela para arejar o quarto. (alguém abriu a janela...)  
 ii) Abriram a janela para arejar o quarto.

- (42) a. \*Tens de te esconder para que ele não te encontra.  
 b. Tens de te esconder para que ele não te encontre.

As infinitivas finais em português são estruturas em que ocorre normalmente o infinitivo flexionado, à semelhança do que acontece com a maioria das estruturas de subordinação adverbiais infinitivas, e em que pode ocorrer um sujeito lexicalizado em posição pré-verbal:

- (43) Tens de te esconder para os outros meninos não te encontrarem.  
 (44) a. O João telefonou aos pais para eles ficarem mais descansados.  
 b. \*O João telefonou aos pais para (eles) ficar mais descansados.

Noutras línguas românicas (cf. italiano, catalão), as orações finais podem ser introduzidas pelo mesmo conector que introduz orações causais, o que se explica pela grande proximidade semântica que existe entre estas estruturas (cf. Galán Rodríguez 1999 e Viana 1990).

Em português, dialectalmente, é possível encontrar expressões que tipicamente expressariam a causa - *por causa de* - a introduzir orações finais infinitivas:

- (45) Quando é muito, o pão, a gente começa a deitar assim encostadinho, que é por causa de levar tudo. (Cordial-sin, PST47)  
 (46) Aquele buraco enfia no tolete e é que segura o remo direito para poder remar. (...) Sim, que é por causa de o remo não andar a dançar. (Cordial-sin, VPA02)  
 (47) Aquilo é por causa de as feiticeiras não entrar lá dentro. (Cordial-sin, VPA38)<sup>6</sup>

Encontram-se ainda em registos não standard expressões como *por via de*, *por mor de...* com sentido final.

- (48) O boi bufou ò menino por mor di o quentar (Germil, Peixoto 1968: 192)  
 (49) Abia-te por mor d'irmos à missê (Quadrazais, Braga 1971: 177)  
 (50) ...que é por via de a sela não caminhar para a frente. (Cordial-sin, FLF50)

---

<sup>6</sup> Dialectalmente, pode encontrar-se o infinitivo não flexionado nalgumas adverbiais, mesmo com sujeito expresso.

Na realidade, existe uma forte proximidade entre orações finais e causais (cf. Galán Rodríguez 1999 e Viana 1990). Isto explica que, em muitas línguas, um mesmo conector possa introduzir quer umas quer outras, sendo muitas vezes o tempo, o aspecto ou o modo verbais os responsáveis pela interpretação causal ou final. Isto acontece em italiano (cf. (51)), em catalão (cf. (52)), em algumas variedades dialectais do português (cf. (53) e (54)), e em muitas outras línguas da Europa (cf. Kortmann 1998).

- (51) a. Il direttore è stato trasferito *per far lavorare di più i collaboratori*. (final)  
 b. Il direttore è stato trasferito *per aver fatto lavorare di più i collaboratori*.  
 (causal)

(Giusti 1991: 744)

- (52) a. Han protestat davant la direcció *per aconseguir un canvi en el torn de vacances*. (final)  
 b. Han protestat davant la direcció *per permetre aquells abusos*. (causal)

(Viana 1990: 375)

- (53) s'eu bou à bossa festa é *por cantar e balhar*

(Quadrazais, Braga 1971: 177)

- (54) ... e iim *por buscar a gente stevess'a gent'onde stevesse*

(Escusa, Baptista 1967: 156)

Nas orações finais, a relação de ordenação temporal entre matriz e subordinada é invertida, i.e., é oposta àquela que se verifica para as causais: o tempo da subordinada é sempre posterior ao tempo da matriz. A orientação da relação causa/efeito é alterada.

Isto explica a razão pela qual o infinitivo composto não aparece geralmente em finais (cf. (55)), a não ser que a matriz tenha um V modal no futuro do pretérito, sendo o evento da final interpretado como não tendo sido realizado (cf. (56)):

- (55) a. \*A Ana está em casa para ter feito companhia à mãe durante a tarde.  
 b. A Ana está em casa para fazer companhia à mãe durante a tarde.

- (56) ?A ana teria de ter trabalhado mais para ter conseguido uma nota melhor.

Devem ser distinguidas das adverbiais finais as orações introduzidas por *para* seleccionadas por predicados como *pedir* ou *dizer*, que não têm um estatuto de adjunto:

- (57) a. O João pediu à Ana *para sair*.  
b. O João disse ao Zé *para se portar bem*.

Estas orações distinguem-se das finais adjuntas por admitirem a extracção de um seu constituinte (cf. (58)b vs. (59)b.):

- (58) a. O João pediu à Ana *para comer um palmier*.  
b. *Que bolo é que o João pediu à Ana para comer?*
- (59) a. O João comeu a sopa toda *para poder comer um palmier*.  
b. *\*Que bolo é que o João comeu a sopa toda para poder comer?*

Podem ainda alternar com completivas finitas e não admitem a omissão da oração introduzida por *para* (cf. (60)), o que não acontece com as finais adjuntas (cf. (61)):

- (60) a. O João pediu à Ana *para sair*.  
b. O João pediu à Ana *que saísse*.  
c. \*O João pediu à Ana.
- (61) a. O João abriu a janela *para o quarto arrefecer*.  
b. \*O João abriu a janela *que o quarto arrefecesse*.  
c. O João abriu a janela.

Estes contrastes mostram claramente que nem todas as orações introduzidas por *para* devem ser consideradas adjuntas.

### 3.2.3. Orações temporais<sup>7</sup>

Semanticamente, as orações temporais formam um grupo heterogéneo, incluindo uma diversidade de estruturas com valores temporais e aspectuais distintos. Manifestam assim diferentes restrições de natureza temporo-aspectual, nomeadamente quanto à classe aspectual (*Aktionsart*) quer do predicado da subordinada, quer do predicado da

---

<sup>7</sup> Agradeço a Telmo Mória pelos comentários que fez a uma versão anterior desta secção, que me levaram a reformular uma série de observações, assim como pelas indicações bibliográficas que me forneceu.

matriz. Apesar de todas as subordinadas adverbiais temporais poderem caracterizar-se como adverbiais de localização (cf. Kamp & Reyle 1993), servindo, por conseguinte, para localizar o evento da matriz relativamente ao evento da subordinada, é possível estabelecer subdivisões que estão pelo menos parcialmente relacionadas com a natureza do conector que as introduz. Como é óbvio, não é objectivo deste trabalho fazer uma análise exaustiva da semântica das temporais. Vou, no entanto, referir alguns aspectos da semântica específica das orações introduzidas por cada conector, baseando-me, tanto quanto possível, naquilo que é dito na literatura.

i) temporais com *antes de/que* e *depois de*

Um subconjunto de orações temporais permite localizar o intervalo de tempo em que decorre o estado de coisas da matriz, marcando-o como sendo anterior (*antes de* + inf.) ou posterior (*depois de* + inf...) ao intervalo de tempo em que decorre o evento da subordinada<sup>8</sup>:

(62) O Zé arrumou os brinquedos *antes de o pai chegar a casa*.

(63) O Zé arrumou os brinquedos *depois de o pai chegar a casa*.

As temporais introduzidas por *antes*, para além do valor temporal, podem adquirir um traço semântico adicional, que implica uma leitura não factual, i.e. em que o evento da subordinada não é realizado.

Essa leitura parece ser senão exclusiva, pelo menos preferencial, para as orações com <*antes que* + conj.>. Estas parecem ter uma modalidade particular que implica não só a irrealidade do evento da subordinada, como também, até certo ponto, uma intencionalidade associada a um argumento agente, o que resulta, quando essa leitura não é possível, num desvio de gramaticalidade (cf. (69)b):

(64) Vamos apanhar os brinquedos, *antes que o pai chegue a casa e tenha um ataque*.

(65) O João atravessou a rua *antes que eu tivesse tempo de o agarrar*.

(66) O director resolveu convocar uma reunião *antes que as coisas piorassem*.

---

<sup>8</sup> Parece-me que o uso das orações introduzidas pelo conector *depois que*, referido em várias gramáticas, deixou de ser produtivo em português europeu padrão. O seu comportamento, no entanto, não parece diferir substancialmente das infinitivas com *depois de*.

Em determinados contextos, essa mesma leitura parece poder ocorrer com <antes de + inf.>:

(67) O João atravessou a rua *antes de eu ter tempo de o agarrar*.

No entanto, é claro que existe um contraste entre finitas e infinitivas, uma vez que elas nem sempre têm a mesma distribuição. Veja-se os contrastes entre as seguintes frases:

(68) a. Arruma os brinquedos, *antes que o pai se zangue!*

b. \*Arruma os brinquedos, *antes de o pai se zangar!*

(69) a. O sinal tocou *antes de o combóio passar*.

b. ??/\*O sinal tocou *antes que o combóio passasse*.

ii) temporais com *desde que* e *até (que)*

Um outro tipo de temporais delimita a fronteira temporal inicial ou terminal do estado de coisas descrito na subordinada, localizando o evento da matriz relativamente a esse intervalo de tempo<sup>9</sup>. As temporais com *desde que* marcam o limite temporal inicial do estado de coisas da matriz ou o limite inicial do intervalo de tempo durante o qual o evento da matriz tem lugar. As temporais com *até + inf.* (e *até que*) marcam o limite temporal terminal do estado de coisas da matriz ou o limite terminal do intervalo de tempo durante o qual o evento da matriz tem lugar (cf. Móia 1995):

(70) O Zé está a chorar *desde que chegou a casa*.

(71) O Zé usou chucha *até entrar para o infantário*.

Normalmente, o evento da matriz caracteriza-se por ter duração, correspondendo a um estado ou a um processo (na tipologia de Moens & Steedman 1988).

(72) a. O bebé gritou *até que alguém lhe desse a chupeta*.

b. O bebé gritou *até chegar a casa*.

(73) O João está deitado *desde que chegou a casa*.

---

<sup>9</sup> Em Móia 1995 são descritas várias propriedades das expressões em que ocorrem *desde* e *até*, analisando-se casos em que se verificam situações aparentemente excepcionais, como por exemplo a ocorrência de eventos pontuais na matriz ou de eventos não pontuais na subordinada.

No entanto, podem ocorrer eventos instantâneos (*achievements*) quando o evento pode ser interpretado como iterado, por exemplo (cf. Mória 1995):

- (74) a. \*Desde que estou aqui a viver, o meu vizinho morreu.
- b. Desde que estou aqui a viver, já morreram três pessoas.

Por sua vez, as orações seleccionadas por *desde* ou *até* também estão sujeitas a restrições aspectuais. No caso não marcado, correspondem a eventos pontuais, que assinalam a fronteira inicial ou final do estado de coisas prolongado da matriz:

(75) O Zé está a dormir *desde que chegou a casa*.

(76) O Zé chorou *até chegar a casa*.

Podem também corresponder a estados ou a *accomplishments* (cf. Vendler 1967), mas, neste caso, como refere Mória 1995, estamos perante uma mudança de classe aspectual: os estados de coisas passam a ter uma interpretação de *achievements*, na medida em que é o limiar inicial do estado ou o ponto final - culminação - do *accomplishment* que são relevantes e não toda a extensão temporal:

(77) O Paulo vive em Paris *desde que está reformado*.

(78) O Paulo viveu em Paris *até ser adulto*.

(79) O Paulo vive em Paris *desde que escreveu o seu último romance*.

(80) ?O Paulo viveu em Paris *até escrever o seu último romance*.

(exs. de Mória 1995: 355)

As temporais com *desde* têm ainda a particularidade sintáctica de permitirem a ocorrência de um complementador antes da frase matriz quando estão em posição inicial. O valor da temporal com e sem o complementador é diferente, o que se traduz no facto de a omissão ou presença do complementador provocar diferentes juízos de gramaticalidade:

(81) Desde ontem \*(que) não como nada.

(82) Desde que começou o verão (que) o rio está assim.

(83) Desde que os pais se separaram (que) o Zé nunca mais foi o mesmo.

(84) Desde que Israel ocupou aqueles territórios (\*que) já houve inúmeros

atentados.

Estes contrastes sugerem diferentes estruturas para as frases com e sem complementador.

iii) temporais com *sempre que, todas as vezes que e cada vez que*

As orações temporais introduzidas por *sempre que, todas as vezes que, cada vez que* quantificam temporalmente o evento da matriz, estabelecendo uma correlação com o evento da subordinada (cf. Swart 1993). Estas temporais indicam geralmente que o evento da matriz ocorre com a mesma frequência com que ocorre o evento da subordinada, e que há sobreposição dos dois intervalos de tempo (estando o evento da matriz incluído no intervalo de tempo definido pela subordinada) ou contiguidade temporal entre os dois eventos (sendo o evento da matriz imediatamente posterior ao da subordinada):

(85) O João liga a televisão *sempre que chega a casa*.

(86) O Zé cora (*de*) *cada vez que lhe dirigem a palavra*.

(87) O Zé falta às aulas *sempre que está a chover*.

Observem-se, a título de exemplo, os seguintes contrastes:

(88) a. \*O João morre *sempre que tem um exame*.

b. O João adoece *sempre que tem um exame*.

Os contrastes entre as frases a. e b. de (88) mostram que as temporais com *sempre* parecem ser incompatíveis com orações matriz cujos predicados denotam eventos que, por definição, são únicos. Veja-se, no entanto, que a oração se torna possível se o evento adquirir um valor genérico:

(89) As flores morrem *sempre que ficam com falta de água*.

As orações introduzidas por *sempre* parecem aproximar-se semanticamente do valor que tem o advérbio *sempre* na frase seguinte. Veja-se a proximidade entre as frases a. e b.:

(90) a. *Quando está a chover*, o Zé falta *sempre* às aulas.

b. O Zé falta às aulas *sempre que está a chover*.

*Sempre*, neste contexto (veja-se Ambar, Gonzaga & Negrão 2002), funciona assim como um operador temporal de correlação de eventos. A oração que introduz parece comportar-se como uma relativa que restringe o valor quantificacional do Adv.

Este comportamento não é exclusivo do Adv *sempre*. Como veremos, pode admitir-se o mesmo tipo de relação sintáctica para conectores como *logo que*.

Voltarei à estrutura sintáctica dos conectores de adverbiais mais à frente.

#### iv) temporais com *enquanto*

As orações temporais introduzidas por *enquanto* localizam o intervalo de tempo em que decorre o evento da matriz como estando incluído no intervalo de tempo da subordinada ou como sendo totalmente sobreposto ao intervalo de tempo da subordinada, o que implica geralmente que o evento da subordinada tenha alguma duração.

(91) *Enquanto o João corrigiu os testes*, o Pedro viu os desenhos animados.  
(sobreposição total)

(92) *Enquanto o João estava a dormir*, a Lúcia chegou. (inclusão)

Há alguns contextos em que a oração perde o valor temporal e passa a funcionar como contrastiva (cf. Peres 1997 e.o. para a identificação das contrastivas), nomeadamente quando ocorrem na subordinada predicados que denotam eventos instantâneos como em (93):

(93) *Enquanto o João chegou*, o Paulo saiu.

Nas temporais com *enquanto*, o intervalo de tempo do evento da matriz pode estar incluído no intervalo de tempo do evento da subordinada ou pode haver sobreposição total entre os dois intervalos de tempo. O evento da subordinada é geralmente perspectivado como sendo prolongado, i.e. como tendo duração:

(94) O João adormeceu *enquanto a mãe lhe cantava uma cantiga*.

(95) Os avós tomaram conta do Zé *enquanto os pais estiveram fora*.

De um ponto de vista sintáctico, as orações com *enquanto*, pelo menos em alguns contextos, parecem ter um comportamento de relativas livres (cf. Alves 1999: 58), à

semelhança do que acontece com as orações introduzidas por *quando*. O carácter relativo das orações introduzidas por *quando*, bem como das orações de modo com *como*, foi defendido especificamente para o português em Mória 2001.

Reservo a discussão do estatuto gramatical deste conector para mais tarde.

Como me foi dito por T. Mória (c.p.), existem, no entanto, contextos em que a subordinada com *enquanto* não tem um comportamento de adverbial de duração:

(96) O Zé acabou de escrever a carta *enquanto eu estive a falar*.

Nesta frase, a subordinada adverbial não é parafraseável com um adverbial de duração '*durante x tempo*', uma vez que o evento da matriz é pontual:

(97) \*O Zé acabou de escrever a carta *durante duas horas*.

Note-se, contudo, que é possível parafrasear a adverbial através de uma expressão em que o argumento temporal seleccionado pela P *durante* está modificado por uma relativa:

(98) O Zé acabou de escrever a carta *durante o tempo em que eu estive a falar*.

Assim, embora as subordinadas com *enquanto* não sejam equivalentes a adverbiais de duração, elas parecem ter um comportamento equivalente ao das expressões em que *durante* selecciona uma expressão nominal modificada por uma relativa '*durante x tempo em que...*', como observa Alves 1999. A autora refere que nestas expressões o núcleo do complemento de *durante* designa uma quantidade de tempo e não um intervalo de tempo. De acordo com a autora, os localizadores temporais com *durante* impõem uma restrição de duratividade na situação descrita na relativa. Parece-me que é exactamente isso que acontece na maioria das orações introduzidas por *enquanto*.

Ainda em contextos como o de (99), a adverbial não se comporta como um adverbial de duração (ou de medição temporal). De acordo com Mória (1995, 1999), trata-se de contextos em que existe 'verificação total do intervalo de localização':

(99) O Paulo teve dois acidentes *enquanto a Ana esteve internada*.

Estas adverbiais comportam-se como as adverbiais introduzidas por *durante*

seguido de uma expressão temporal modificada por uma relativa:

(100) O Paulo teve dois acidentes *durante o tempo que a Ana esteve internada*.

Existem, contudo, alguns contextos em que *enquanto* parece ter um comportamento diferente. Trata-se de contextos como os seguintes:

(101) Não vos conto a história *enquanto não estiverem sentados*.

(102) Não saio da sala *enquanto a sessão não acabar*.

(103) Não posso sair *enquanto o Zé não chegar*.

Aqui a subordinada não é parafraseável por *durante o tempo em que*:

(104) \*Não vos conto a história *durante o tempo em que não estiverem sentados*.

A subordinada parece definir um limite temporal para o evento da matriz (recategorizado como estado pela presença da negação), aproximando-se de uma subordinada com *até*:

(105) Não vos conto a história *até que estejam sentados*.

Por outras palavras, a negação da matriz parece comportar-se como uma partícula focalizadora, incidindo sobre a subordinada, sendo a frase parafraseável por:

(106) Conto-vos a história, *mas não enquanto não estiverem sentados*.

v) temporais com *à medida que*

As orações introduzidas por *à medida que* exprimem que um determinado evento (o da matriz) sofre uma mudança (ou intensificação de um estado) que é gradual e progressiva no tempo, sobrepondo-se temporalmente a outro evento - o da subordinada - que também ele implica uma progressão:

(107) *À medida que nos aproximamos da fronteira*, a paisagem fica mais agreste.

(108) *À medida que o João lhe contava a história*, a Ana ia ficando cada vez mais sonolenta.

(109) *À medida que o tempo passa*, a angústia da Ana aumenta.

Note-se que algumas destas frases podem ser parafraseadas com comparativas

correlativas:

(110) Quanto mais nos aproximamos da fronteira, mais a paisagem fica agreste.

(111) Quanto mais o tempo passa, mais a angústia da Ana aumenta.

Tanto na subordinada, como na matriz, não ocorrem geralmente eventos pontuais, nem predicados estativos. Podem, no entanto, ocorrer eventos pontuais quando estes são encarados no seu processo preparatório.

(112) \**À medida que o João estava magro*, a mãe ficava cada vez mais preocupada.

(113) *À medida que o João vai emagrecendo*, a mãe fica cada vez mais preocupada.

(114) \**À medida que o João chega a casa*, o Pedro sai.

A agramaticalidade do seguinte exemplo comprova que se trata aqui de uma 'proporção' temporal e não de uma 'proporção' de quantidade:

(115) \**À medida que o João é grande*, o Pedro é pequeno.

Este tipo de orações é classificado nas gramáticas brasileiras como 'orações proporcionais' a par de outras estruturas de tipo correlativo com comportamentos (sintáticos e semânticos) diferentes, como por exemplo *quanto mais...mais...*, *quanto menos...menos...*. Estas estruturas, que envolvem sempre uma quantificação e em que existe uma correlação entre a oração matriz e a oração dita subordinada, são mais facilmente aproximáveis das estruturas comparativas. Culicover & Jackendoff 1999 designam-nas de 'comparativas correlativas' e põem em causa inclusivamente o seu estatuto subordinativo (cf. § 2.6.). As comparativas correlativas, ao contrário das orações introduzidas por *à medida que*, não têm um valor exclusivamente temporal:

(116) a. Quanto mais baixo se é, mais dificuldade se tem em ver.

b. \**À medida que se é baixo*, tem-se mais dificuldade em ver.

(117) a. Quanto mais apostas fizeres, maior é a probabilidade de ganhares.

b. \**À medida que fazes apostas*, maior é a probabilidade de ganhares.

Assim, quanto a mim, apenas um subconjunto das estruturas classificadas como

'proporcionais' nas gramáticas brasileiras deve ser aproximado das orações temporais.

vi) temporais com *logo que, assim que e mal*

As orações temporais introduzidas pelos conectores *assim que, logo que e mal* têm a particularidade de localizarem o estado de coisas da matriz relativamente a um evento, geralmente pontual, que ocorre num intervalo de tempo imediatamente anterior àquele em que ocorre o evento da matriz. Também o estado de coisas da matriz, geralmente, não é estativo:

(118) *Logo que chega da escola*, o Zé liga a televisão.

(119) *Assim que chega da escola*, o Zé liga a televisão.

(120) *Mal chega da escola*, o Zé liga a televisão.

São assim geralmente excluídos destas subordinadas predicados que denotam eventos de carácter durativo, tais como estados ou processos (actividades, na tipologia de Vendler 1967). Quando ocorrem estados ou processos, estes são interpretados como denotando o limiar inicial desse estado ou processo e não o estado ou processo em si:

(121) *Assim que estiveres em Paris*, telefona-me.

(122) *Logo que o João esteja em casa*, poderemos começar a jantar.

Veja-se ainda os seguintes contrastes entre frases com predicados de estado ou de processo (exemplos a.) e predicados que denotam eventos instantâneos (exemplos b.):

(123) a. ?*Mal está cansado*, o Pedro senta-se.

b. *Mal fica cansado*, o Pedro senta-se.

(124) a. ?*Logo que corre*, o Pedro fica com falta de ar.

b. *Logo que começa a correr*, o Pedro fica com falta de ar.

(125) a. ??*Mal gosta de alguém*, o Zé descontrola-se.

b. *Mal se apaixona por alguém*, o Zé descontrola-se.

(126) a. \**Assim que dorme*, o Pedro tem pesadelos.

b. *Assim que adormece*, o Pedro tem pesadelos.

vii) temporais com *ao* + infinitivo

As temporais com <*ao* + infinitivo> localizam o estado de coisas da matriz como sendo temporalmente sobreposto ao da subordinada, ou imediatamente posterior ao da subordinada.

(127) *Ao chegar a casa*, o Zé viu que a porta tinha sido forçada.

(128) *Ao correr*, o Zé sentiu-se mal.

São normalmente excluídos desta construção os verbos estativos:

(129) \**Ao estar de cama*, o Zé pôde pensar melhor na sua vida.

O infinitivo composto não ocorre nestas construções com sentido temporal. Quando ocorre, a construção adquire um valor causal:

(130) a. *Ao fazer o exame*, o Zé sentiu-se mal.

b. \**Ao ter feito o exame*, o Zé sentiu-se mal.

(131) a. *Ao abrir a caixa*, Pandora libertou os males do mundo.

‘Quando abriu a caixa, ...’

b. *Ao ter aberto a caixa*, Pandora libertou os males do mundo.

‘Por ter aberto a caixa, ...’/# ‘Quando abriu a caixa ...’

A leitura causal pode ser desencadeada por outros factores ainda, tais como a presença da negação ou a classe aspectual do verbo (estativo):

(132) *Ao não responder à questão que lhe colocaram*, aquele político deixou implícita a sua posição.

(133) ?*Ao ser antipático*, o Zé afasta todos os seus amigos.

Nestas orações, o sujeito é geralmente omissivo e co-referente com o sujeito da matriz:

(134) \**Ao o Zé abrir a porta*, (o Paulo) apanhou um susto.

(135) \**Ao ele abrir a porta*, (o Paulo) apanhou um susto.

(136) \*Ao abrir o Zé a porta, (o Paulo) apanhou um susto.

(137) *Ao abrir a porta*, o Zé apanhou um susto.

(138) *Ao tossir*, o Zé sentiu uma dor forte no peito.

Pode, no entanto, ser realizado - em posição pós-verbal - quando se trata de um verbo inacusativo:

(139) *Ao chegar a encomenda*, o Paulo deu um grito de alegria.

(140) \**Ao tossir o João*, o Paulo assustou-se.

#### viii) temporais com *quando*

De todos os conectores temporais, *quando* é aquele cujo valor é menos específico. Assim, as orações com *quando* podem exprimir anterioridade (cf. (143)), simultaneidade (cf. (142)) ou posterioridade (cf. (141)) relativamente à matriz (cf. Cunha 2000):

(141) *Quando construíram a nova ponte*, contrataram arquitectos famosos.

(142) *Quando construíram a nova ponte*, usaram materiais de má qualidade.

(143) *Quando construíram a nova ponte*, despediram todos os trabalhadores.

(exemplos de Cunha 2000)

No entanto, com a temporal anteposta, segundo Cunha 2000, a anterioridade é de longe a situação menos marcada. A relação de ordenação temporal corresponderá, pois, de forma não marcada à ordenação das orações no discurso.

Seria inviável referir aqui todos os valores que as orações com *quando* podem assumir. Remeto assim para os trabalhos de Cunha 2000 e Carecho 1996. Esta autora observa que os valores das orações com *quando* são determinados por uma série de factores, entre os quais estão a classe aspectual dos predicados da matriz e da subordinada, a combinação dos tempos gramaticais dos verbos da matriz e da subordinada, e ainda a determinação nominal. A autora analisa especificamente construções de localização temporal com *quando* (cf. (144)), em que "a situação referida pela oração principal é localizada no tempo relativamente à situação referida pela oração subordinada", construções de quantificação temporal com *quando* (cf.

(145)), em que há "aplicação da mesma relação de localização temporal a ocorrências repetidas das situações em causa", e construções de quantificação que estabelecem correlações entre propriedades (cf. (146)), em que há "uma associação regular de duas situações, tratando-se neste caso não de situações localizadas num dado intervalo de tempo, como nos anteriores, mas de propriedades de objectos que realizam determinadas espécies" (cf. Carecho 1996: 130):

(144) Quando ela andava na escola adorava Matemática.

(145) Quando o meu pai defendia a tropa, ele respondia-lhe que também ele ficara a marcar passo em capitão.

(146) Quando uma mulher ia ao café não era considerada respeitável.

As orações com *quando* podem indicar quer sobreposição temporal de dois estados de coisas (cf. (147)), quer a inclusão temporal de um evento no outro (cf. (148) e (149)):

(147) *Quando estou doente, não tenho apetite.*

(148) *Quando o João chegou, o Pedro estava a dormir.*

(149) *Quando o João esteve doente, o Pedro visitou-o.*

Como é referido para outras línguas em Rooth 1985 e Swart 1993 (cf. exemplos (150)-(152)), é possível a ocorrência de várias temporais na mesma frase:

(150) *When John is at the beach, he always squints when the sun is shining.*

(151) *Quand il est en vacances, Jean va souvent à la plage quand il y a eu un orage.*

(152) *Quand il est à la plage, Jean cligne toujours des yeux quand il fait du soleil.*

(153) *Quando o João está doente, quer sempre um presente quando a mãe chega a casa.*

(154) *Quando o João está na praia, nunca tira a camisola quando o sol está muito forte.*

De um ponto de vista sintáctico, a possibilidade de termos várias temporais na mesma frase, assim como o facto de alguns advérbios de tempo funcionarem como quantificadores temporais com escopo sobre a subordinada dão informação relevante sobre a estrutura da frase.

x) temporais com *quando* e *até que* em posição final

Nas orações introduzidas por conectores temporais, existe um subconjunto de orações que se caracterizam por ocorrerem obrigatoriamente em posição final, por não poderem ser antepostas. Trata-se de orações introduzidas por *quando* (ou *eis senão quando*) ou por *até que* com o verbo no pretérito perfeito ou no presente, estando o verbo matriz normalmente no imperfeito. Este tipo de orações temporais descreve uma situação pontual que interrompe uma situação de carácter durativo (cf. Renzi & Salvi 1991; Berta *et al.* 1999; García Fernández 1999). Pode dizer-se que têm uma função narrativa.

(155) a. O João estava quase a chegar ao 7º andar, *quando de repente o elevador parou.*

b. ?\**Quando de repente o elevador parou, o João estava quase a chegar ao 7º andar.*

(156) a. O João estava já a entrar no comboio, *quando subitamente se lembrou que não tinha comprado o passe.*

b. ?\**Quando subitamente se lembrou que não tinha comprado o passe, o João estava já a entrar no comboio.*

(157) a. O João estava a atravessar a rua, *eis senão quando passa um carro a alta velocidade que quase o atropela.*

b. \**Eis senão quando passa um carro a alta velocidade que quase o atropela, o João estava a atravessar a rua.*

(158) a. O João brincou com o castelo de areia durante toda a manhã, *até que subiu a maré e destruiu tudo...*

b. \**Até que subiu a maré e destruiu tudo, o João brincou com o castelo de areia durante toda a manhã.*

Se a oração puder ser anteposta, perde a leitura sequencial e passa a ter outra interpretação. Dadas as características muito particulares destas orações, nomeadamente a impossibilidade de serem antepostas, não as vou considerar na classe das subordinadas adverbiais.

### 3.2.4. Orações condicionais e condicionais-concessivas

Segundo Peres, Mória & Marques (1999: 629), em termos informais:

« [...] temos uma construção condicional sempre que duas proposições  $\phi$  e  $\psi$  são conectadas de modo tal que o resultado da conexão (digamos, a frase composta) asseve que sempre que  $\phi$  é verdadeira  $\psi$  também o é (ou, em terminologia lógica, que  $\phi$  é condição suficiente de  $\psi$  e que  $\psi$  é condição necessária de  $\phi$ , designando-se a primeira proposição por "antecedente" ou "prótase" e a segunda por "consequente" ou "apódose".»

Em Peres, Mória & Marques 1999, é proposta uma tipologia das construções condicionais que distingue duas grandes classes, com posteriores subdivisões, o que resulta em cinco classes diferentes de condicionais. A primeira distinção subdivide as condicionais em:

- a) construções monocondicionais
- b) construções bicondicionais.

As primeiras caracterizam-se por envolverem uma implicação simples [ $p \rightarrow q$ ]. As segundas, as bicondicionais ou condicionais de condição necessária e suficiente, envolvem estruturas bicondicionais do cálculo proposicional [ $p \leftrightarrow q$ ].

Dentro das construções monocondicionais, distinguem os autores entre construções monocondicionais de condição suficiente e construções monocondicionais de condição necessária. As primeiras são ainda subdivididas em monocondicionais de condição suficiente fechada e monocondicionais de condição suficiente aberta (ou incondicionais). Dentro das bicondicionais, distinguem entre bicondicionais directas e indirectas.

Ficamos assim com o seguinte quadro, em que se podem identificar cinco classes de construções condicionais (cf. Peres, Mória & Marques 1999):

construções condicionais				
monocondicionais			bicondicionais	
com marcação da condição suficiente (ou de condição suficiente)		com marcação da condição necessária (ou de condição necessária)	directas	indirectas
de condição suficiente fechada  1)	de condição suficiente aberta (ou incondicionais)  2)			
			4)	5)

Embora os trabalhos semânticos sobre as condicionais incidam quase sempre apenas sobre condicionais com *se*, existem muitos outros conectores, de natureza mais complexa, que podem introduzir orações condicionais.

Peres, Mória & Marques 1999 associam diferentes conectores a cada subtipo semântico.

Introduzindo orações subordinadas em construções condicionais de condição suficiente fechada podemos ter conectores como *se, caso, no caso de, na condição de e a + infinitivo*. Em condicionais de condição suficiente aberta (a que se chama por vezes incondicionais ou condicionais-concessivas) podemos ter *mesmo que, mesmo se, por muito que, por mais que, nem que, quer...quer..., e qualquer que seja...* Nas condicionais de condição necessária, podemos ter os conectores *se, caso e no caso de* do primeiro grupo precedidos de um 'operador de exclusão' ou 'partícula focalizadora' como *só, somente* ou *apenas*. Em construções bicondicionais directas encontramos os conectores *desde que e contanto que* (cf. inglês *provided that*), a expressão *se e só se*, e ainda os conectores das condicionais de condição necessária precedidos da conjunção adversativa *mas* e de um 'operador de exclusão' como *só*. Finalmente, nas bicondicionais indirectas podemos encontrar os conectores *excepto se, salvo se, a menos que*, e *a não ser que* (cf. inglês *unless*).

O subconjunto das estruturas condicionais a que se tem chamado condicionais-concessivas (CC) ou incondicionais, por sua vez, pode ser dividido em várias classes (cf. Haspelmath & König 1998; Flamenco García 1999; Peres, Mória & Marques 1999): a) CC escalares ou selectivas (cf. (159)); b) CC universais (cf. (159)); c) CC alternativas (cf. (159)).

- (159) a. Mesmo que não haja financiamento, o projecto vai para a frente.  
 b. Qualquer que seja o financiamento obtido, o projecto vai para a frente.  
 c. Quer haja financiamento quer não, o projecto vai para a frente.

Em português, as CC do primeiro tipo podem ser introduzidas por um dos seguintes conectores: *mesmo que*, *mesmo se*, *ainda que*, *por mais que*, *por muito que*, *nem que*; as do segundo tipo por expressões que envolvem quantificação universal como *qualquer que seja*, e as do terceiro tipo por um conjunto de proposições coordenadas como *quer...quer...*, *seja... seja...* (cf. Peres, Mória & Marques 1999).

Dada a particularidade sintáctica dos tipos b) e c), nomeadamente o facto de envolverem ou processos de quantificação ou processos de coordenação não os tratarei aqui.

Dado que este trabalho não tem como objectivo tratar a semântica das construções condicionais, não são contempladas todas as variantes semânticas de condicionais. Em particular, são excluídas as construções condicionais em que não é claro que estejam envolvidos processos de subordinação.

Assim, considero que as expressões *mas só se*, *mas apenas se*, *mas só no caso de*, *mas só na condição de*, que Peres, Mória & Marques 1999 referem como conectores em construções bicondicionais directas, não devem ser tratadas aqui, porque creio que estamos neste caso perante estruturas que são claramente coordenadas, de um ponto de vista sintáctico, através da conjunção de coordenação adversativa *mas*. Veja-se que, contrariamente a *desde que* e *contanto que*, que, segundo os autores, pertencem ao mesmo subgrupo semântico, os conectores acima referidos não podem antepor-se nem podem ser coordenados:

- (160) a. Eu dou-te um chocolate, *mas só se te portares bem*.  
 b. \**Mas só se te portares bem*, eu dou-te um chocolate.  
 (161) a. Eu dou-te um chocolate, *desde que te portes bem*.  
 b. *Desde que te portes bem*, eu dou-te um chocolate.  
 (162) a. A reunião pode começar, *contanto que estejam todos de acordo*.  
 b. ?*Contanto que estejam todos de acordo*, a reunião pode começar.

(163) Eu dou-te um chocolate, *mas só se te portares bem e \*(mas só) se comeres a sopa toda*.

(164) *Desde que te portes bem e (desde) que comas a sopa toda*, eu dou-te um

chocolate.

(165) Contanto que estejam todos de acordo e contanto que haja quorum, a reunião pode começar.

Considero aqui as condicionais e condicionais-concessivas introduzidas pelos conectores *se, caso, na condição de, desde que, contanto que, a não ser que, a menos que, a + inf., ainda que, mesmo que, mesmo se, por mais que e por muito que*. Não considero *conquanto* por pertencer a um registo muito formal. Deixo ainda de parte as expressões *excepto se e salvo se* das bicondicionais indirectas, que correspondem ao conector *se* precedido de um elemento que marca a exclusão.

Não considerarei aqui as construções condicionais sem conector, em que não é claro que se verifique subordinação sintáctica, como se vê pela possibilidade de a oração dita matriz ser antecedida da conjunção *e*, que foram já referidas em 2.:

(166) Tivesse a ambulância chegado mais cedo, (e) talvez o Zé ainda fosse vivo.

As construções condicionais são ainda objecto de uma outra tipologia de carácter semântico, que estabelece subdivisões de acordo com o modo como o falante encara a realização dos factos expressos. Distingue-se assim entre condicionais factuais (ou reais), hipotéticas, e contrafactuais (ou irrealis) (cf. p.ex. Mateus *et al.* 1989: 298 e ss.).

As primeiras teriam o verbo mais frequentemente no indicativo:

(167) Se estava bom tempo, íamos à praia.

'Quando estava bom tempo, íamos à praia'

As segundas teriam o verbo normalmente no futuro do conjuntivo:

(168) Se te portares bem, levo-te ao cinema.

As terceiras têm o verbo ou no imperfeito do conjuntivo ou no mais-que-perfeito do conjuntivo, sendo muitas vezes a interpretação irreal condicionada por outros factores que não o tempo e modo verbal:

(169) Se eu soubesse quem era, não teria atendido o telefone.

(170) Se eu tivesse chegado mais cedo, teria arranjado lugar sentado.

Tal como acontece com as finais, as condicionais com *se* podem modificar o evento ou a situação de enunciação (cf. Quirk *et al.* 1985 afirmam que no primeiro caso se trata de uma condição directa e no segundo caso de uma condição indirecta):

(171) O Zé não arranjará lugar sentado *se chegar atrasado*.

(172) A situação tornou-se insuportável, *se é que me compreendes*.

### 3.2.5. Orações concessivas

À semelhança das condicionais, também as concessivas têm recebido nas gramáticas descritivas um tratamento quase exclusivamente semântico.

Como foi já referido no § 2., muitos trabalhos aproximam as concessivas das adversativas<sup>10</sup> (cf. Mazzoleni 1992; Vera Luján 1981; Flamenco García 1999; e.o.). Umhas e outras têm em comum o facto de referirem uma circunstância que se opõe ou contrasta com a da matriz. Diferem, no entanto, quer sintacticamente - as adversativas comportam-se como coordenadas e as concessivas como subordinadas relativamente aos testes de mobilidade, coordenação, colocação de clíticos...-, quer semântica e pragmaticamente - adversativas e concessivas têm diferentes valores discursivos, só as segundas envolvem uma pressuposição, i.e. só estas referem uma circunstância que é contrária às expectativas (cf. Vera Luján 1981; Flamenco García 1999<sup>11</sup>). Veja-se a diferença entre as frases a e b de (173):

(173) a. *Embora não se estivesse a sentir muito bem*, a Ana foi dar aula.

b. A Ana foi dar aula, *mas não se estava a sentir muito bem*.

O carácter pressuposicional (de um ponto de vista logico-semântico) associado às concessivas tem sido apontado por vários autores (cf. Vera Luján 1981; Hengeveld 1998). Estas marcam um certo tipo de oposição entre o evento da matriz e o da

---

<sup>10</sup> Haverá que distinguir, no entanto, entre vários tipos de orações introduzidas por *mas*, uma vez que nem todas têm um valor 'adversativo'.

<sup>11</sup> "Así, en una construcción concesiva *aunque* impone el procesamiento del primer miembro como causa inoperante, introduciendo un contenido que podemos llamar presupuesto; en cambio, en una construcción adversativa no se genera la inferencia de un modo inmediato, sino a partir del segundo miembro encabezado por *pero*, introduciéndose en este caso un contenido aseverado." (Flamenco García 1999: 3813).

subordinada, funcionando o evento da subordinada como um obstáculo potencial à realização do evento da matriz, ainda que sem impedir a sua realização. Assim, está-lhes associado um valor pressuposicional inerente, i.e., é sempre pressuposto que o evento da subordinada não impede a realização do evento matriz. A relação lógica entre subordinada e matriz é de alguma forma esperada e antecipada (ver também Mateus *et al.* 1989).

Nas concessivas, podem ser identificadas subclasses semânticas. Vimos já que um subtipo das estruturas que as gramáticas portuguesas integram na subordinação concessiva corresponde a um tipo específico de estruturas condicionais: as chamadas condicionas-concessivas (CC) ou incondicionais.

No grupo das concessivas 'canónicas', considerarei assim os conectores *embora*, *apesar de*, *se bem que*.

### 3.2.6. Orações de modo, de meio e de circunstância negativa

As orações de modo, instrumento ou meio constituem uma classe heterogénea, raramente referida nas gramáticas tradicionais portuguesas. Neste grupo, podemos incluir estruturas com comportamentos diferenciados: as orações introduzidas por *sem*, algumas orações introduzidas por *como*, e ainda algumas orações gerundivas. Estas últimas são consideradas no § 4.

Ainda que a gramática tradicional normalmente as ignore, as orações introduzidas por *sem que* ou <*sem* + infinitivo> enquadram-se no paradigma das orações adjuntas: não são subcategorizadas, correspondem, pois, a argumentos não nucleares, não sendo admitida extracção do seu interior, manifestam uma relativa mobilidade posicional na frase matriz e podem ser coordenadas:

- (174) a. O Zé saiu de casa.  
b. O Zé saiu de casa *sem se despedir da mãe*.  
b'. \**De quem é que o Zé saiu de casa sem se despedir?*  
c. O Zé saiu de casa *sem que eu desse por isso*.  
c'. *Sem que eu desse por isso*, o Zé saiu de casa.  
d. O Zé saiu de casa *sem que eu desse por isso e sem avisar ninguém*.

O seu valor semântico, em termos muito imprecisos, aproxima-se do modo (alguns chamam-lhes 'adverbiais de circunstância negativa' cf. Hengeveld 1998), e

contém implícita uma negação, lexicalizada na P *sem*:

(175) O Zé saiu de casa *sem que eu desse por isso*.

(176) O Zé saiu de casa *discretamente*.

(177) O Zé saiu de casa e eu não dei por isso.

O facto de a P *sem* poder legitimar itens de polaridade negativa mostra que ela é inerentemente negativa (cf. Pereira 2000):

(178) a. O Zé \*(não) viu ninguém.

b. O Zé saiu sem (\*não) ver ninguém.

(179) a. O Zé \*(não) fez patavina.

b. O Zé assistiu ao debate sem (\*não) perceber patavina.

As gramáticas portuguesas incluem no grupo das comparativas, para além das comparativas que envolvem uma quantificação explícita e que podem ser classificadas como de igualdade ou desigualdade, algumas estruturas que deveriam ser classificadas como orações de modo, tal como acontece na tradição gramatical espanhola (cf. Alarcos 1994, e.o.) e como foi já referido para o português em Peres (1997: 781-2) e Mória 2001. Trata-se de orações introduzidas por *como*, que podem ser analisadas como relativas livres que desempenham a função de um adjunto de modo ou de complemento de determinadas classes de verbos, em que estão incluídos por exemplo *portar-se* e *agir*:

(180) O João fez o bolo *como a mãe ensinou*.

(181) O João fez o jantar *como a mãe lhe pediu*.

(182) O presidente agiu *como era esperado*. (cf. Mória 2001)

Estas orações distinguem-se das 'verdadeiras' comparativas por permitirem a clivagem e por poderem ocorrer como resposta a interrogativas-Qu:

(183) a. Foi *como a mãe ensinou* que o João fez o bolo.

b. Foi *como era esperado* que o presidente agiu.

c. Foi *como a mãe lhe pediu* que o João fez o jantar.

(184) a. - Como é que o João fez o bolo?! - *Como a mãe ensinou*.

b. - Como é que o presidente agiu?! - *Como era esperado*.

c. - Como é que o João fez o jantar?! - *Como a mãe lhe pediu*.

Nalguns casos, a estrutura pode ser reduzida ou elíptica, não contendo qualquer verbo:

(185) O João portou-se *como o pai* [~~se portou~~].

(186) O João fala (*exactamente*) *como o pai* [~~fala~~].

Estas estruturas 'elípticas'<sup>12</sup> podem também elas ser sujeitas a clivagem e ocorrer como resposta a interrogativas-Qu:

(187) a. Foi *como o pai* que o João se portou.

b. É (*exactamente*) *como o pai* que o João fala.

(188) a. - Como é que o João se portou?/ - *Como o pai*.

b. - Como é que o João fala?/ - (*Exactamente*) *como o pai*.

As comparativas, que envolvem um elemento de grau ou uma quantificação, pelo contrário, não admitem estes processos:

(189) a. O João gosta mais de praia *do que a Ana*.

b. \*É *do que a Ana* que o João gosta mais de praia.

c. \*- Do que quem/Como é que o João gosta mais de praia?/ - *Do que a Ana*.

(190) a. O João é maior *do que o Paulo*.

b. \*É *do que o Paulo* que o João é maior.

c. - \*Como/?\*De quem é que o João é maior?/ - *Do que o Paulo*.

(191) a. O João canta tão bem *como a Ana*.

b. \*É *como a Ana* que o João canta tão bem.

c. \* - Como é que o João canta tão bem?/ - *Como a Ana*.

(192) a. O João comeu tantos caramelos *como a Ana*.

b. \*Foi *como a Ana* que o João comeu tantos caramelos.

c. \*- Como é que o João comeu tantos caramelos?/ - *Como a Ana*.

Assim, um subconjunto das orações introduzidas por *como* são facilmente equiparáveis a um advérbio de modo ou a um PP circunstancial de modo:

---

<sup>12</sup> O termo 'elíptico' é aqui usado com um sentido meramente descritivo. Não tomo aqui qualquer posição quanto ao tipo de processo, quer estrutural, quer interpretativo, que está na base destas estruturas.

- (193) a. O Zé limpou a casa *meticulosamente*.  
b. O Zé limpou a casa *com muito cuidado*.  
c. O Zé limpou a casa *como eu costumo fazer*.

- (194) a. O Zé lavrou o campo *muito lentamente*.  
b. O Zé lavrou o campo *à moda do Alentejo*.  
c. O Zé lavrou o campo *como é costume no Alentejo*.

No entanto, apesar deste paralelismo, estas estruturas resistem mais à anteposição do que as restantes adverbiais:

- (195) a. O João fez o bolo (*exactamente*) *como a mãe costumava fazer*.  
b. ??(*Exactamente*) *como a mãe costumava fazer*, o João fez o bolo.

A anteposição torna-se melhor, no entanto, se na oração matriz estiver presente um advérbio de modo que retoma a subordinada anteposta:

- (196) (*Exactamente*) *como a mãe costumava fazer*, *assim* fez o João o bolo.  
(197) *Assim como o pastor cuida das suas ovelhas*, *assim* eu cuido de vós.

Repare-se que também os advérbios e PPs de modo são mais dificilmente anteposíveis do que circunstanciais pertencentes a outras classes semânticas, nomeadamente quando a frase contém um elemento de negação frásica<sup>13</sup>:

- (198) a. O Zé limpou a casa *meticulosamente*.  
b. ?*Meticulosamente*, o Zé limpou a casa.  
c. O Zé não limpou a casa *meticulosamente*.  
d. ?\**Meticulosamente*, o Zé não limpou a casa.

---

<sup>13</sup> Em Costa & Costa 2001: 51 e ss., é referida a possibilidade de advérbios de modo ocorrerem em posição inicial de frase. Parece-me, no entanto, que essas frases são muito pouco naturais se o Adv mantiver a interpretação de modo. Quando o Adv ocorre em posição inicial, o seu sentido é claramente alterado, passando a ter um valor de marcador discursivo, a não ser que receba uma entoação claramente contrastiva (cf. i vs. ii). Isto não acontece com outras classes de advérbios:

- i) O Pedro deu o livro à Ana *assim*.
- ii) *Assim*, o Pedro deu o livro à Ana.
- iii) O Pedro deu o livro à Ana *ontem*.
- iv) *Ontem*, o Pedro deu o livro à Ana.

- (199) a. O Zé limpou a casa *muito bem*.  
 b. ?\**Muito bem*, o Zé limpou a casa.  
 c. O Zé não limpou a casa *muito bem*.  
 d. \**Muito bem*, o Zé não limpou a casa.

A anteposição é claramente melhor com inversão sujeito-verbo, sendo desencadeada a próclise, o que as aproxima das construções 'avaliativas' ou 'afectivas' referidas, por exemplo, em Ambar 1999; e.o.:

- (200) a. O Zé limpou a casa muito bem.  
 b. ?\*Muito bem, o Zé limpou a casa.  
 c. Muito bem limpou o Zé a casa.  
 (201) a. O Paulo porta-se assim.  
 b. \*Assim, o Paulo porta-se.  
 c. Assim se porta o Paulo.

As orações com *como*, que parecem corresponder a relativas livres (cf. Mória 2001), mantêm assim uma relação muito estreita com o predicado matriz, tal como acontece com outras categorias gramaticais que desempenham funções semânticas equivalentes, i.e. com os adjuntos de modo em geral.

Este comportamento dos adjuntos de modo não é exclusivo do português. O mesmo tipo de restrições à anteposição de constituintes com valor de modo parece verificar-se noutras línguas (cf. Cinque 1990: 86-7):

- (202) a. \*Allo stesso modo, suo figlio si comportò.  
 b. Allo stesso modo, si comportò suo figlio.

No português padrão, as construções com *como* deste tipo têm a particularidade de serem as únicas adverbiais que podem ser elípticas:

- (203) O Zé fala [como o pai [-]].

No entanto, dialectalmente, este tipo de elipse é possível também com outras adverbiais de tipo relativo. O mesmo parece acontecer em espanhol (cf. Fernández Lagunilla & Anula Rebollo 1995: 332):

- (204) O Zé descobriu isso *quando eu*.  
 (205) O Zé mora *onde eu*.

### 3.2.7. Orações de comentário/conformativas

As orações de comentário correspondem às orações que as gramáticas brasileiras designam de orações conformativas, exemplificadas abaixo:

(206) *Conforme está descrito no anterior capítulo*, as explicativas têm propriedades específicas.

(207) *Segundo me disseram*, a reunião foi adiada para a próxima quarta-feira.

(208) a. *Consoante foi deliberado*, só poderão votar os maiores de 18 anos.

b. Os deputados aprovaram a lei, *consoante se esperava*.

(209) a. *Como era previsível*, o avião chegou atrasado.

b. *Como te disse*, o avião chegou atrasado.

c. *Como sabes*, o Miguel está à procura de emprego.

d. É preciso ter paciência, *como costumás dizer*.

e. As distâncias hoje em dia, *como sabe*, contam pouco.

(Miguel Torga, *Vindima*, in Cunha & Cintra 1984: 604)

Peres 1997 põe em questão a existência de um tal tipo de estruturas oracionais:

"(...) a NGB [nomenclatura gramatical brasileira] não é necessariamente mais adequada que a NGP, uma vez que, para além de padecer de todos os seus defeitos, das duas subclasses que lhes acrescenta – as "conformativas" e as "proporcionais" – apenas a segunda é talvez justificável, eventualmente associada a outras construções que estabelecem correlações entre situações (...), sendo mesmo a primeira, quanto a mim – cf. Peres e Móia (1995) – resultado de uma muito discutível análise sintáctica"

Peres (1997: 786, sublinhado meu)

De facto, Peres & Móia (1995: 353-361) consideram que as estruturas incluídas neste grupo, geralmente considerado pelos gramáticos brasileiros, são de natureza

nominal e não oracional<sup>14</sup>.

O que acontece, na realidade, é que as gramáticas incluem nas conformativas estruturas que são claramente nominais e em que o introdutor tem um estatuto mais próximo de uma preposição do que de uma conjunção. Veja-se, por exemplo, os seguintes exemplos de "orações conformativas" dados em Cunha & Cintra (1984: 585):

(210) "O som de uma sineta, **conforme** o capricho do vento, aproximava-se ou perdia-se ao longe. (Augusto Meyer, *SI*, 50.)"

(211) "Cada um tinha razão levando a vida **consoante** a criação da sua alma. (Manuel Lopes, *FVL*, 167.)"

No entanto, a par destas estruturas claramente mal classificadas como oracionais, em Cunha & Cintra (1984: 585) vêm outros exemplos que poderiam corresponder a orações, tais como:

(212) "**Como** ia dizendo, o seu raciocínio não está certo. (Carlos de Oliveira, *CD*, 111.)"

(213) "Houve, **segundo** me pareceu, cochichos e movimentos equívocos. (Graciliano Ramos, *SB*, 166.)"

Segundo Peres & Mória 1995, estruturas como (212) e (213) também são de natureza nominal e incluem um operador relativo nulo, que no caso das estruturas introduzidas por *conforme*, *segundo* e *consoante*, mas não por *como*, pode estar expresso:

(214) *Conforme o que está descrito no anterior capítulo*, as explicativas têm propriedades específicas.

(215) *Segundo aquilo que me disseram*, a reunião foi adiada para a próxima quarta-feira.

(216) a. *Consoante aquilo que foi deliberado*, só poderão votar os maiores de 18 anos.

b. Os deputados aprovaram a lei, *consoante o que se esperava*.

---

<sup>14</sup> "Em função da análise que sugerimos, não nos parece haver razões para se falar em «orações» conformativas, visto que, como vimos, as estruturas introduzidas por expressões do tipo de *como* e *consoante* que temos estado a analisar não têm estrutura frásica, mas sim nominal." (Peres & Mória 1995: 356).

- (217) a. *Como (\*o que) era previsível*, o avião chegou atrasado.  
b. *Como (\*o que) te disse*, o avião chegou atrasado.

A motivação para que Peres & Mória 1995 considerem que as estruturas em itálico em (206) a (209) são de natureza nominal e contêm um operador relativo nulo vem, por um lado, da observação de que pode estar expresso um operador relativo (*o que/aquilo que*) e, por outro lado, da constatação de que falta sempre um argumento na estrutura argumental dos verbos em causa que não pode ser retomado sob a forma de um pronome (cf. Peres & Mória 1995: 355):

- (218) *\*Conforme isso está descrito no anterior capítulo*, as explicativas têm propriedades específicas.  
(219) *\*Segundo mo disseram*, a reunião foi adiada para a próxima quarta-feira.  
(220) *\*Consoante isso foi deliberado*, só poderão votar os maiores de 18 anos.  
(221) a. *\*Como isso era previsível*, o avião chegou atrasado.  
b. *\*Como to disse*, o avião chegou atrasado.  
c. *\*É preciso ter paciência como costumam dizê-lo*.

As estruturas introduzidas por *como* têm, no entanto, propriedades distintas das restantes conformativas. Como vimos já, não permitem a ocorrência de um morfema relativo como em (217). Para além disso, ao contrário de *conforme*, *segundo* e *consoante*, *como* conformativo nunca selecciona um constituinte de natureza nominal:

- (222) *Conforme decisão anterior*, a proposta foi aprovada na generalidade.  
(223) *Segundo as previsões do boletim meteorológico*, choverá até à próxima quarta-feira.  
(224) *Consoante deliberação da assembleia*, só poderão votar os maiores de 18 anos.  
(225) *\*Como previsão do piloto*, o avião chegou atrasado.

Parece-me assim que é possível considerar que pelo menos as orações conformativas introduzidas por *como* são estruturas oracionais que têm um carácter relativo, à semelhança do que pode ser dito para as orações de modo introduzidas por *como* (cf. Mória 2001). O morfema *como*, ao contrário dos restantes conectores conformativos, de natureza mais preposicional, será ele próprio um morfema de tipo

Qu-.

A confrontação com os dados correspondentes do inglês parece-me esclarecedora. Veja-se que também nas orações introduzidas por *as* conformativo está ausente um argumento, que não pode ser retomado por um pronome. Esse argumento é normalmente um complemento do verbo, mas pode corresponder também ao sujeito gramatical de construções passivas, que, noutras condições, não pode ser omitido em inglês:

- (226) a. *As you probably know*, John is living in Paris.  
b. *As you probably know (\*it/this/so)*, John is living in Paris.
- (227) a. *As I told you*, the exam was easy.  
b. *As I told you (\*that/so)*, the exam was easy.
- (228) a. *As is well known*, Portuguese is a null subject language.  
b. *As (\*it) is well known*, Portuguese is a null subject language.

Tal como o conector *como*, *as* não pode seleccionar um constituinte nominal, nem pode co-ocorrer com um relativo:

- (229) \**As common knowledge*, Portuguese is a Romance language.  
(230) \**As what I told you*, the exam was easy.

A este respeito, distingue-se de expressões como *according to*, que seleccionam um constituinte nominal e podem ocorrer com operadores relativos:

- (231) *According to him*, we shouldn't go.  
(232) *According to what the newspapers said*, there's going to be a war.

Sendo assim, não me parece que se possa dizer que todas as estruturas conformativas têm um carácter nominal, ao contrário do que sugerem Peres & Mória 1995. Pelo menos no que diz respeito às conformativas introduzidas por *como*, creio que se justifica que sejam consideradas orações de carácter relativo com uma função adverbial, à semelhança do que se pode dizer das orações introduzidas por *onde* e *quando*.

Quanto às estruturas que poderiam ser consideradas oracionais introduzidas pelos restantes conectores - *conforme*, *segundo*, *consoante* -, a decisão de as considerar nominais ou oracionais é mais polémica, e não pretendo discutir isso aqui.

As orações conformativas com *como* distinguem-se, no entanto, de orações relativas com antecedente oracional em vários aspectos, o que pode levar a pôr em causa o seu estatuto relativo e a aproximá-las de estruturas designadas na literatura de 'null complement anaphora' (cf. Napoli 1983):

- (233) a. Eu não comprei o carro que tu pensas [~~que eu comprei~~].  
b. Eu fiz o relatório exactamente como tu querias [~~que eu o fizesse~~].

As conformativas, ao contrário das relativas com antecedente oracional, não permitem a negação (cf. Rizzi 1990: 15, n.14):

- (234) a. O João está muito doente, *o/coisa que certamente (já) sabes*.  
a'. O João está muito doente, *o/coisa que certamente não sabes*.  
b. O João está muito doente, *como sabes*.  
b'. \*O João está muito doente, *como não sabes*.

- (235) a. Bill is here, which they (don't) know.  
b. Bill is here, as they (\*don't) know. (cf. Rizzi 1990)

Para além disso, Rizzi 1990 refere que em francês é possível a ocorrência de um pronome lexicalizado nas orações correspondentes com *comme*:

- (236) a. Pierre est ici, ce qu'ils savent/ ne savent pas.  
b. Pierre est ici, comme ils le savent/\*ne le savent pas.

Isto leva-o a admitir a hipótese de que *comme* seja uma espécie de adverbial de modo e que a construção correspondente do inglês seja equivalente à do francês com uma anáfora de complemento nulo ('null complement anaphora'):

"Here the clausal direct object is overtly pronominalized by *le*, and *comme* is a kind of manner adverbial ("Pierre is here, and things are the way in which they know them"). This suggests a similar analysis for the English construction, perhaps with null complement anaphora of the clausal object."

Assim, fica claro que o estatuto sintáctico das conformativas ou orações de comentário é controverso. Deixo para outra ocasião um estudo mais aprofundado destas

estruturas, que colocam problemas particulares.

### 3.2.8. Outras orações: substitutivas, contrastivas, acrescentativas

Existem algumas estruturas oracionais que têm características semelhantes às subordinadas adverbiais e que as gramáticas tradicionais geralmente ignoram. Trata-se das orações a que podemos chamar substitutivas, acrescentativas e contrastivas<sup>15</sup>, que são exemplificadas de seguida:

(237) *Em vez de ficar calado*, o Zé desatou aos berros.

(238) *Para além de ser simpático*, o Zé é muito bonito.

(239) *Enquanto (que) a Ana é loira*, o Zé é moreno.

Em todos os casos, estamos perante estruturas que podem ser consideradas subordinadas a par de outros tipos semânticos de subordinadas, uma vez que não são seleccionadas (podem ser elididas), e são anteponíveis:

(240) a. O Zé desatou aos berros ??(||) em vez de ficar calado.

b. O Zé desatou aos berros.

c. Em vez de ficar calado, o Zé desatou aos berros.

(241) a. O Zé consertou a cadeira, || para além de pintar o quarto.

b. O Zé consertou a cadeira.

c. Para além de pintar o quarto, o Zé consertou a cadeira.

(242) a. O Zé é moreno, || enquanto (que) a Ana é loira.

b. O Zé é moreno.

c. Enquanto (que) a Ana é loira, o Zé é moreno.

### 3.2.9. Conclusões

Neste ponto, não se pretendeu fazer uma análise semântica das orações adverbiais, mas apenas referir alguns aspectos sintácticos e semânticos que caracterizam cada um dos subtipos. Esta descrição teve sobretudo como objectivo permitir comparar o

---

<sup>15</sup> As orações contrastivas são referidas já para o português em Peres 1997, num quadro de conexões proposicionais que reúne uma série de conectores de diferente estatuto sintáctico: conectores adverbiais, conjunções coordenativas e conjunções subordinativas.

comportamento sintáctico de cada uma das estruturas com o seu comportamento semântico, e perceber até que ponto classes sintácticas e classes semânticas são coincidentes.

A consideração da totalidade das estruturas de subordinação adverbial pode parecer à primeira vista um projecto demasiado ambicioso e irrealizável no âmbito de uma dissertação como esta. No entanto, uma vez que um dos objectivos deste trabalho consiste em testar as posições estruturais que as orações subordinadas adverbiais podem ocupar e perceber que propriedades são associáveis às adverbiais enquanto classe, parece-me que não faria sentido contemplar apenas um tipo semântico.

### 3.3. O estatuto gramatical dos conectores das orações adverbiais do português

#### 3.3.1. Parâmetros de classificação dos conectores de orações adverbiais

As orações adverbiais finitas e infinitivas do português são sempre introduzidas por conectores, que determinam em grande parte o valor semântico associado a cada estrutura. A presença de conectores nestas estruturas vs. ausência de conectores em gerundivas e participiais é um aspecto que não pode ser ignorado, e de que voltarei a falar mais adiante.

Nesta secção, procurarei reflectir sobre algumas propriedades dos conectores de orações adverbiais do português, que podem ajudar a compreender o estatuto das orações que introduzem.

Os conectores de orações adverbiais formam uma classe heterogénea sob diversos aspectos, podendo ser classificados de acordo com vários parâmetros. Em Kortmann (1996: 71)<sup>16</sup> são propostos alguns parâmetros de classificação de conectores de orações subordinadas adverbiais. Esses parâmetros, de natureza semântica ou formal, incluem os seguintes:

- i) classe semântica;
- ii) complexidade morfológica do conector;
- iii) conector semanticamente monovalente ou polivalente;
- iv) categoria morfológica das unidades que constituem o conector.

Nesta secção, tentar-se-á descrever algumas propriedades morfo-sintácticas dos conectores que introduzem orações adverbiais em português, de forma a identificar propriedades que sejam associáveis ao estatuto sintáctico específico dos vários tipos de orações adverbiais, por um lado, e a excluir estruturas que do ponto de vista sintáctico têm comportamentos distintos das restantes, por outro. Partindo num primeiro momento dos critérios propostos por Kortmann 1996 para os conectores de adverbiais, procurarei num segundo momento analisar as propriedades morfo-sintácticas de cada um dos conectores, sejam eles simples ou complexos.

---

<sup>16</sup> Outros parâmetros são propostos em Hengeveld 1998.

Assim, excluirei desta análise, tal como é feito em Kortmann 1996, os conectores que não têm comportamentos característicos de 'subordinadores adverbiais ideais'.

De acordo com Kortmann 1996, um 'subordinador adverbial ideal' (SAI) que corresponda a uma só palavra deve preencher as condições a)-f):

- a) um SAI deve ser uma forma livre não flexionada;
- b) um SAI pode introduzir uma oração subordinada finita ou uma construção em que existe uma estrutura sujeito-predicado;
- c) um SAI não desempenha uma função sintáctica na oração que introduz;<sup>17</sup>
- d) um SAI ocupa uma posição rígida na periferia da oração que introduz;
- e) um SAI não pertence a um registo marcado (dialectal, arcaico);
- f) a oração introduzida por um SAI pode preceder a oração que modifica;

Um SAI constituído por mais do que uma palavra (locução conjuncional) deve preencher pelo menos uma das seguintes condições:

- a) os elementos da locução devem manifestar um grau mínimo de fusão;
- b) os elementos da locução devem ter perdido pelo menos algumas das propriedades do sintagma original (e.g. possibilidade de o núcleo nominal ser modificado);
- c) devem ter pelo menos um significado que não é totalmente reconstituível a partir do sentido das partes.

Ficam assim excluídos:

1. Os conectores cujo estatuto gramatical pode ser aproximado dos coordenadores. Em português, neste grupo estão incluídos o conector *pois*, por exemplo, cujo estatuto gramatical foi discutido no § 2., assim como os conectores condicionais *mas só se*, *mas apenas se*, que estão integrados em estruturas coordenadas, uma vez que as orações que introduzem não são antepóníveis nem coordenáveis.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Como veremos adiante, é possível pensar que alguns conectores têm uma natureza relativa, e.g. *quando*, *como* (modo)... Nesse caso, o relativo desempenhará necessariamente uma função na subordinada. Apesar disso, continuarei a considerar estes conectores como 'subordinadores típicos'.

<sup>18</sup> Noutras línguas, caberiam aqui conectores como *for* (inglês), *car* (francês), *denn* (alemão).

2. Os advérbios conectivos, e.g. *contudo, todavia* (cf. § 2.), cuja posição na oração não é rígida.

3. Conectores arcaicos, dialectais, e conectores pertencentes a registos muito formais: *pois que, porquanto, por via de...*

4. Conectores que introduzem apenas domínios não finitos. Contudo, o facto de o PE ter flexão de pessoa no infinitivo e possibilidade de realização do sujeito nestas orações, leva-nos a incluir aqui alguns conectores que seriam excluídos noutras línguas.<sup>19</sup>

5. Expressões complexas que incluam um subordinador adverbial livre modificado por um operador de exclusão ou por um Adv, tais como os conectores condicionais *só se, excepto se*.

6. Expressões complexas do tipo <P + DP + *que/de*> tais como *na condição de, com o intuito de*. São no entanto incluídas expressões como *a fim de (que)*, uma vez que o N *fim* não está determinado, nem é passível de ser modificado, o que mostra o seu maior grau de gramaticalização.

Ficamos assim com a seguinte lista de conectores para o português, ordenados alfabeticamente:

---

<sup>19</sup> De acordo com Kortmann 1996, os conectores que seleccionam em alternativa constituintes nominais ou orações infinitivas deveriam ser excluídos, uma vez que não têm características de subordinadores típicos. Neste grupo estão *em vez de, para além de e apesar de*:

- (i) a. *Em vez de um banho*, tomei um duche.  
b. *Em vez de tomar um banho*, tomei um duche.  
c. *Em vez de vires a minha casa*, vou eu à tua.  
d. \**Em vez (de) que venhas a minha casa*, vou eu à tua.
- (ii) a. *Para além de uma redacção*, o Zé também fez um desenho.  
b. *Para além de ter escrito uma redacção*, o Zé também fez um desenho.  
c. *Para além disso*, o Zé é meu amigo.  
d. *Para além de ser meu chefe*, o Zé é meu amigo.  
e. \**Para além de que é meu chefe*, o Zé é meu amigo.
- (iii) a. *Apesar dos percalços*, a festa foi simpática.  
b. *Apesar de as coisas não terem corrido tão bem como esperávamos*, a festa foi simpática.  
c. \**Apesar de que as coisas não tenham corrido tão bem como esperávamos*, a festa foi simpática.

No entanto, uma vez que as orações infinitivas seleccionadas por estes conectores podem manifestar marcas visíveis de concordância e podem ter sujeitos realizados, estes conectores também poderão em português ser considerados 'subordinadores'.

<i>a</i> (+ inf.)	<i>como</i> (causal)	<i>para</i> ( <i>que</i> )
<i>a fim de</i> ( <i>que</i> )	<i>como</i> (modo)	<i>para além de</i>
<i>à medida que</i>	<i>contanto que</i>	<i>por</i> (+ inf.)
<i>a menos que</i>	<i>dado</i> ( <i>que</i> )	<i>por mais que</i>
<i>a não ser que</i>	<i>depois de/que</i>	<i>por muito que</i>
<i>ainda que</i>	<i>desde que</i> (temp.)	<i>porque</i>
<i>antes de</i>	<i>desde que</i> (cond.)	<i>quando</i>
<i>antes que</i>	<i>em vez de</i>	<i>se</i>
<i>ao</i> (+ inf.)	<i>embora</i>	<i>se bem que</i>
<i>apesar de</i>	<i>enquanto</i> (temp.)	<i>sem</i> ( <i>que</i> )
<i>assim que</i>	<i>enquanto</i> (contr.)	<i>sempre que</i>
<i>até</i> ( <i>que</i> )	<i>já que</i>	<i>todas as vezes que</i>
<i>cada vez que</i>	<i>logo que</i>	<i>uma vez que</i>
<i>caso</i>	<i>mal</i>	<i>visto</i> ( <i>que</i> )
<i>como</i> (conf.)	<i>mesmo que</i>	

Tentar-se-á de seguida aplicar os critérios propostos por Kortmann 1996 aos conectores ‘típicos’ que introduzem orações adverbiais em português.

### 3.3.1.1. Classe semântica dos conectores

Como foi referido no § 2.1, tradicionalmente, a única distinção estabelecida no interior das ‘conjunções’ e ‘locuções conjuncionais’ que introduzem orações adverbiais do português diz respeito ao seu valor semântico. A classificação tradicional luso-brasileira distingue as causais, finais, temporais, condicionais, concessivas, conformativas e proporcionais (para além das comparativas e consecutivas que, como vimos no § 2.3, não têm comportamentos idênticos às restantes orações).

No entanto, como vários trabalhos têm mostrado, é possível distinguir mais subtipos semânticos do que aqueles que são tradicionalmente considerados, acrescentando algumas classes e subdividindo outras. Assim, quanto à **classe semântica**, seguindo em larga medida tipologias já existentes na literatura, os conectores do português podem exprimir diferentes relações (cf. § 3.1.)<sup>20</sup>. Considerarei aqui os subgrupos listados abaixo. Em cada um deles tratarei os conectores abaixo referidos, que considero terem comportamentos mais característicos de ‘subordinadores ideais’ (na linha de Kortmann: 1996):

---

<sup>20</sup> Não se pretende aqui fazer uma caracterização semântica exaustiva das adverbiais, mas apenas referir os principais subtipos semânticos, seguindo em larga medida tipologias já existentes na literatura (cf. Kortmann 1996).

- i) a causa: *porque, como, uma vez que, já que, visto que, dado que, por (+ inf.), visto (+ inf.), dado (+ inf.)*
- ii) o fim: *para que, a fim de que, para (+ inf.), a fim de (+ inf.)*
- iii) o tempo:
  - tempo anterior: *depois que, depois de (+ inf.)*
  - tempo posterior: *antes que, antes de (+ inf.)*
  - tempo simultâneo/imediatamente posterior: *ao (+ inf.)*
  - fronteira final: *até que, até (+ inf.)*
  - fronteira inicial: *desde que*
  - tempo *quando*: *quando*
  - tempo *enquanto*: *enquanto*
  - tempo proporcional: *à medida que*
  - anterioridade imediata: *mal, logo que, assim que*
  - frequência temporal (ou quantificação sobre eventos): *todas as vezes que, cada vez que, sempre que*
- iv) a condição:
  - condicionais: *se, caso, a (+ inf.)*
  - (bi)condicionais negativas: *a não ser que, a menos que*
  - (bi)condicionais afirmativas: *desde que, contanto que*
- v) a condição-concessão: *mesmo que, ainda que, por mais que, por muito que*
- vi) a concessão: *embora, apesar de (+ inf.), se bem que*
- vii) a circunstância negativa: *sem que, sem (+ inf.)*
- viii) o modo: *como*
- ix) a conformidade: *como*
- x) a adição: *para além de*
- xi) a substituição: *em vez de (+ inf.)*
- xii) o contraste: *enquanto (que)*

### 3.3.1.2. Complexidade morfológica dos conectores

Os conectores do português não têm todos a mesma **complexidade morfológica**. Partindo das classes propostas em Kortmann 1996, em português, os conectores podem

ser classificados em vários tipos<sup>21</sup>:

- i) conectores morfológicamente simples ou monomorfêmicos;
- ii) conectores polimorfêmicos constituídos por uma só palavra;
- iii) conectores constituídos por mais do que uma palavra.

No primeiro grupo, temos os conectores *se, como, quando, mal, caso* introduzindo orações finitas e os conectores *por, para, até e a* introduzindo infinitivas.

No segundo grupo, podem incluir-se conectores como *porque, embora, enquanto* introduzindo orações finitas e o conector *ao* seguido de infinitivo.<sup>22</sup>

No terceiro grupo, está incluída a maioria dos conectores: *já que; uma vez que, visto que; dado que; para que; a fim de (que); antes de/que; depois de/que; desde que; até que; à medida que; sempre que; logo que; ainda que; mesmo que; se bem que; a não ser que; a menos que; contanto que...*

### 3.3.1.3. Polissemia dos conectores

Kortmann 1996 refere ainda a **possibilidade de um conector desempenhar mais do que uma função semântica**. Em português, constatamos que a maioria dos conectores é monovalente (e.g. *porque, logo que...*) e que apenas alguns conectores podem ser polivalentes.

Neste grupo, estão frequentemente conectores temporais que, em determinados contextos, adquiriram valores diferentes:

*desde que* - temporal (+ indicativo) e condicional (+ conjuntivo)

(243) a. Desde que chegaste, ainda não paraste de tossir. <temporal>

b. Desde que chegues a horas, podes sentar-te onde quiseres. <condicional>

---

<sup>21</sup> Kortmann 1996 identifica ainda mais dois subtipos: os conectores descontínuos, tais como *quanto mais...mais*; e os conectores que se organizam em séries, tais como os conectores com *wh-ever* do inglês. No entanto, não considero aqui os conectores descontínuos, uma vez que, como vimos no § 2., não é claro que estejamos perante uma estrutura de subordinação. Também não considero aqui as estruturas condicionais-concessivas universais do tipo '*quer...quer...,...*'. No último tipo, poderiam ser incluídos conectores de estruturas condicionais-concessivas, como '*qualquer que seja...,...*'. Também não vou considerar aqui estas estruturas.

<sup>22</sup> A pertença de *embora e enquanto* a este grupo é discutível: diacronicamente, trata-se de palavras constituídas por mais do que um morfema; no entanto, sincronicamente, esta estrutura já não é transparente.

*uma vez que* - temporal e causal

- (244) a. Uma vez que o João foi a Madrid, trouxe um torrão delicioso. <temporal>  
b. Uma vez que não estás com atenção, podes sair da sala. <causal>

*enquanto* - temporal e contrastivo

- (245) a. Enquanto estive aqui, ninguém telefonou. <temporal>  
b. Enquanto o João é alto, a Ana é baixa. <contrastivo>

*quando* – temporal e contrastivo/adversativo

- (246) a. Quando o Rui está de férias, costuma levantar-se tarde. <temporal>  
b. O João disse que a situação da empresa era catastrófica, quando, na realidade, não está assim tão má. <contrastivo>

Também o conector *como* é polivalente, podendo introduzir orações de modo, de causa e de conformidade:

- (247) a. O João fala como o pai falava. <modo>  
b. Como chegou atrasado, o João já não arranjou lugar sentado. <causa>  
c. Como eu previa, a sessão começou mais tarde. <conformidade>

A este respeito, o português não parece diferir muito de outras línguas, o que não deixa de ser interessante do ponto de vista dos mecanismos cognitivos mais gerais que intervêm nestes processos.

#### **3.3.1.4. Categoria morfológica dos conectores**

Na tradição gramatical portuguesa, os conectores de orações adverbiais são classificados como conjunções ou como locuções conjuncionais (no caso de se tratar de conectores complexos). Não é geralmente analisada a estrutura interna dos conectores complexos (quando ela é possível), nem o maior ou menor grau de coesão das unidades que os constituem. A maioria das gramáticas limita-se a listar os diferentes conectores, referindo nalguns casos a categoria a que podem pertencer as unidades que integram conectores complexos.

Parece-me, no entanto, que a análise da estrutura dos conectores e das unidades que os constituem, enquanto elementos que integram o sistema linguístico do português, é proveitosa para a compreensão do estatuto das orações adverbiais no seu conjunto, assim como de tipos específicos de orações adverbiais. Assim, ainda que não me seja possível analisar em profundidade todos os conectores de orações adverbiais e sua estrutura interna, tentarei mostrar que os conectores de adverbiais constituem uma classe heterogénea, podendo algumas orações adverbiais, do ponto de vista sintáctico, ser aproximadas de orações relativas livres, e outras de adjuntos não oracionais (constituintes preposicionados ou adverbiais).

Assim, quanto à **categoria morfológica** das unidades que os constituem, os conectores do português não têm um comportamento uniforme e contrastam muitas vezes com unidades semanticamente correspondentes noutras línguas.

No próximo ponto, tratarei com maior detalhe a natureza morfo-sintáctica dos conectores de orações adverbiais do português, assim como as diferentes estruturas que podem ter os conectores complexos do português.

### **3.3.2. Natureza morfo-sintáctica dos conectores de orações subordinadas adverbiais do português**

A natureza categorial dos elementos que iniciam orações subordinadas adverbiais não é pacífica. Para outras línguas, para o inglês em particular, vários elementos de natureza adverbial ou preposicional que introduzem orações têm sido aproximados dos complementadores (cf. Emonds 1985; Dubinsky & Williams 1995). A proximidade entre as categorias P e C e a recategorização entre elementos destas classes tem sido notada por vários autores (cf. Emonds 1985<sup>23</sup>, Kayne 1999, Bianchi 2000, Rafael 2000, por exemplo).

Estes elementos colocam várias questões:

- O que são do ponto de vista morfo-sintáctico os conectores de orações adverbiais?

- Que estatuto têm?

---

<sup>23</sup> Emonds 1985 considera que as conjunções de subordinação que introduzem adverbiais em inglês correspondem à categoria P. Na realidade, Emonds tenta reduzir uma série de elementos (e.g. partículas verbais...) à categoria P. Agradeço a Maria Francisca Xavier esta referência.

- Que posição ocupam na frase?

- Quando se trata de conectores complexos (i.e. 'locuções conjuncionais' segundo a tradição gramatical portuguesa), estamos perante uma unidade gramaticalizada ou perante várias unidades que ocupam posições distintas na estrutura da frase?

- Serão as conjunções e 'locuções conjuncionais adverbiais' elementos que lexicalizam a categoria C?

No quadro da teoria de princípios e parâmetros estes elementos não têm recebido muita atenção. Na realidade, a classificação das diferentes categorias de acordo com os traços [+/- N] e [+/- V], proposta em Chomsky 1970, não contempla distinções entre Advérbios, Preposições e Conjunções. Como referido em Bianchi 2000, não é claro o estatuto destes elementos relativamente à distinção predicado/argumento.

Assim, não está bem estabelecido aquilo que individualiza as categorias P, C e Adv, tendo havido algumas propostas no sentido de fazer confluir algumas destas categorias numa só (cf. Emonds 1985, por exemplo).

Para além disso, elementos com valores semânticos semelhantes podem ter comportamentos diferentes em diferentes línguas, o que complica um pouco mais a situação.<sup>24</sup>

Assim, o inglês tem comportamentos diferentes das línguas românicas no que diz respeito aos conectores de adverbiais. Em inglês, os conectores temporais introduzem orações finitas, não podendo ser seguidos do complementador *that*. Em português, os conectores correspondentes têm comportamentos diferentes - não podem introduzir directamente orações finitas, precisando sempre de ser seguidos de outro elemento - *que*:

(248) a. before he left

b. \*antes ele partisse

(249) a. \*before that he left

b. antes que ele partisse

---

<sup>24</sup> Encontra-se na literatura várias referências a elementos de natureza adverbial como sendo preposições, sobretudo no que diz respeito a elementos de natureza temporal e locativa (cf. Móia 1999, Bianchi 2000, Tortora 2002, e também Raposo 1992 a propósito de *atrás de*, *dentro de* e *depois de*, que o autor analisa como preposições (cf. nota 3, p. 161)). Esta confusão entre preposições e advérbios é possivelmente causada pela interferência da descrição feita para o inglês, em que o funcionamento sintáctico destes elementos é diferente.

- (250) a. since her husband died  
b. \*desde o marido morreu
- (251) a. \*since that her husband died  
b. desde que o marido morreu

Em inglês, estes elementos podem seleccionar directamente um constituinte nominal ou adverbial, funcionando como preposições, i.e. como elementos capazes de atribuir Caso:

- (252) a. before me/before today  
b. after him/after tomorrow  
c. since yesterday  
d. until today

Em português, nem todos os conectores têm esta propriedade. Em particular *antes* e *depois* não podem ocorrer com um constituinte nominal à sua direita, contrariamente a *desde* e *até*:

- (253) a. \*antes mim/\*antes ontem/\*antes o fim das aulas  
a'. antes de mim/antes de ontem/antes do fim das aulas  
b. \*depois mim/\*depois hoje/\*depois a aula  
b'. depois de mim/depois de hoje/depois da aula
- (254) a. desde ontem/desde o primeiro dia  
b. até amanhã/até qualquer dia

Dubinsky & Williams 1995, com base no comportamento dos conectores temporais do inglês acima descritos e em dados diacrónicos e dialectais propõem que os conectores temporais do inglês, inicialmente de natureza prepositiva, foram recategorizados como complementadores nos contextos em que introduzem orações, distinguindo-se de outros introdutórios não temporais que manteriam as suas propriedades de preposição, tal como *without*.

Bianchi 2000, por sua vez, analisando o estatuto dos conectores temporais do italiano, considera que *prima*, *dopo*, *fino* e *da* nas seguintes expressões têm comportamento de preposições:

- (255) a. prima che io partissi  
 b. dopo che sono partito  
 c. fino a che (non) tornerai  
 d. dacché sono partito

Uma vez que, na sua perspectiva, nestes elementos existe oscilação/ambiguidade sintáctica entre as categorias P e C, a autora propõe que estes são projectados numa categoria funcional na periferia esquerda da oração, a que chama Cp°, por ser simultaneamente de natureza conjuncional e prepositiva. Esta categoria, de natureza predicativa, tomaria dois argumentos e seleccionaria uma projecção TopP ou FocP.<sup>25</sup>

Como se pôde ver, o estatuto morfo-sintáctico dos conectores de adverbiais está longe de ser transparente.

Nas próximas secções, tentarei rever as propriedades dos conectores de adverbiais do português, partindo da caracterização clássica das diferentes categorias gramaticais.

### 3.3.2.1. Conectores de tipo relativo

A natureza de relativos dos morfemas *quando* e *como* (modo) - a par do relativo adverbial *onde* - foi já defendida para o português em Mória 2001. Aqui vou propor que também o conector *enquanto* se comporta como um morfema relativo. Assim, enquadrar-se-ão no tipo <relativo> os conectores *quando*, *enquanto* e *como*.

Alguns dos argumentos empíricos que apoiam o estatuto de *quando* e *como* (modo) como relativos, referidos em Mória 2001, correspondem aos seguintes:

- i) possibilidade de ocorrerem orações introduzidas por estes conectores em posições seleccionadas:
- (256) Eu moro \*(onde tu sabes).  
 (257) Eu portei-me \*(como é costume).  
 (258) a. O acidente aconteceu \*(quando eu estava a chegar a casa).<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Voltarei a alguns aspectos da proposta de Bianchi mais adiante.

<sup>26</sup> É discutível que a oração ocupe uma posição seleccionada, uma vez que podemos ter orações em que o argumento temporal não está presente como:

i) Aconteceu uma desgraça.

b. Estou a amearhar para \*(quando for preciso).

ii) possibilidade de terem um antecedente lexical:

(259) A *cidade* onde eu nasci está completamente mudada.

(260) A Ana fez o trabalho exactamente da *maneira* como eu tinha pedido.

(261) Ainda não sei a *data* para quando a escritura será marcada.

iii) possibilidade de serem sujeitos a movimento longo:

(262) O lugar [onde o Zé acha [que vai viver [-]]] é um pouco sombrio.

(263) A Ana preparou a refeição [como eu achava [que ela iria fazer [-]]].

(264) O Zé não entrou [quando eu pensava que ele ia entrar [-]].

Bosque 1990, no entanto, não considera que os conectores correspondentes do espanhol tenham comportamento de relativos, aproximando-os antes da categoria dos substantivos. Bosque (1990: 202-4) considera que os 'advérbios relativos' não são constituintes extraídos ou movidos para a posição inicial da subordinada (como acontece com os constituintes-Qu), através da comparação de pares como este:

(265) Cuándo dijiste que te ibas?

(266) Cuando dijiste que te ibas.

De acordo com Bosque 1990, a primeira oração é ambígua, mas a segunda não: *cuando* não pode modificar a oração completiva. Esta assimetria leva Bosque a concluir que as 'relativas adverbiais' são expansões das 'categorias identificativas', i.e. têm como núcleo o advérbio temporal *cuando* ou o locativo *donde*. A hipótese de que não há movimento nestas estruturas, segundo o autor, explicaria mais facilmente casos como os de *cuando la guerra* e *donde tu madre*. Note-se que em português europeu dialectal, também se encontram sintagmas deste tipo:

(267) '(...) você vai para baixo para a povoação quando a mim'. (Cordial-sin, COV21)

(268) Eu desço quando tu. (Sandra Pereira, c.p.)

Como vimos, no entanto, existem vários argumentos a favor da existência de movimento nas estruturas adverbiais encabeçadas por *onde*, *como* (modo) e *quando*. As orações com *quando* são o caso menos claro. Apesar de o movimento longo do relativo

não ser possível em todos os contextos, ele é possível em alguns contextos, nomeadamente quando existe anáfora de complemento nulo.

Nos casos dos sintagmas referidos acima, i.e. *quando tu*, *quando a mim*, é possível que estejamos perante estruturas doutro tipo.

O conector *enquanto* partilha algumas propriedades com *quando*, nomeadamente a possibilidade de ocorrer em posições aparentemente seleccionadas, o que leva a pensar que também ele tenha um estatuto de relativo. A natureza relativa do temporal *enquanto* foi sugerida já em Alves (1999: n.3). Pela sua semântica própria, o temporal *enquanto* só poderá ocorrer em posições subcategorizadas com verbos que seleccionem um argumento que corresponde a uma quantidade de tempo:

(269) A sessão durará ??(enquanto houver assistência).

(270) A sessão durou ??(enquanto houve assistência).

Finalmente, existem alguns contextos em que *enquanto* parece poder sofrer movimento longo. No entanto, a possibilidade de *enquanto* sofrer movimento longo parece estar restringida a contextos em que existe uma estrutura elíptica (possivelmente uma anáfora de complemento nulo) na encaixada, o que é ilustrado na seguinte frase:

(271) O João esteve calado [enquanto eu pensava [que ele iria estar [-]]].

(272) ?Ele esteve doente [enquanto o João disse [que ele estaria [-]]]

Note-se que o mesmo tipo de restrições parece verificar-se com *quando*:

(273) O Zé não entrou [quando eu pensava que ele ia entrar [-]].

A frase (274) só pode ter a interpretação em que *quando* localiza temporalmente o evento de 'dizer' e não o evento de 'adormecer'.

(274) O Zé entrou [quando eu disse que a Ana adormeceu [-]].

No que diz respeito às orações com *enquanto*, verificamos que também podemos ter na subordinada predicados que seleccionam um argumento de tempo com duração, tal como *durar*, correspondendo esse argumento aparentemente a *enquanto*.

(275) [Enquanto a sessão durar [-]], não posso sair da sala.

Este é um argumento adicional a favor do estatuto relativo deste conector.

Poder-se-ia argumentar que a possibilidade de termos frases em que o argumento se encontra realizado através de uma expressão nominal invalida esta hipótese:

(276) Enquanto as sessões durarem mais de duas horas, não poderei ficar até ao fim.

Neste caso, no entanto, o conector *enquanto* funciona como um adjunto temporal e não como argumento do verbo *durar*, à semelhança do que acontece na frase abaixo, em que temos um argumento temporal seleccionado pelo V e um adjunto temporal lexicalizado por *quando*:

(277) [[Quando]<sub>i</sub> os acidentes ocorrerem [depois das cinco horas] [-]<sub>i</sub>], a responsabilidade já não é da empresa.

(278) [[Enquanto]<sub>i</sub> a sessão durar [mais de duas horas] [-]<sub>i</sub>], não poderei ficar até ao fim.

Ainda, marginalmente, *enquanto* parece poder ter um antecedente lexical:

(279) ??Nos dias enquanto eu estive doente, a Ana ficou em casa.

Confronte-se ainda as seguintes frases:

(280) *Quando a sessão durar mais de duas horas*, terei de sair mais cedo.

(281) *Enquanto a sessão durar mais de duas horas*, terei de sair mais cedo.

As frases (280) e (281) não têm o mesmo sentido. (280) pode ser parafraseada como 'de todas as vezes que a sessão durar mais de duas horas...'; (281) pode ser parafraseada como 'durante o tempo em que a sessão durar mais de duas horas...'

Assim, no segundo exemplo, teremos um argumento temporal do verbo *durar* realizado através da expressão *mais de duas horas* e um outro constituinte não argumental com duração lexicalizado por *enquanto*, à semelhança do que teríamos numa frase como:

(282) As sessões duraram [duas horas] [durante dois meses].

Como foi sugerido atrás, também o conector '**conformativo**' *como* (e eventualmente também os conectores *conforme* e *consoante*) tem propriedades que o aproximam dos relativos (cf. § 3.1.7.).

### 3.3.2.2. Conectores que integram uma preposição

Num primeiro grupo daquilo a que as gramáticas tradicionais portuguesas chamam 'locuções conjuncionais' estão os conectores cujo elemento inicial pode corresponder categorialmente a uma preposição. Nas locuções *para que*, *sem que*, *desde que* e *até que*, o primeiro elemento funciona como uma preposição. Veja-se que essas mesmas unidades podem ter como complementos constituintes nominais:

- (283) a. *Para nosso descanso*, o João telefonou-nos a dizer que tinha chegado bem.  
b. *Para que ficássemos descansados*, o João telefonou-nos a dizer que tinha chegado bem.
- (284) a. O João está a chorar *desde as três horas*.  
b. O João está a chorar *desde que chegou a casa*.
- (285) a. O João ficará a trabalhar *até horas tardias*.  
b. O João ficará a trabalhar *até que anoiteça*.
- (286) a. O João saiu de casa *sem barulho nenhum*.  
b. O João saiu de casa *sem que ninguém o ouvisse*.  
c. O João saiu de casa *sem fazer barulho nenhum*.

*Desde* e *até* impõem uma restrição semântica ao seu complemento oracional, que tem de ter uma natureza temporal<sup>27</sup>. As orações introduzidas por estes conectores podem assim ocorrer como resposta a interrogativas com *desde quando* e *até quando*:

- (287) - Desde quando está ele doente?  
- Desde que chegou de Paris.
- (288) - Até quando vai durar a greve?  
- Até que o governo mude de posição.

Veja-se que noutras línguas os conectores correspondentes podem integrar um elemento semelhante a *quando*. É o que acontece em italiano (cf. exs. (289)-(293), Renzi & Salvi 1991: 724-5; Moretti 1992: 502) e em espanhol (cf. exs. (294)-(297), García Fernández

---

<sup>27</sup> É discutível que o argumento oracional seleccionado por *até* tenha uma natureza temporal. Veja-se que esta P, ao contrário de *desde*, pode seleccionar uma infinitiva:

i) A greve manter-se-á [até o governo mudar de posição].

1999: § 48.7):

(289) Soleva rimanere sveglia *finché non rientrava suo figlio*.

(290) Starò sveglio *fin quando abbiamo telefonato*.

(291) Gridò *finché ebbe voce*

(292) *Da quando Luigi fa il ferroviere* non ha più un orario fisso.

(293) *Dacché Maria ha cominciato a fumare*, non ha più smesso.

(294) Vivo solo *desde que murieron mis padres*.

(295) Trabajo en París *desde cuando gané la oposición*.

(296) No me habló *hasta que llegó Pepe*.

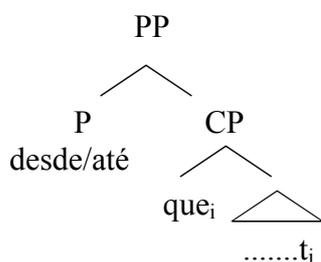
(297) No me habló *hasta cuando empezó la película*.

É plausível supor que em português o elemento *que* que integra estes conectores tenha também uma natureza temporal, correspondendo a um relativo introduzido por uma preposição nula, tal como acontece em contextos como o seguinte:

(298) Fico preocupado nos dias (em) que o João chega tarde a casa.

Teríamos assim, no caso das orações temporais introduzidas por *desde que* e *até que*, uma P seguida de uma relativa livre de natureza temporal que funciona como complemento da preposição:

(299)



Os conectores destas orações enquadrar-se-iam portanto no tipo <P + relativo>, sendo a relativa analisável como uma relativa sem antecedente complemento da P. Não questiono aqui o facto de a partícula *que* corresponder a um constituinte-Qu deslocado ou a um complementador coindexado com um operador que por sua vez liga uma variável no interior da subordinada. O que importa é que, em qualquer dos casos,

teremos uma posição vazia A'-ligada no interior da encaixada.

Voltarei ao estatuto de relativa da oração introduzida por *que*.

García Fernández 1999 refere que Bosque 1987 considera que em *hasta que* e *desde que* a sequência <preposição + *que*> foi reinterpretada como uma conjunção. A favor disso, o autor refere a impossibilidade de coordenar o segmento encabeçado por *que*:

(300) Hasta que llegó Pepe y (\*que) empezó el jaleo.

(301) Desde que murió su hermano y (\*que) abandonaron la ciudad.

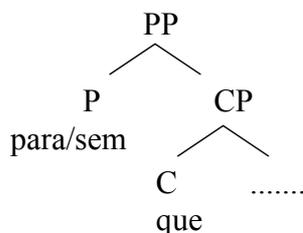
Em português, no entanto, não me parece que a coordenação do segmento iniciado por *que* dê necessariamente origem a frases agramaticais. Embora a não repetição de *que* corresponda ao caso não marcado, a coordenação das orações introduzidas por *que* também é possível:

(302) Desde que a mãe morreu e (que) o pai arranhou outra mulher, o Rui anda triste.

(303) Até que a situação acalme e (que) a polícia dê indicações precisas, todos devem permanecer nas suas casas.

Nas orações finais com *para que* e nas orações de circunstância negativa com *sem que* a partícula *que* corresponderá antes a um complementador, não havendo uma posição vazia na subordinada. Este conector enquadrar-se-á no esquema <P + complementador>.

(304)



Veja-se que *para* e *sem* podem seleccionar, para além de constituintes nominais, constituintes oracionais finitos ou infinitivos. *Para* pode ter como complemento um

pronome demonstrativo que retoma a oração subordinada:

(305) a. *Para poder vir à reunião*, tive de cancelar vários compromissos.

b. *Para isso*, ...

Quanto ao conector *porque*, trata-se também aqui de uma unidade inicialmente constituída por uma P - *por* - seguida de uma oração completiva iniciada por *que*. Veja-se que *por* pode seleccionar também orações infinitivas e outros constituintes nominais, mantendo um sentido relativamente constante:

(306) a. O João foi-se deitar *porque era tarde*.

b. O João foi-se deitar *por ser muito tarde*.

c. O João foi-se deitar *por esse motivo*.

No entanto, o conector *porque* parece ter sofrido um grau maior de gramaticalização, não sendo já possível coordenar a oração completiva que a P selecciona, ao contrário do que acontece quando a P selecciona uma infinitiva:

(307) O João foi-se deitar *porque era tarde* e \*(*por*)*que estava já com sono*.

(308) O João foi-se deitar *por ser muito tarde* e ?(*por*) *estar já com sono*.

Nem sempre é fácil determinar se a partícula *que* corresponde nestes conectores a um complementador ou a um relativo, ou, melhor dizendo, se a oração finita que segue os primeiros elementos da unidade complexa corresponde originariamente a uma oração subcategorizada, a um adjunto, ou a uma relativa livre.

Como determinar a natureza categorial de *que* nestas unidades?

Alguns factores podem ajudar a definir o estatuto sintáctico de *que* em cada uma das expressões:

- i) o elemento inicial pode seleccionar outras categorias?
- ii) a oração iniciada por *que* pode alternar com uma infinitiva?
- iii) a oração iniciada por *que* pode ser substituída por um relativo na formação de uma interrogativa? (e.g. *desde quando? até quando?*)
- iv) a oração iniciada por *que* tem um valor adverbial (por ex. temporal)?
- v) é identificável uma posição argumental vazia no interior da encaixada?

Assim, como vimos, as preposições *por*, *para* e *sem*, por exemplo, podem seleccionar a par de DPs, orações finitas ou infinitivas, ainda que o sentido das

expressões não seja absolutamente equivalente para todas as categorias:

- (309) a. O Zé despediu-o *por minha causa*.  
b. O Zé despediu-o *porque eu lhe pedi*.  
c. O Zé despediu-o *por eu lhe ter pedido*.
- (310) a. O Zé comprou este vinho *para o nosso jantar*.  
b. O Zé comprou este vinho *para que nós o bebêssemos ao jantar*.  
c. O Zé comprou este vinho *para nós bebermos ao jantar*.
- (311) a. O Zé saiu de casa *sem uma palavra*.  
b. O Zé saiu de casa *sem que eu o ouvisse dizer uma palavra*.  
c. O Zé saiu de casa *sem me dizer uma palavra*.

Assim, as orações que seguem estas preposições comportam-se como complementos seleccionados por elas. A oração corresponde a uma proposição que constitui o evento que denota a causa, o fim, ou a circunstância que não se verificou, relativamente ao evento da matriz.

Qual o estatuto do morfema *que* nos conectores temporais *desde que* e *até que*?

No conector temporal *desde que*, o morfema *que* parece introduzir uma relativa livre com um operador nulo de valor temporal que é seleccionada pela P. Noutras línguas, como foi já referido, uma temporal com *quando* pode ocupar esta posição (cf. italiano *da quando* a par de *da che* e de *dacché*). Ainda, em português, a preposição *desde* pode ocorrer em expressões interrogativas com *quando*: *desde quando*.

(312) - Desde quando é que estás doente?/ - Desde que cheguei de férias.

Para além disso, o estatuto relativo de *que* em *desde que* é corroborado pelos seguintes factos:

- i) tal como acontece com *quando*, *desde que* pode introduzir uma oração cujo predicado pode seleccionar um argumento temporal:

(313) O João está com uma depressão [desde [que isso aconteceu [-]]].

- ii) o elemento *que* em *desde que* pode ter um antecedente lexical, que, no entanto, tem de estar localizado depois da P:

(314) O João está com uma depressão desde o dia (em) que isso aconteceu.

(315) ??Lembro-me do dia desde que o João adoeceu.

- iii) tal como acontece com *quando*, *que* parece poder sofrer movimento longo, quando na subordinada existe anáfora de complemento nulo:

(316) O João está desempregado [desde [que eu disse que ele iria estar [-]].

O estatuto de *que* em *até que* não é tão claro.

Ao contrário do que acontece com *desde*, *até* pode seleccionar também orações infinitivas:

(317) a. \*O Rui está a chorar desde chegar a casa.

b. O Rui está a chorar desde que chegou a casa.

(318) a. O Rui chorou até chegar a casa.

b. ??O Rui chorou até que chegasse a casa.

*Desde que* temporal selecciona o indicativo, ao passo que *até que* selecciona o conjuntivo. As orações com *até que* têm preferencialmente sujeitos disjuntos do sujeito da matriz.

Vários argumentos poderão apoiar o eventual estatuto relativo de *que* em *até que*:

- i) a possibilidade de a oração introduzida por *até que* poder funcionar como resposta a interrogativas-Qu com *até quando*:

(319) - Até quando vais ficar à espera?/- Até que me dêem uma resposta.

- ii) a aparente ligação de *que* a uma posição seleccionada no interior da encaixada:

(320) Vou esperar [até [que isso aconteça [-]]].

- iii) a possibilidade de *que* ter um antecedente lexical:

(321) Vou esperar até (a) o dia (em) que isso aconteça.

- iv) a aparente possibilidade de *que* sofrer movimento longo em contextos de anáfora de complemento nulo:

(322) O João estará de cama [até [que o médico ache que ele deva estar [-]]]

Assim, aparentemente, *até* pode seleccionar um DP ou Adv de natureza temporal,

uma oração infinitiva, ou uma oração finita:

(323) Esperarei até amanhã/logo/depois.

(324) Esperarei até esta tarde.

(325) Esperarei até ser preciso.

(326) Esperarei até que estejas preparado.

### 3.3.2.3. Conectores que integram um advérbio

Outros conectores de orações adverbiais são encabeçados por elementos de natureza adverbial. É o caso dos conectores *antes de/que* e *depois de*. Em português, *antes* e *depois* funcionam não como preposições, mas como advérbios. Distinguem-se assim de *before* e *after* em inglês que podem ter uma distribuição típica de preposições. Assim, em português, o complemento nominal de *antes* e *depois* é sempre introduzido pela P neutra *de*, uma vez que os Adv., não sendo atribuidores de Caso, não seleccionam directamente constituintes nominais:

(327) a. O João saiu antes dela/das três horas.

b. \*O João saiu antes ela/as três horas.

(328) John left before her/three o'clock.

(329) a. O João chegou depois de mim/das três horas.

b. \*O João chegou depois mim/as três horas.

(330) John arrived after me/three o'clock.

O estatuto adverbial destes elementos é confirmado pela possibilidade de *antes* e *depois* poderem ocorrer sem qualquer complemento, ao contrário do que acontece com *desde* e *até*:

(331) \*O João está a dormir desde.

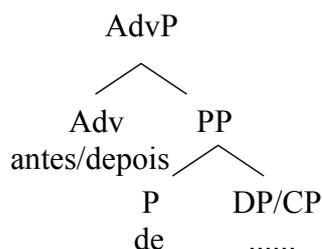
(332) \*O João dormiu até

(333) O João chegou antes.

(334) O João chegou depois.

As orações introduzidas pelas chamadas 'locuções' *antes de* e *depois de* corresponderiam então na realidade a sintagmas adverbiais cujo núcleo tem um complemento:

(335)



O estatuto adverbial de *antes* e *depois*, no entanto, não é tão pacífico assim. Estes advérbios têm de facto propriedades particulares, tal como os advérbios deícticos *aqui*, *ali*, *hoje*, *agora*, entre outros, como observa Bosque (1990: 199). Pertencem a um subconjunto de advérbios que pode ocorrer em posição de complemento de uma preposição:

(336) Guarda isso *para depois*.

e pode ocorrer em estruturas de tipo clivado que integram relativas (cf. Larson 1985; Bosque 1990):

(337) a. Lo vi ayer/recientemente

b. Lo resolvió así/ fácilmente

(338) a. Ayer/??Recientemente fue cuando lo vi

b. Así/??Fácilmente es como lo resolvió (Bosque 1990: 200)

Bosque 1990 considera, na sequência de outros autores, que estes advérbios - a que chama identificativos - têm comportamentos típicos de formas nominais (ou de substantivos). Também, segundo o autor, como vimos, *cuando* e *donde* em espanhol são advérbios identificativos e não constituintes relativos movidos.

Outros conectores que integram um Adv são *sempre que*, *logo que* e *assim que*.

*Sempre* e *logo* como conectores oracionais mantêm as características temporais que têm quando não iniciam orações, podendo estabelecer uma relação com outro constituinte de natureza temporal:

(339) a. O João bebe *sempre* café *depois de almoço*.

b. O João bebe café *sempre que acaba de almoçar*.

(340) a. *Quando chega a casa*, o João toma *sempre* uma bebida.

b. O João toma uma bebida *sempre que chega a casa*.

- (341) a. *Depois de jantar*, o João vai *logo* para a cama.  
 b. O João vai para a cama *logo que acaba de jantar*.
- (342) a. *Quando chega a casa*, o João liga *logo* a televisão.  
 b. O João liga a televisão *logo que chega a casa*.

Já relativamente a *assim*, não existe um paralelismo tão claro entre o Adv e o conector oracional. O Adv *assim* tem habitualmente uma interpretação de modo, ao passo que o conector *assim que* tem claramente uma interpretação temporal:

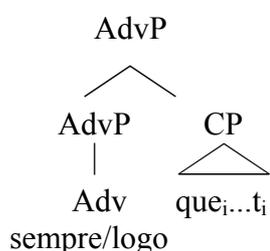
- (343) a. *Quando chegou a casa*, o João gritou *assim* (=dessa maneira).  
 b. O João gritou *assim que chegou a casa* (=logo que chegou a casa).

No entanto, o Adv *assim* pode assumir outros valores para além do modo, como é exemplificado nas seguintes frases:

- (344) *Assim* fosse verdade! (advérbio 'desiderativo', cf. 'oxalá')
- (345) *Assim* de repente, não consigo lembrar-me do nome. (advérbio 'modalizador')
- (346) A situação da firma tem piorado bastante. *Assim*, teremos de reduzir as despesas no próximo ano. (advérbio conectivo conclusivo, cf. 'por conseguinte')
- (347) Assim está a senhora, assim estava eu. (advérbio que estabelece uma correlação comparativa)

A oração introduzida por *que* que segue os advérbios *sempre* e *logo* pode ser analisada como uma relativa que restringe o valor do advérbio.

(348)



Repare-se nos exemplos de (340) e (342). Veja-se ainda que o relativo parece desempenhar uma função na oração subordinada. Como argumentado em Mória 2001 para as orações com *quando*, também as orações com *sempre que* e *assim que* podem ter

um predicado que exige um argumento temporal:

(349) A Ana fica aborrecida [sempre [que; isso acontece [-]<sub>i</sub>]].

(350) A Ana chamou a ambulância [logo [que; o acidente ocorreu [-]<sub>i</sub>]].

Quanto a *assim que*, a estrutura gramatical não é tão óbvia, uma vez que o Adv *assim* tem um sentido diferente daquele que tem quando ocorre isoladamente.

#### 3.3.2.4. Conectores que integram um quantificador ou um advérbio de grau

Alguns conectores do português correspondem a DPs quantificados seguidos de uma oração relativa. Assim, enquadram-se no esquema <quantificador (+ D) + N + relativo> os seguintes conectores: *cada vez que*, *todas as vezes que*.

Estes conectores incluem o N *vez* que é quantificado pelo quantificador universal *todas* ou pelo quantificador distributivo *cada*. As orações introduzidas por estes conectores ganham assim um valor de frequência ou de quantificação sobre situações paralelo ao que acontece com *sempre que*, uma vez que *sempre* é um advérbio que quantifica sobre eventos.

Repare-se que estes conectores correspondem já a expressões cristalizadas. O N *vez* não é passível de outro tipo de modificação:

(351) ??Todas as tristes vezes que ele me telefona, é para me contar alguma desgraça.

(352) \*Cada uma das vezes que ele me telefona, fico enervada.

A oração iniciada por *que* funciona aqui mais uma vez como uma relativa que restringe o valor do DP quantificado:

(353) A Ana fica aborrecida cada vez que isto acontece.

(354) A Ana fica aborrecida todas as vezes que isso acontece.

Outro tipo de conectores que integram quantificadores ou advérbios de grau correspondem a *por muito (x) que* e *por mais (x) que*. Neste caso, é mais difícil determinar a natureza gramatical do conector. Ao contrário dos outros, estes conectores não constituem expressões fixas. Podem ter a forma *por muito que* e *por mais que*, como em:

(355) *Por muito que te custe*, terás de me ouvir.

(356) *Por mais que eu o avisasse*, ele não me obedeceu.

Podem também integrar elementos nominais, adjectivais ou até adverbiais:

(357) *Por muito rico que ele seja*, não quero casar com ele.

(358) *Por mais dinheiro que me ofereças*, não vou aceitar o emprego.

(359) *Por muito depressa que ele corra*, nunca conseguirá ganhar a corrida.

Assim, estas estruturas condicionais-concessivas parecem ter alguma coisa em comum com as construções de grau.

### 3.3.2.5. Conectores que integram uma forma participial

Alguns conectores de orações adverbiais do português parecem corresponder a uma forma participial (particípio passado) seguida de um complemento oracional. Trata-se dos conectores *visto que* e *dado que*.

Para testarmos o estatuto gramatical deste conector, i.e. para sabermos se corresponde ainda a um particípio passado seguido de um complemento ou se, pelo contrário, sofreu um processo de gramaticalização que nos impede de atribuir um estatuto verbal ao primeiro elemento, podemos considerar os critérios propostos por Bosque (1990: 197):

- i) a (im)possibilidade de coordenar as orações introduzidas por *que*;
- ii) a presença (ou não) de acento no particípio;
- iii) a possibilidade de inserir expressões parentéticas entre a forma verbal e *que*.

Em português, é possível, ainda que seja um pouco marcada, a coordenação apenas do elemento introduzido por *que*:

(360) Visto que tudo está mais calmo e (visto) que a situação já não merece cuidados, vou para casa.

(361) Dado que não há quorum e (dado) que já passou uma hora, teremos de adiar a assembleia.

Esta possibilidade seria um argumento a favor da existência de uma certa

independência entre a forma verbal e *que*, i.e. a favor do estatuto não completamente gramaticalizado dos conectores *visto que* e *dado que*.

Também estas formas verbais parecem poder receber acento próprio.

A inserção de uma expressão parentética é possível, embora nem sempre seja natural:

(362) ?Visto, como é óbvio, que está a chover...

(363) ?Dado, é claro, que haverá mais oportunidades...

Assim, pode considerar-se que os conectores *visto que* e *dado que* mantêm até certo ponto o seu estatuto de orações absolutas. O facto de *visto* e *dado* poderem ser seguidos de uma oração infinitiva apoia a ideia de que *visto que* e *dado que* correspondem a unidades analisáveis, que preservam em grande medida as propriedades dos itens lexicais que as constituem:

(364) Dado estarmos todos de acordo, podemos proceder à votação.

(365) Visto ter acabado a guerra,...

### 3.3.2.6. Conectores adverbiais

Os conectores *embora* e *mal* correspondem a constituintes inicialmente de natureza adverbial, tendo passado a funcionar como conjunções, i.e. como introdutores de orações subordinadas.

*Embora* (cf. Machado 1952, Lima 1997) tem origem na expressão adverbial *em boa hora*, tendo sofrido um processo de gramaticalização acentuado. De acordo com Machado 1952, em textos do s. 15 ainda se encontra a expressão *em boa hora* (por oposição a *em má hora*). Actualmente, tem apenas valor concessivo.

Note-se que, da sua natureza adverbial, *embora* conserva uma certa mobilidade. Assim, em orações gerundivas, *embora* pode ocorrer quer antes da forma verbal no gerúndio, quer depois dela. Esta variabilidade de posição não é característica das conjunções típicas.

(366) a. *Embora* sendo pobres, todos eram muito felizes.

b. Sendo *embora* pobres, todos eram muito felizes.

O conector *mal* também tem uma origem adverbial. O Adv. *mal* pode ter diferentes valores, geralmente associados a diferentes posições que o Adv. ocupa. Em

posição pós-verbal tem geralmente interpretação de modo. Em posição pré-verbal (imediatamente antes do verbo ou antes do sujeito), no entanto, tem geralmente um valor que corresponde à quase negação da proposição, parafraseável por *quase não*, ou, se se quiser, a um valor que enfraquece a asserção da proposição. Esses valores são exemplificados nas seguintes frases:

- (367) a. O João nada mal. <mal=modo>  
b. \*O João mal nada.  
c. \*Mal o João nada.
- (368) a. O João mal sabe nadar. <mal='quase não'>  
b. \*O João sabe nadar mal.  
c. \*Mal o João sabe nadar.
- (369) a. Mal o João sabia que as coisas iam acabar assim. <mal=avaliativo?>  
b. \*O João sabia mal que as coisas iam acabar assim.  
c. ??O João mal sabia que as coisas iam acabar assim.

O Adv. *mal* em posição pré-verbal, no entanto, não legitima itens de polaridade negativa:

- (370) O João não falou a ninguém.  
(371) \*O João mal falou a ninguém.

Em posição pré-verbal, *mal* pode adquirir também um valor temporal-aspectual:

- (372) a. O João *mal* começou a falar.  
b. O João *acabou de* começar a falar.  
c. O João começou a falar *mesmo agora*.

Assim, nas seguintes frases, percebe-se que dos usos em que o Adv ocorre em posições periféricas na frase tenha passado a funcionar como conector oracional:

- (373) a. (*mal*) o João (*mal*) entrou, e o Pedro já está a sair!  
b. *mal* o João entrou, o Pedro saiu

### 3.3.2.7. Conectores do tipo <P + N + *de* ...> ou <P + DP + *de*...>

Um conector como *a fim de (que)* pode ser analisado como a sequência da P *a* seguida do N *fim* seguido da P *de* que selecciona uma completiva finita ou infinitiva:

- (374) a. A reunião começou um pouco mais tarde *a fim de que todos pudessem estar presentes*.
- b. A reunião começou um pouco mais tarde *a fim de todos poderem estar presentes*.

Este conector complexo, que pode ser comparado com as expressões *com o fim de* e *com o intuito de*, tem no entanto uma coesão interna maior. Veja-se que, ao contrário do que acontece nas expressões *com o fim de* e de *com o intuito de*, o N *fim* não admite nem determinação nem modificação:

- (375) a. \*A reunião começou um pouco mais tarde *ao fim de que todos pudessem estar presentes*.
- b. \*A reunião começou um pouco mais tarde a(o) claro fim de que todos pudessem estar presentes.

(376) O Rui chegou mais tarde *com o claro intuito de dar nas vistas*.

(377) O Rui aproximou-se *com o maléfico fim de me pôr nervoso*.

Ainda, enquanto *a fim de* selecciona quer completivas finitas quer infinitivas (cf. (374)), *com o fim de* e *com o intuito de* seleccionam apenas infinitivas:

(378) ??/\*O Rui chegou mais tarde com o intuito de que todos reparassem nele.

(379) ??/\*O Rui aproximou-se com o fim de que eu ficasse nervoso.

Quanto aos conectores que introduzem condicionais *na condição de* e *no caso de*, verificamos que se trata também de unidades analisáveis, ou seja trata-se de grupos preposicionais que incluem uma completiva infinitiva. Em ambos os casos, o N - *caso* e *condição* - continua a poder ser modificado e está determinado, contrastando assim com o que acontece com o conector *caso*:

(380) Eu comprometo-me a escrever o relatório na simples condição de me darem um prazo de uma semana.

(381) No caso pouco provável de o comboio chegar atrasado, teremos de esperar cerca de três horas pela outra camioneta.

(382) (\*O) caso (\*improvável) o comboio chegue atrasado, teremos de esperar cerca de três horas pela outra camioneta.

Quanto ao conector *apesar de*, que introduz apenas infinitivas, é plausível pensar-

se que se trata de uma locução prepositiva, formada inicialmente por P + N + P (*a pesar de*) que sofreu uma gramaticalização. A forma *apesar* não aparece noutros contextos para além deste, não tendo comportamento de advérbio:

(383) \*Apesar, o Rui foi trabalhar.

Quer quando selecciona uma oração, quer quando selecciona um DP, *apesar de* conserva o mesmo sentido concessivo:

(384) Apesar de tudo/apesar disso/apesar do mau tempo, o Rui foi trabalhar.

(385) Apesar de ser Domingo/apesar de o patrão estar de férias, o Rui foi trabalhar.

Pode pensar-se, por conseguinte, que é a unidade lexicalizada *apesar de* que é responsável pelo sentido concessivo da oração que introduz.

Finalmente, o conector *à medida que* introduz apenas orações finitas:

(386) À medida que o tempo passa, a saudade aumenta.

(387) \*À medida de o tempo passar, a saudade aumenta.

Neste caso, embora não tenhamos nenhum quantificador lexicalizado no conector, parece-me plausível admitir que temos uma estrutura aproximável da dos conectores *cada vez que* e *todas as vezes que*, no sentido em que temos um DP que contém uma oração relativa. Isto explicará a relação de proporção que se estabelece entre subordinada e principal:

(388) À medida que o tempo passa, a saudade aumenta.

o tempo passa na medida  $x$ ; a saudade aumenta na medida  $x$

Teremos assim um PP que contém um DP modificado por uma relativa restritiva (encabeçada por uma P nula) que funciona como adjunto do predicado da oração matriz:

(389)

```

graph TD
    PP[PP] --- P[P]
    PP --- DP[DP]
    P --- a[a]
    DP --- RC["a medida_i  
(em) que_i ... t_i"]
  
```

### 3.3.2.8. Conectores conjuncionais

Existem conectores de adverbiais que não se enquadram em nenhum dos tipos referidos anteriormente. Entre eles encontram-se por exemplo elementos que são classificáveis como conjunções, e.g. condicional *se*, e conectores de base nominal que foram reanalisados como conjunções, e.g. *caso*.

Neste último caso, o conector deixou de ter as propriedades associadas aos Ns.

Pode ser seguido de uma oração finita sem qualquer outra conjunção, mas não de uma oração finita introduzida por *que* ou infinitiva:

(390) Caso estejam de acordo, terminamos a aula mais cedo.

(391) \*Caso que estejam de acordo,...

(392) \*Caso de estarem de acordo,...

Não pode ser determinado nem modificado:

(393) \*No caso estejam de acordo,...

(394) \*Os casos estejam de acordo,...

(395) \*Caso improvável estejam de acordo,...

Assim, *se* e *caso* condicionais funcionam como conjunções, ocupando possivelmente a posição C.

Também o conector causal *como* pode ser tomado como um item lexical que ocupa a posição C. Ao contrário do que acontece com os conectores *como* com valor de modo e *como* com valor conformativo, nas causais com *como* não é possível identificar uma posição vazia no interior da subordinada. *Como* causal não tem, por conseguinte, um comportamento típico de um elemento-Qu:

(396) a. O Rui anda exactamente como o pai anda (\*assim)

b. O Rui anda exactamente como<sub>i</sub> o pai anda [-]<sub>i</sub>

c. O Rui anda de certa maneira e o pai anda dessa maneira.

(397) a. Como (\*o) sabes, o Rui é muito meu amigo.

b. Como<sub>i</sub> sabes [-]<sub>i</sub>, ...

c. O Rui é meu amigo e tu sabes isso

(398) a. Como está a chover, o piquenique foi cancelado.

- b. \*Está a chover dessa maneira e o piquenique foi cancelado.
- c. Está a chover. O piquenique foi cancelado.

Para além disso, em português antigo existia um conector causal *visto como* com um valor semelhante a *visto que*:

(399) E o d(i)to {{A}}. Jui'z [vi'sto como o d(i)cto Joha~ de Merida no~ enbargaua o meyo do Alq(ui)er] Julgou p(or) ((L11)) sente~ça q(ue) o d(i)cto P(ri)ol (e) Conve~to aia~ a meyadade do Alq(ui)er q(ue) as d(i)ctas Casas Rendere~ daq(ui) adeant(e). (CIPM, 1289, CHP022)

Este coexistia com *como*:

(400) Conu~çuda cousa seia a q(ua)ntos esta Carta uire~ que [como conte~da fosse antr' o muy nobre don Affonso pela gr(aç)a de deus Rey de Portugal. e do Algarue da hu~a p(ar)te. E nos Mo'ó'r m(a)rti'j'z Abbadessa e o Conuento do Moest(e)iro de Arouca da outra. sobrelo Moest(e)iro de San Saluador de Bouças. e o herdam(en)to de Bouças. e de Villar de Sando cu~ todas sas p(er)te'e'nças]. de nossa bo~a uo'ó'ntade. e por p(ro)feytam(en)to /de no/sso Moest(e)iro ue'e'mos a'a' tal aue'e'nça. q(ue) elRey nosso senhor aia o Moest(e)iro. e o herdam(en)to de Bouças. e de villar d(e) Sando co~ todas sas p(er)te'e'nças. e co~ todos seus deryt(os). (CIPM, 1257, CA22, F127rA ll. 48-55 e F128vB ll. 1-4)

O item lexical *como* tinha aliás frequentemente um funcionamento típico de um complementador, introduzindo completivas finitas:

(401) Sabha~ todos [como p(re)stumeyro. dya de. Março. E(ra). #Ma #CCCa (e) ((L02)) #xxxa (e) seis Anos. En alpa~pilhel. eno cunchouso. nouo. q(ue) era e~ conte~ ((L03)) da Ant(re) P(e)d(ro) rodrigi'z. Alcayde da Aza~bui'a. (e) A p(ri)ouressa (e) As donas ((L04)) dachelas. En p(re)zença. de mj~ Dyago ean(e)s Tablyo~. dessa uila. (e) ((L05)) das testemu~yhas q(ue) adea~te son esc(ri)tas. Jhoa~ de moli~. porteyro ((L06)) del Rey. entregou o erdame~to sobred(i)to. A Rodrigo p(ro)c(ur)ador das ((L07)) ditas donas assi como lhi el Rey ma~daua. e~ hua carta. de ((L08)) sente~ça q(ue) dera a~t(re) o d(i)to Alcayde (e) essas donas]. (CIPM, 1298, CHP061)

(402) E se lho conhoc(er) ou lho p(ro)uar [como el lho deu ou lho ma~dou],  
aq(ue)l q(ue) lha deu ou lha mandou aya a pe~a q(ue) ma~da a ley dos  
q(ue) faze~ as esc(ri)turas falsas se no~ ouu(er) razo~ dereyta p(er) q(ue)  
se deffenda. (CIPM, s. 13, TP)

(403) Conuzuda cousa segia a quantos virem & oyrem como eu Diego Gom(e)z  
d(e) bom cor & d(e) boa uoomtade ffazo pleyto & plazo & carta firm(e)  
d(e) quitazo~ q(ue) sempre ualla (CIPM, s. 13, HGP)

Também em português europeu contemporâneo é possível identificar um  
complementador *como* com um valor próximo de *que*:

(404) a. Vêem como é possível concluir o projecto num ano?

b. Vêem que é possível concluir o projecto num ano?

(405) Sabes bem como o teu pai detesta que fales assim.

(406) Vês como te sabes portar bem quando queres?

### 3.3.2.9. Conectores que incluem um adverbial de 'inclusão' ou de 'exclusão'

Alguns conectores de orações condicionais e condicionais-concessivas parecem  
corresponder a uma sequência formada por um advérbio ou expressão adverbial de  
'inclusão' ou de 'exclusão' seguidos de *que*: *ainda que*, *mesmo que* e *a menos que*, *a não  
ser que*.

Os advérbios *ainda* e *mesmo* parecem ser os responsáveis pelo valor concessivo  
da oração, funcionando como modificadores dessas orações, tal como acontece com  
outros constituintes não oracionais:

(407) a. Mesmo sem fome, podes jantar.

b. Mesmo que não tenhas fome, podes jantar.

(408) a. Mesmo às escuras, o João não tem medo.

b. Mesmo que não veja nada, o João não tem medo.

(409) a. Ainda assim, o Rui foi às aulas.

b. Ainda que não se estivesse a sentir bem, o Rui foi às aulas.

Assim, *ainda que* e *mesmo que* parecem corresponder a CPs introduzidos pelo  
complementador *que* (ou *se* na expressão *mesmo se*) modificados por advérbios 'de

inclusão', na terminologia tradicional (cf. Cunha & Cintra 1984; Costa & Costa 2001).

Quanto aos conectores condicionais *a não ser que* e *a menos que*, parece tratar-se de CPs introduzidos pelo complementador *que* modificados por operadores de 'exclusão' (veja-se o conector menos usado *salvo se*).

Serão assim os advérbios ou expressões adverbiais que introduzem estes conectores que definirão o seu estatuto semântico e sintáctico, i.e. são eles que fazem com que a oração tenha um comportamento típico de uma adverbial periférica, como veremos adiante.

### 3.3.2.10. Conectores <a + inf.> e <ao + inf.>

Temos ainda infinitivas temporais introduzidas por *ao* e condicionais introduzidas por *a*.

No segundo caso, a partícula *a* tem um valor claramente diferente daquele que tem a preposição *a* noutros contextos, que nunca está associada a um valor condicional:

- (410) a. A ser verdade o que se diz, só seremos aumentados no próximo ano.  
b. \*A essa situação,...

No primeiro caso, *a* parece introduzir uma infinitiva semelhante às orações factivas, sendo o infinitivo precedido do artigo *o*:

- (411) Lamento o teres perdido o ano.  
(412) Ao chegar a casa, o Rui desmaiou.

A resistência à possibilidade de lexicalizar o sujeito nestas estruturas assim como à possibilidade de termos referência disjunta aponta para uma estrutura oracional mais defectiva, cuja análise está fora do âmbito deste trabalho:

- (413) a. Ao chegar a casa, o Rui constatou que não tinha trazido as chaves.  
b. \*Ao o Pedro chegar a casa, o Rui sorriu.  
(414) a. \*Ao a Ana sorrir, o Rui sorriu também.  
a'. \*Ao sorrir a Ana, o Rui sorriu também.  
b. \*Ao o Pedro chegar, o Rui sorriu.  
b'. ?Ao chegar o Pedro, o Rui sorriu.

### 3.3.2.11. Conectores mais 'opacos'

Existem 'locuções conjuncionais' que integram elementos que não aparecem senão nesse contexto, e.g. *contanto que*. A palavra *contanto* não existe fora desta locução. Não é possível atribuir a *contanto* uma etiqueta gramatical.

Existem ainda conectores complexos constituídos por unidades que ocorrem noutros contextos em português, mas cuja estrutura interna é dificilmente analisável.

Alguns desses conectores integram Adv's ou expressões adverbiais, mas são mais opacos semanticamente do que os conectores que já analisámos acima. Assim, os conectores causais complexos *já que* e *uma vez que*, contêm respectivamente um Adv e um DP, mas o seu sentido não pode ser predito a partir dos elementos que os constituem. Assim, nem o Adv *já* nem o DP *uma vez* têm já um sentido temporal. Estes conectores gramaticalizaram-se, não podendo o sentido último ser reconstituído através da junção do sentido dos elementos individuais.

Também o conector condicional *desde que*, que selecciona conjuntivo, homófono com o conector temporal *desde que*, que selecciona indicativo, perdeu o seu sentido temporal. Além disso, ao contrário do que acontece com *desde* temporal (cf. (284)), *desde* não existe na língua portuguesa com um sentido condicional fora deste contexto, o que mostra que houve uma gramaticalização da unidade:

(415) Desde que estejas com atenção nas aulas, consegues ter uma boa nota.

(416) \*Desde essa condição, consegues ter uma boa nota.

Noutros casos, são conectores que sofreram um processo acentuado de gramaticalização, tendo-se perdido a ligação aos elementos que inicialmente os constituíram. A expressão *se bem que*, por exemplo, não tem uma estrutura interna transparente.

Curiosamente o Adv *bem* ocorre em várias línguas de famílias diferentes em conectores complexos com sentido concessivo: francês *bien que*, italiano *benché*, *sebbene*, espanhol *bien que*, romeno *de bine ce*, alemão *obwohl*, *wiewohl*, neerlandês *(al)hoewel*, húngaro *jóllehet* (cf. Kortmann 1996: 97).

Finalmente, o conector contrastivo *enquanto (que)* perdeu o seu sentido temporal, tendo apenas um valor contrastivo:

(417) A minha mãe chega a casa cedo, enquanto que o meu pai chega a casa tarde.

Neste caso, houve uma gramaticalização do conector, não sendo possível atribuir a *enquanto* um estatuto de relativo:

(418) A Ana não pode ter sido a culpada: chegou a casa de tarde, enquanto (que) o crime ocorreu ao meio-dia.

(419) Enquanto o João é alto, o Pedro é baixo.

Curiosamente, os conectores mais 'opacos' semanticamente e gramaticalmente são também os conectores que introduzem um subconjunto de orações adverbiais - aquelas que designarei de periféricas em 3.4., o que provavelmente não é acidental. Voltarei a esta questão mais à frente.

### 3.3.3. Gramaticalização dos conectores

Nem todos os conectores complexos (constituídos por várias palavras separadas graficamente ou não) apresentam o mesmo grau de coesão interna. Assim, as 'locuções conjuncionais', apesar de formarem uma unidade complexa, não têm um comportamento idêntico a um conector como *porque*. Neste caso, trata-se de uma unidade constituída pela P *por* seguida de uma completiva finita (veja-se a possibilidade de *por* seleccionar também uma infinitiva). No entanto este conector está claramente mais gramaticalizado do que outros conectores formados por P + complementador.

A coesão dos conectores complexos pode ser testada através da coordenação de parte do conector (cf. Bosque 1990<sup>28</sup>).

Veja-se que, no caso dos conectores constituídos por mais do que uma palavra, a coordenação de parte da unidade é marginalmente admitida, o que não acontece com

---

<sup>28</sup> De acordo com Bosque 1990, em espanhol não é possível coordenar as orações com *que* integradas em conectores como *porque*, *para que* e *aunque*. Em português, a coordenação destas orações não parece produzir resultados tão marginais quanto os que o autor refere para o espanhol. Para além disso, o desvio de gramaticalidade pode ser devido a uma estratégia mais geral da língua que prefere a repetição da P em contextos de coordenação. Veja-se que é geralmente preferida a repetição da P na seguinte frase:

i) O João comprou umas flores para a mãe e ??(para) o pai.

*porque*:<sup>29</sup>

- (420) a. O Zé ficou em casa *porque estava cansado e (\*que) tinha dores de cabeça*.
- b. O Zé abriu a janela *para que o quarto arejasse e (?que) entrasse um pouco de luz*.
- c. Podes vir assistir ao exame, *desde que chegues a horas e (que) fiques calado*.
- d. *Mesmo que chegues um pouco atrasado e (que) só consigas assistir ao fim*, acho que vale a pena ir.

Ainda, no caso dos conectores que integram um N, verifica-se que a cristalização da unidade se reflecte na impossibilidade de este N ser modificado ou até determinado:

- (421) a. Uma vez que o João esteve doente, não pôde vir à aula.
- b. Uma (certa) vez que o João esteve doente, não pôde vir à aula.

Nestas frases, a modificação do N *vez* só é possível quando a adverbial tem um sentido temporal, correspondendo a um DP temporal modificado por uma oração relativa. Na interpretação causal, a modificação é agramatical.

Também se pode observar a diferença entre as frases a. e b. abaixo: em a. o conector *a fim de* não admite nem determinação nem modificação de N; em b., pelo contrário, *com o fim de* não tem o mesmo grau de gramaticalização, podendo o N *fim*, que está determinado, ser modificado:

- (422) a. O Zé trabalhou muito a(\*o) fim de alcançar este objectivo.
- b. O Zé trabalhou muito com o fim claro de alcançar este objectivo.

---

<sup>29</sup> Dialectalmente, é possível a coordenação de orações adverbiais em que a primeira é introduzida por um subordinador adverbial típico (*quando, se*) e a segunda por *que*, como acontece no francês:

- i) "A gente tinha aquilo afinadinho, tudo amoladinho e quando era preciso, que a gente via que ela que já não moía bem, a gente levantava-se e picava-se." (Cordial-sin, PST24)
- ii) "Quando eles morreram, que fomos a dividir, foi um bocadito para cada um." (Cordial-sin, PFT41)
- iii) "Se chovesse, que (o) meu pai tivesse trigo e cevada para o ano inteiro, a gente tinha a nossa fartura de pão." (Cordial-sin, PST10)

A coordenação de uma adverbial infinitiva com uma oração introduzida por *que* também é possível:

- iv) "Depois de estar o unto pegadinho e teso, (...) que arrefeça, tira-se, enrosca-se num papel." (Cordial-sin, OUT36)

### 3.3.4. Conclusões

As orações adverbiais finitas e infinitivas do português podem ser introduzidas por uma série de elementos de natureza categorial diversa. Pode admitir-se que algumas delas correspondem na realidade a constituintes preposicionais ou a constituintes adverbiais que integram uma oração. Por conseguinte, de um ponto de vista categorial, funcional e distribucional, as orações adverbiais aproximam-se mais dos adjuntos circunstanciais (normalmente constituintes preposicionados) do que de Adv's.

Em rigor, nalguns casos não é a oração propriamente dita (i.e. o constituinte CP ou IP) que funciona como adjunto adverbial, mas sim o constituinte de natureza adverbial ou preposicional cujo núcleo selecciona essa oração. Assim, do ponto de vista categorial, as orações adverbiais formam uma classe heterogénea.

Como vimos também, os conectores complexos estão sujeitos a diferentes graus de gramaticalização, o que justifica que as orações adverbiais recebam essa designação e que lhes seja dado um tratamento independente daquele que têm outros adjuntos.



### 3.4. Uma tipologia sintático-discursiva das orações adverbiais

#### 3.4.1. Comportamento das orações adverbiais - testes sintáticos: adverbiais periféricas e não periféricas

Em gramáticas descritivas de várias línguas tais como Quirk *et al.* 1985 (para o inglês), Renzi, Salvi & Cardinaletti 1991 (para o italiano) e Bosque & Demonte 1999 (para o espanhol), está perfeitamente estabelecida uma distinção sintáctica no grupo das estruturas de subordinação adverbial, que corresponde em grande parte à distinção que é feita para os advérbios entre advérbios de predicado e advérbios de frase (orientados para o sujeito ou para o falante) (cf. Jackendoff 1972; Gonzaga 1997; Costa 1998; e.o.). Cada um dos tipos de subordinadas adverbiais recebeu diferentes designações nas diversas gramáticas: adjuntos vs. disjuntos (cf. Quirk *et al.* 1985); adverbiais de predicado vs. adverbiais de frase (cf. Bosque & Demonte 1999; Renzi, Salvi & Cardinaletti 1991); adverbiais integradas vs. adverbiais periféricas (cf. Galán Rodríguez 1999); adjuntos internos vs. adjuntos externos (cf. Fernández Lagunilla 1999).

Estas duas classes de orações adverbiais distinguem-se fundamentalmente pela posição não marcada que ocupam na frase matriz e por manifestarem um diferente comportamento relativamente a diversas construções sintáticas - clivagem; resposta a interrogativas Qu-; escopo da negação; escopo de operadores de foco; interrogativas e negativas alternativas.

As adverbiais ditas de predicado, a que aqui chamarei **não periféricas**, podem ocorrer em posição final de frase sem serem antecedidas de pausa ou quebra entoacional (||). As adverbiais ditas de frase, a que aqui chamarei **periféricas**, só ocorrem em posição final quando precedidas de pausa ou quebra entoacional. Qualquer uma delas pode ocorrer em posição inicial de frase, embora, como veremos, o valor discursivo das adverbiais não periféricas em posição inicial seja diferente daquele que têm quando estão em posição final.

As adverbiais não periféricas distinguem-se das adverbiais periféricas por poderem ser clivadas, estar sob o escopo de negação (de foco), estar sob o escopo de operadores de foco como *só* ou *até*, ocorrer em respostas a interrogativas-Qu e ocorrer em negativas e interrogativas alternativas.

Nesta secção, procurar-se-á determinar o comportamento das diversas estruturas

adverbiais do português relativamente aos seguintes fenómenos:

- i) anteposição
- ii) ocorrência em posição final sem haver quebra entoacional
- iii) clivagem
- iv) escopo da negação (de foco)
- v) escopo de operadores de foco (*só, até...*)
- vi) resposta a interrogativas-Qu
- vii) interrogativas alternativas
- viii) negativas alternativas

Peres 1997 constitui uma primeira tentativa de classificação objectiva das subordinadas adverbiais e das coordenadas do português com base em testes sintáctico-semânticos. Os testes considerados pelo autor são: i) possibilidade de oração complexa ocorrer como complemento de V; ii) aceitação de advérbios de frase; iii) sujeição ao escopo da negação; iv) movimento; v) clivagem). Peres 1997 não distingue subtipos sintácticos dentro de cada grupo semântico. Estabelece, no entanto, distinções entre as adverbiais, sugerindo que estas se possam reagrupar em subgrupos: o das concessivas e condicionais; o das causais, finais e temporais. Quanto às comparativas e consecutivas, Peres propõe que sejam separadas das estruturas de subordinação adverbial. O autor apresenta os resultados dos testes sob a forma de um quadro, do qual se depreende que dentro de cada grupo semântico as subordinadas têm um comportamento uniforme. Para além das subordinadas adverbiais, Peres considera ainda os cinco tipos semânticos de coordenadas da tradição gramatical portuguesa (adversativas, copulativas, disjuntivas, conclusivas e explicativas).

Os dois primeiros testes que Peres utiliza servem, segundo o autor, para verificar se a estrutura complexa é ou não de natureza frásica. O facto de as orações explicativas e conclusivas obterem resultados negativos nestes testes leva-o a concluir que se trata de um processo de composição de períodos, mas não de frases. A unidade resultante da conexão não seria de natureza frásica. No entanto, penso que estes testes não testam necessariamente a natureza frásica da estrutura. Pode pensar-se que algumas orações são obrigatoriamente adjuntas a posições mais altas na frase, o que explicaria os resultados agramaticais. Por essa razão, optei por não incluir os dois primeiros testes de Peres 1997.

De acordo com o autor, embora isso não seja dito explicitamente, os comportamentos sintáticos dentro de cada classe semântica são uniformes. Assim, o autor não propõe qualquer subdivisão dentro das classes semânticas (tradicional) que considera. As causais são classificadas com valores positivos nos testes de clivagem, escopo da negação e anteposição<sup>30</sup>, tal como as temporais e finais. As condicionais são classificadas com valores positivos nos testes de clivagem e anteposição e com valores negativos no teste de escopo da negação.

Reproduzo aqui o Quadro II de Peres (1997: 779):

**Propriedades semântico-sintáticas e subclasses de processos de composição de períodos**

	ocorrência como complemento de verbo	aceitação de advérbios de frase	sujeição ao escopo da negação	movimento	clivagem
conclusivas	-	-	-	-	-
explicativas	-	-	-	-	-
adversativas	+	+	-	-	-
copulativas	+	+	-	-	-
disjuntivas	+	+	-	-	-
concessivas	+	+	-	+	-
condicionais	+	+	-	+	+
causais	+	+	+	+	+
finais	+	+	+	+	+
temporais	+	+	+	+	+
comparativas	+	+	+	-	-
consecutivas	+	+	+	-	-

A descrição de Peres 1997, no entanto, é problemática por várias razões. Por um lado, existem orações subordinadas causais/explicativas que obtêm resultados diferentes daqueles que o autor propõe - há estruturas que admitem o movimento mas não clivagem, por exemplo. Por outro lado, não é claro o estatuto da negação considerada no teste de escopo da negação, o que permite explicar que as condicionais obtenham resultados negativos nesse teste e positivos no teste de clivagem.

---

<sup>30</sup> Distinguem-se assim das explicativas que, de acordo com o autor, obtêm resultados negativos em todos estes testes.

Peres 1997 observa que as condicionais obtêm resultados positivos nos testes de movimento e clivagem, mas resultados negativos no teste de escopo da negação. Se assim for, as condicionais constituem um problema para uma análise conjunta destes testes sintácticos como envolvendo todos um mesmo tipo de processo. No entanto, parece-me que este aparente 'desvio' das condicionais pode dever-se ao facto de a negação testada em Peres 1997 não corresponder claramente à chamada 'negação de foco', mas sim à negação frásica (ou proposicional), que incide sobre a totalidade do evento. Na realidade, o autor não é muito claro quanto ao estatuto da negação nos testes que considera<sup>31</sup>. Aqui, o teste de escopo da negação diz respeito exclusivamente à chamada 'negação de foco' (ou 'predicate term negation'), i.e. à negação que incide sobre um constituinte particular, contrastando-o com outro elemento expresso ou subentendido.

Ainda, contrariamente àquilo que o quadro de Peres 1997 deixa pressupor, é possível verificar que nem todas as condicionais se comportam da mesma forma. Na realidade, algumas condicionais rejeitam completamente a clivagem, mas outras não.

De facto, também em Quirk *et al.* 1985 se diz que existem diferentes tipos sintácticos de condicionais: as condicionais com *if* comportam-se na sua grande maioria como adverbiais não periféricas (ou de predicado); as condicionais com *unless* comportam-se como adverbiais periféricas (ou de frase) - 'adjuncts' e 'disjuncts' respectivamente, na tipologia de Quirk *et al.* 1985.

A aplicação dos testes para as condicionais revela-se bastante difícil. Na literatura (inclusivamente nas gramáticas descritivas do espanhol e do italiano (cf. Montolío 1999; Mazzoleni 1991)), são praticamente inexistentes as referências ao comportamento sintáctico das condicionais, sendo focados principalmente os seus aspectos semânticos e pragmático-discursivos. A dificuldade do estudo da sintaxe das condicionais decorre do

---

<sup>31</sup> Diz o autor: "Com o terceiro teste visa-se avaliar a possibilidade de a estrutura final ser colocada sob o escopo de um operador de negação proposicional (dando de barato que não está fora de alcance um consenso sobre este conceito, tomando-o, por exemplo, como correspondendo à "predicate denial" - ou, consoante for mais conveniente relativamente a factores que não poderei ter aqui em conta, à "predicate term negation" de Horn 1989)." e mais adiante: "Para se tentar definir o tipo de conclusão que se pode legitimamente extrair do teste de sujeição ao escopo da negação, importa ter bem presente o tipo de observação a que se está a proceder - trata-se, recordemos, de verificar a sujeição de uma estrutura a um tipo de negação identificável como "negação proposicional". Ora, perante tal caracterização, o que é normal que se espere é que o teste só dê resultado positivo quando o objecto testado tiver as propriedades que permitam categorizá-lo como sendo um objecto proposicional (isto é, rigorosamente, que exprime uma proposição, ou, simplificando e usando a terminologia da tradição gramatical, que é uma proposição)."

facto de estas estruturas, em particular as introduzidas por *se*, poderem assumir uma multiplicidade de valores que não se encontra da mesma forma nos outros tipos semânticos, e ainda do facto de as chamadas construções condicionais recobrirem estruturas com formas e comportamentos bastante diferentes.

No entanto, apesar destas dificuldades e sabendo que me é impossível desenvolver um estudo exaustivo das construções condicionais do português, penso que é possível chegar à conclusão de que existem tipos sintáctico-discursivos diferentes também no interior das construções condicionais do português que são classificáveis como subordinadas de um ponto de vista sintáctico. Enquanto algumas rejeitam em absoluto os testes de clivagem, resposta a interrogativas-*Qu*, escopo da negação e focalização, com outras estruturas condicionais isso não acontece.

Assim, é possível verificar que, dentro de cada classe semântica tradicional, podem existir estruturas com comportamentos sintácticos distintos. Isso é claro no caso das causais e das condicionais, cujo comportamento é exemplificado de seguida:

<posição>

- (423) a. O Zé faltou à aula *porque estava doente*.  
b. *Porque estava doente*, o Zé faltou à aula.
- (424) a. \*O Zé faltou à aula *uma vez que estava doente*. (ok temporal)  
a'. O Zé faltou à aula, || *uma vez que estava doente*.  
b. *Uma vez que estava doente*, o Zé faltou à aula.
- (425) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado*.  
b. *Se fosse aumentado*, o Zé compraria um carro novo.
- (426) a. ??/\*O Zé compraria um carro novo *desde que fosse aumentado*.  
a'. O Zé compraria um carro novo, || *desde que fosse aumentado*.  
b. *Desde que fosse aumentado*, o Zé compraria um carro novo.

<clivagem>

- (427) a. Foi *porque estava doente* que o Zé faltou à aula.  
b. \*Foi *uma vez que estava doente* que o Zé faltou à aula. (ok temporal)
- (428) a. Era *se fosse aumentado* que o Zé compraria um carro novo.  
b. \*Era *desde que fosse aumentado* que o Zé compraria um carro novo.

<escopo da negação de foco>

- (429) a. O Zé *não* faltou à aula *porque estava doente*. (Faltou por outra razão)  
b. \*O Zé *não* faltou à aula *uma vez que estava doente* (Faltou por outra razão) (ok temporal)
- (430) a. O Zé *não* compraria um carro novo *se fosse aumentado* (Compraria noutras circunstâncias)  
b. \*O Zé *não* compraria um carro novo *desde que fosse aumentado* (Compraria noutras circunstâncias)

<escopo de operadores de foco>

- (431) a. O Zé *só* faltou à aula *porque estava doente*.  
b. \*O Zé *só* faltou à aula *uma vez que estava doente*. (ok temporal)
- (432) a. O Zé *só* compraria um carro novo *se fosse aumentado*.  
b. \*O Zé *só* compraria um carro novo *desde que fosse aumentado*.

<resposta a interrogativas-Qu>

- (433) - Por que é que o Zé faltou às aulas?  
a. - Porque estava doente.  
b. - \*Uma vez que estava doente.
- (434) - Em que circunstâncias/condições é que o Zé compraria um carro novo?  
a. - Se fosse aumentado.  
b. - ??/\*Desde que fosse aumentado.<sup>32</sup>

<interrogativas alternativas>

- (435) a. O Zé faltou às aulas *porque estava doente* ou *porque não acordou a horas?*  
b. \*O Zé faltou às aulas *uma vez que estava doente* ou *uma vez que não*

---

<sup>32</sup> Alguns falantes por mim consultados aceitaram as respostas a interrogativas-Qu com *desde que*, ainda que não aceitassem as outras construções. Parece-me, no entanto, que este juízo corresponde não ao de uma verdadeira resposta a uma interrogativa-Qu, mas a uma resposta semelhante à que pode existir a uma interrogativa total:

i) - Posso ir ao cinema com os meus amigos?/ - Desde que não venhas muito tarde.

Este conector é aquele que parece obter juízos mais variáveis por parte dos falantes. Talvez isso se deva ao facto de o seu estatuto gramatical não estar completamente fixado.

*acordou a horas?*

- (436) a. O Zé compraria um carro novo *se fosse aumentado* ou *se lhe concedessem um empréstimo?*  
b. \*O Zé compraria um carro *desde que fosse aumentado* ou *desde que lhe concedessem um empréstimo?*

<negativas alternativas>

- (437) a. O Zé não faltou às aulas porque estava doente, mas porque não acordou a horas.  
b. \*O Zé não faltou às aulas *uma vez que estava doente*, mas *uma vez que não acordou a horas*. (ok temporal)
- (438) a. O Zé não compraria um carro novo *se fosse aumentado*, mas sim *se lhe concedessem um empréstimo*.  
b. \*O Zé não compraria um carro novo *desde que fosse aumentado*, mas sim *desde que lhe concedessem um empréstimo*.

Quando aplicamos o conjunto destes testes às diversas classes semânticas de orações adverbiais introduzidas por diferentes conectores<sup>33</sup>, verificamos que elas têm a seguinte distribuição sintáctica:

- a) nas orações não periféricas, incluem-se: um subconjunto das causais (com *por*, *porque*), as finais de evento (com *para*, *a fim de*), as temporais, um subconjunto das condicionais (com *se*, *caso*, *na condição de*), as modais, as adverbiais de circunstância negativa;
- b) nas orações periféricas, incluem-se: um subconjunto das causais (com *como*, *visto que*, *dado que*, *uma vez que*, *já que*), as finais de enunciação, um subconjunto das condicionais (com *desde que*, *contanto que*, *a não ser que*, *a* + inf., e as condicionais ‘epistémicas’ com *se*), as concessivas e condicionais-concessivas.

---

<sup>33</sup> Não apresento aqui a aplicação dos testes à totalidade das estruturas, uma vez que isso tornaria o texto demasiado pesado. Creio, contudo, que a especificação dos vários conectores no quadro abaixo permite ter uma percepção relativamente clara do comportamento específico das várias adverbiais. Os testes aplicados às estruturas introduzidas por cada um dos conectores são apresentados em anexo (cf. Anexo).

Essa distribuição é visível no seguinte quadro, que mostra o comportamento dos diferentes conectores relativamente aos testes referidos. Como se depreende do quadro abaixo, nem sempre há coincidência absoluta entre classe sintáctica e classe semântica. Isto é particularmente visível no caso das orações causais.

**Quadro 4. Comportamento das orações adverbiais introduzidas por diferentes conectores**

	posição inicial	posição final sem    <sup>34</sup>	clivag.	escopo de Neg	escopo de op. <sup>35</sup>	resp. a int. Qu	interr. altern.	negat. altern.
<b>Tipo A: Adverbiais não periféricas</b>								
<b>causais1</b>								
<i>por(que)</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<b>finais1</b>								
<i>para (que)</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>a fim de (que)</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<b>temporais1</b>								
<i>quando</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>antes de</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>depois de/que</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>desde que</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>até (que)</i>	√	√	√	√	√	√	?√	?√
<i>enquanto</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>à medida que</i>	√	√	√	√	√	√	√	?
<i>sempre que, cada vez que, todas as vezes que</i>	√	√	√	√	√	√	?√	√
<i>logo que, assim que, mal</i>	√	√	?√	√	√	√	?√	√
<i>ao + inf.</i>	√	√	√	√	√	√	√	√
<i>antes que</i>	√	?√	??	??	*?	??	??	??

<sup>34</sup> Todas as adverbiais periféricas podem ocorrer em posição final após uma pausa ou quebra entoacional, à excepção das causais introduzidas por *como*:

- i) Como esteve doente, o Zé faltou ao exame.
- ii) \*O Zé faltou ao exame como esteve doente.
- ii) \*O Zé faltou ao exame, || como esteve doente.

Ver Lobo 2001a para algumas ideias quanto a esta restrição.

<sup>35</sup> Algumas temporais não admitem estar sob o escopo de operadores como *só* plausivelmente por uma questão de incompatibilidade semântica com o valor de exclusão associado a *só*. Trata-se das temporais de frequência e das temporais de coincidência pontual entre eventos. Com outros operadores, como *até*, os resultados são francamente melhores.

<b>condicionais1</b>								
<i>se, caso</i>	√	√	?√	?√	√	√	√	?√
<i>na condição de</i>	?√	√	?√	?√	√	√	√	√
<b>modais</b>								
<i>como</i>	?√	√	√	√	√	√	√	√
<b>circunstância negativa</b>								
<i>sem (que)</i>	√	√	?√	?√	√	√	√	√
<b>Tipo B: Adverbiais periféricas</b>								
<b>causais2</b>								
<i>visto (que), dado (que), uma vez que, já que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>como</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<b> finais de enunciação</b>								
<i>para (que)</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<b>condicionais2</b>								
<i>se (enunciação)</i>	√	?*	*	*	*	*	*	*
<i>desde que</i>	√	?*	?*	?*	?*	?*	?*	*
<i>contanto que</i>	?√	*	*	*	*	*	*	*
<i>a não ser que, a menos que</i>	??√	*	*	*	*	*	*	*
<i>a + inf.</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<b>concessivas</b>								
<i>embora, se bem que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>apesar de</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<b>condicionais-concessivas</b>								
<i>mesmo se, mesmo que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>ainda que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<i>por mais que, por muito que</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<b>conformativas</b>								
<i>como</i>	√	*	*	*	*	*	*	*
<b>Tipo C</b>								
<b>temporais2</b>								
<i>quando, eis senão quando</i>	*	*	*	*	*	*	*	*
<i>até que</i>	*	*	*	*	*	*	*	*

### 3.4.2. Subdivisões nas adverbiais periféricas: adverbiais pressuposicionais vs. adverbiais de enunciação

No conjunto de estruturas de subordinação adverbiais a que chamei periféricas, e que se caracterizam por rejeitarem todos os testes que envolvem processos de focalização e por ocorrerem apenas em posições estruturais altas, é possível identificar dois subgrupos. A identificação de subtipos dentro das adverbiais periféricas encontra-se já em Quirk *et al.* 1985 (§15.21), que refere, no conjunto dos disjuntos, os **disjuntos de conteúdo** ('content disjuncts') e os **disjuntos de estilo** ('style disjuncts' - cf. também 'speech-act modifiers'), e em vários outros trabalhos (cf. Kortmann 1996). Os 'disjuntos de estilo' parecem ser ainda mais periféricos do que os 'disjuntos de conteúdo'. As periféricas de enunciação subentendem um verbo declarativo e um sujeito de primeira pessoa e modificam as circunstâncias da situação de enunciação.

A identificação de um grupo de estruturas ainda mais periféricas dentro das adverbiais 'de frase', de acordo com Kortmann (1996: 31), é actualmente um dado adquirido. Estas estruturas receberam por vezes a designação de '**speech-act modifiers**'.

Objectivamente, como se distinguem as adverbiais de enunciação das outras adverbiais periféricas?

Quirk *et al.* 1985 referem que o estatuto mais periférico dos 'disjuntos de estilo' é comprovado pela sua maior independência relativamente a pro-formas: um 'disjunto de estilo' admite mais facilmente a repetição de um DP, enquanto um 'disjunto de conteúdo' normalmente exige a substituição por uma forma pronominal:

(439) A Ana gostou do concerto de ontem, embora o programa não fosse muito do agrado ?da Ana/ do seu agrado.

(440) A Ana gostou do concerto de ontem, embora eu não tenha nada a ver com a opinião da Ana/a sua opinião.

O conector *para* é dos poucos que pode introduzir quer adverbiais não periféricas (quando se trata de uma final de evento), quer adverbiais periféricas (quando se trata de uma final de enunciação).

(441) a. Para ser eleito presidente, o Zé não olhou a meios. <final de evento>

b. Para ser sincero, não concordo com esta reestruturação. <final de enunciação>

Estas últimas são claramente orientadas para o falante e estão sujeitas a uma série de restrições: nem sempre podem co-ocorrer com verdadeiras interrogativas; com alguns predicados só são admitidos sujeitos de primeira pessoa; com outros, só sujeitos de segunda pessoa:

(442) a. *Para ser sincero*, por que é que não desistes do curso?

(443) a. *Para ser sincero*, não aprecio bebidas alcoólicas.

b. \**Para o João ser sincero*, não aprecia bebidas alcoólicas.

(444) a. *Para que saibas*, o Zé foi promovido ontem.

b. \**Para que alguns colegas saibam*, o Zé foi promovido ontem.

Além disso, as finais de enunciação não podem ocorrer em encaixadas, contrariamente às adverbiais pressuposicionais, a não ser que se trate de um discurso indirecto. Nesse caso, só na posição encaixada é que a adverbial tem comportamento de periférica. Assim, estas adverbiais estão sempre dependentes de um sujeito de enunciação.

(445) a. *Para que saibam*, o Zé disse que vou ser aumentado.

b. \**O Zé disse que, para que saibam*, vou ser aumentado.

(446) b. (\*)*Para ser sincero*, o Zé disse que não apreciava bebidas alcoólicas.

b. *O Zé disse que, para ser sincero*, não apreciava muito bebidas alcoólicas.

Serão o conteúdo proposicional da oração e o tipo de relação (lógica e pragmática) que é possível estabelecer com a matriz que condicionarão em grande parte a interpretação da adverbial como final de evento ou de enunciação.

As finais de enunciação distinguem-se ainda das finais de evento por não estarem sujeitas ao processo de 'concordância de tempos':

(447) *Para que fiques/\*ficasses informado*, o João ficou em primeiro lugar.

(448) *O director escreveu este despacho para que os docentes ficassem/?fiquem esclarecidos*.

Repare-se que existem também PPs adjuntos com *para* que se podem caracterizar como sendo de enunciação:

(449) *Para tua informação*, acabei de ser convidado para dirigir a equipa.

Também algumas condicionais com *se*, em alguns contextos, em que estão claramente orientadas para o falante (ver também 'condicionais epistémicas'), funcionam como adverbiais de enunciação.

(450) a. Se és tão esperto, faz tu o trabalho.<condicional de enunciação>

a'. Se tanto insistes, vou tentar chegar a casa mais cedo.

b. Se fosses mais esperto, não farias o trabalho sozinho.<condicional de evento>

(451) Se o Zé é pobre, (então) eu sou um miserável.

Não tratarei no resto do trabalho das adverbiais de enunciação, que colocam problemas particulares.

### **3.4.3. Interpretação dos testes: estrutura e interpretação semântico-discursiva<sup>36</sup>**

Estabelecida uma tipologia das orações adverbiais com base no seu comportamento sintáctico, colocam-se de imediato as seguintes questões:

➤ Por que razão se comportam as orações adverbiais desta forma, i.e. por que razão é que algumas adverbiais podem ser clivadas, estar sob o escopo da negação e de advérbios de foco, servir de resposta a interrogativas-Qu, ocorrer em negativas e interrogativas alternativas, e outras não?

➤ Por que razão é que as orações adverbiais manifestam um comportamento relativamente uniforme nos diversos testes? Terão estes testes alguma propriedade comum?

➤ Será o comportamento das adverbiais determinado por propriedades estruturais, por propriedades semânticas e discursivas, pela natureza morfo-sintáctica do constituinte em causa, ou por uma combinação de factores?

➤ Que tipo de processo está envolvido em cada um dos testes? Como

---

<sup>36</sup> Partes desta e das próximas secções foram objecto de uma comunicação, que será publicada em Actas (cf. Lobo, no prelo b). Agradeço aos participantes os comentários e sugestões que me fizeram.

interpretá-los?

Começarei por tratar cada uma das construções separadamente, procurando, no final, verificar se existe algum factor passível de unificar todas estas construções.

Estruturalmente, os testes acima referidos parecem envolver construções bastante distintas. Em muitos casos, não existe consenso na literatura sobre cada uma das construções.

Sabendo que me é impossível estudar em profundidade cada uma das construções envolvidas, procurarei no entanto identificar os seus aspectos mais relevantes para aquilo que me interessa aqui, i.e. identificar por que razão as adverbiais periféricas não podem ocorrer numa série de construções sintácticas. Na realidade, não é claro que a agramaticalidade nas construções acima referidas tenha sempre um fundamento estrutural. Se, no caso da negação e dos operadores de foco, a relação com a estrutura é bastante evidente, o mesmo não acontece com todas as outras construções envolvidas.

#### **3.4.3.1. Posição**

O facto de só um subconjunto de orações adverbiais poder ocorrer em posição pós-verbal sem que haja quebra entoacional (cf. temporais, causais com *por* e *porque*, finais de evento...) parece indicar que estas orações ocupam uma posição mais baixa relativamente à matriz. Na literatura sobre prosódia, assume-se que os constituintes prosódicos - que aqui são determinados apenas através de uma intuição auditiva/perceptiva e não experimentalmente -, pelo menos em determinados casos, podem delimitar um domínio sintáctico específico (cf. Frota 1998; Frota & Vigário 2002). Se a fronteira prosódica assinalada acima corresponde a uma fronteira de IP, as adverbiais não periféricas à direita ocupam muito possivelmente posições internas a IP, ao passo que as adverbiais periféricas ocupam posições externas a IP. Neste caso, a uma diferente estrutura sintáctica corresponderá uma diferente estrutura prosódica.

Para além disso, estes dados apontam para que a posição final seja a posição menos marcada (i.e. a posição 'por defeito') para as adverbiais não periféricas,

contrariamente àquilo que acontece com as adverbiais periféricas.<sup>37</sup>

Quanto à posição inicial, não parece haver à primeira vista diferenças substanciais entre os dois tipos de orações. Tanto as periféricas como as não periféricas podem ocorrer em posição inicial, embora para algumas orações essa seja claramente uma opção mais marcada (cf. finais, causais, modais).

### 3.4.3.2. Clivagem

O que nos mostra o teste das clivadas sobre a natureza das orações adverbiais? Terão as restrições à clivagem um fundamento estrutural ou semântico?

As estruturas clivadas são normalmente definidas como estruturas de focalização a que está associada uma leitura de exaustividade. Veja-se, por exemplo o que diz Kiss 1999:

"A crucial property of the cleft constituent is that it expresses exhaustive identification, i.e., it represents the value of an operator which exclusively identifies the proper subset of a set of relevant entities for which the predicate holds."

Kiss (1999: 226).

Não é claro, à primeira vista, que os resultados agramaticais no que diz respeito às clivadas tenham um fundamento puramente estrutural.

Que nas restrições à clivagem de determinados constituintes podem estar em causa aspectos de natureza semântica, e não só aspectos de natureza exclusivamente estrutural, mostram-no as restrições à ocorrência de indefinidos (não específicos) e de certos advérbios temporais cuja interpretação pode ser considerada indefinida, uma vez que são 'temporalmente vagos', i.e. implicam universalidade, ou que parecem precisar de ter um antecedente temporal, i.e. são 'temporalmente anafóricos', não suficientemente definidos:

(452) \*Foi alguém que veio à festa.

---

<sup>37</sup> As condicionais com *se*, no entanto, parecem distinguir-se das restantes orações do mesmo grupo sintáctico por ocorrerem preferencialmente em posição inicial. Também as orações temporais ocorrem com muita facilidade em posição inicial, ao contrário do que acontece com finais, causais, e modais, cuja ocorrência em posição inicial é relativamente marcada.

- (453) \*Foi alguém que o Zé encontrou na faculdade.
- (454) \*Foi ninguém que o Paulo (não) viu.
- (455) a. \*Foi alguém que tocou à porta?  
 b. Foi alguém conhecido que tocou à porta?
- (456) a. \*Não foi ninguém que tocou à porta.  
 b. Não foi ninguém que tu conhecesses que tocou à porta.
- (457) a. Eu ouvi gente a falar atrás de minha casa.  
 b. ≠ (?\*)Foi gente que eu ouvi a falar atrás de minha casa<sup>38</sup>.
- (458) a. Eu ouvi uma pessoa a falar atrás de minha casa.  
 b. ≠ Foi uma pessoa que eu ouvi a falar atrás de minha casa<sup>39</sup>.
- (459) a. ?\*Era sempre que ele adormecia no sofá.  
 b. Era sempre que dava um debate na televisão que ele adormecia no sofá.
- (460) a. ??/?\*Foi logo que o João respondeu.  
 b. Foi logo que a professora acabou a pergunta que o João respondeu.

Também Moreno Cabrera (1999: 65.2.2.2) refere o facto de o constituinte clivado não poder ser indefinido<sup>40</sup>.

Assim, é plausível supor que determinadas orações adverbiais resistam à clivagem por razões que se prendem com incompatibilidades semânticas, e não só por razões estruturais.

As clivadas foram analisadas por alguns autores como sendo construções identificacionais na base (cf. Frison 1988; Ouhalla 1999; Duarte & Costa 2001; e.o.):

- (461) [<sub>VP</sub> ser [<sub>SC</sub> [<sub>XP</sub> o Zé<sub>i</sub>] [<sub>CP</sub> Op<sub>i</sub> que [<sub>IP</sub> a Ana viu [-]<sub>i</sub>]]]]

Outros autores analisaram-nas como sendo estruturas em que o verbo *ser* lexicaliza uma categoria funcional (TP ou FocP) que selecciona um CP (cf. Ambar

---

<sup>38</sup> Esta frase só é possível se 'gente' for específico, i.e. se a leitura for contrastiva com 'não gente'/animais'...; não é possível na interpretação indefinida.

<sup>39</sup> Tal como no caso anterior, na estrutura clivada só a leitura específica está disponível.

<sup>40</sup> Segundo o autor, como o constituinte clivado tem por função identificar a entidade ou o indivíduo referido na relativa livre, este tem de ser definido e identificativo.

1997; Kiss 1999) e em que o constituinte clivado se move do interior de CP para uma posição funcional mais alta:

(462) [TP [T ser] [CP [Cque] [IP a Ana viu o Zé]]]

Na proposta que trata as clivadas como estruturas identificacionais básicas, o constituinte clivado e a oração com *que* formam uma oração pequena complemento do verbo predicativo *ser*, sendo a oração com *que* analisada como uma relativa livre.

Essa oração pequena tem como sujeito uma relativa livre e como predicado o constituinte clivado (ou vice-versa, consoante as análises).

Segundo Duarte & Costa 2001, seguindo uma proposta de Ambar 1999, o verbo *ser* das clivadas lexicaliza o núcleo funcional I. De acordo com estes autores, I seleccionaria uma oração pequena, cujo sujeito "é uma oração relativa na qual se estabelece uma relação operador-variável ou outro constituinte oracional que contenha uma posição vazia licenciada por um operador".

De acordo com estas propostas, o constituinte clivado tem como função identificar uma variável aberta presente na relativa livre (cf. Frison 1988; Duarte 2000):

"Analizzando la funzione della struttura copulare principale in rapporto all'intera costruzione scissa, si può osservare che la frase subordinata ha in realtà quella caratteristica di definizione contenente una variabile aperta che normalmente possiede il soggetto di una frase specificativa, e il costituente focalizzato serve ad assegnare un valore a tale variabile, a stabilire cioè l'entità referenziale a cui la definizione si deve attribuire."

Frison (1988: 196)

O constituinte clivado funciona assim como antecedente do operador relativo, identificando uma variável aberta contida na oração relativa. De acordo com esta hipótese, as restrições à clivagem decorrem naturalmente do facto de estarmos perante uma estrutura de tipo relativo. Numa estrutura de tipo relativo, é natural que se verifique a impossibilidade de um constituinte externo ao domínio proposicional básico servir de antecedente para o operador relativo e identificar a variável aberta contida na relativa.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Cf. também Chierchia (1995: 153), para o estatuto relativo das clivadas.

Assim, para que um elemento possa funcionar como identificador da variável tem de poder ser interpretado como estando ligado do ponto de vista interpretativo a uma posição interna ao domínio proposicional básico. Constituintes que são periféricos estarão impedidos de estabelecer uma relação dessa natureza.

Um segundo tipo de análise das clivadas, alternativo ao das clivadas como estruturas identificacionais, é o que encontramos em trabalhos como o de Ambar 1997 e Kiss 1999. Nestas análises, o verbo *ser*, que é tomado como uma lexicalização ou de Tempo ou de Foco respectivamente, selecciona um CP.

Em Ambar 1997, *ser* das clivadas corresponde a um elemento expletivo que lexicaliza T e que selecciona um complemento oracional: *que* é analisado como um complementador. O constituinte clivado é movido de uma posição interna a essa oração através de Spec de CP para a posição de especificador de IP. A autora admite ainda que I se desloca posteriormente para uma projecção funcional mais alta, caracterizada como sendo Topic\_Focus cujo especificador está ocupado por um Operador de Evento:

(463) [<sub>TopicP</sub> [<sub>Topic'</sub> [<sub>Topic\_FocusP</sub> OP<sub>EV</sub> [<sub>Topic\_Focus'</sub> foram<sub>v</sub> [<sub>IP</sub> os meninos<sub>i</sub> t<sub>v</sub> [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>C'</sub> que [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> ouviram as sonatas]]]]]]]]]]

A análise de Ambar 1997 distingue-se de outras análises por procurar explicar o facto de haver concordância temporal obrigatória entre *ser* das clivadas e o V da oração encaixada quando *ser* precede o constituinte clivado, através de um processo de concordância de traços que envolve a relação núcleo-núcleo.

Nas clivadas em que está presente um elemento de tipo Qu-, Ambar admite que esse elemento é o resultado de uma relação especificador-núcleo entre o vestígio do constituinte movido e o complementador.

Nesta análise, uma vez que o elemento *que* das clivadas não estabelece uma relação com uma variável no interior da oração encaixada, a impossibilidade de alguns elementos periféricos serem clivados não pode ser atribuída à falta de relação operador-variável. Uma hipótese será considerar que *ser* das clivadas não pode subcategorizar um CP com um adjunto. No entanto, como as adverbiais periféricas podem ocorrer também abaixo do complementador em orações subordinadas, qualquer coisa mais teria de ser dita para excluir a clivagem destas estruturas.

(464) O Zé acha que, como é muito tarde, é melhor voltarmos para casa.

Pode pensar-se eventualmente que o movimento de determinados constituintes nestas estruturas está sujeito a restrições - a explicação teria assim um fundamento estrutural. Em alternativa, a agramaticalidade pode ter origem em factores semânticos/interpretativos, i.e. constituintes com uma interpretação pressuposicional não poderiam ser movidos para uma posição em que é feita a legitimação de um traço [foco], incompatível com a natureza pressuposicional das adverbiais periféricas. Como vimos já, há de facto motivo para pensar que existem restrições exclusivamente semânticas à clivagem.

É evidente que está fora do âmbito deste trabalho um tratamento das estruturas clivadas. No entanto, qualquer que seja a estrutura das clivadas, é sempre possível explicar as restrições à clivagem de orações adverbiais de frase, quer com base em restrições de natureza mais estrutural, quer com base em restrições de natureza semântica/interpretativa, consoante as análises.

#### **3.4.3.3. Escopo da negação**

É geralmente assumido na literatura generativista que a negação frásica corresponde a um núcleo funcional que ocupa uma posição mais alta do que o predicado (VP) e mais baixa do que o núcleo funcional Complementador (C). A sua posição relativamente às categorias funcionais de Tempo (T) e Concordância (Agr) é mais controversa. Para Pollock 1989, Neg encontra-se abaixo de T e acima de Agr. Para Belletti 1990 é Agr que está acima de T, ocupando a Neg uma posição intermédia entre estes dois núcleos funcionais.<sup>42</sup> Laka 1990 e 1993 defende que a posição de Neg relativamente aos restantes núcleos funcionais é parametrizável, estando em Basco, tal como em espanhol, acima das categorias funcionais de T e Agr (ver também Rivero 1994).

Qualquer que seja a posição do núcleo funcional Neg nas diversas línguas,

---

<sup>42</sup> Na proposta de Pollock 1989, que marcou o desenvolvimento dos trabalhos em que se considera que o nó funcional Flexão corresponde de facto a vários nós funcionais ('Split IP Hypothesis'), considerava-se que a categoria T era projectada acima da categoria Agr. Posteriormente, Belletti 1990, apoiando-se na ideia do Princípio do Espelho ('Mirror Principle') de Baker 1988 em que morfologia e sintaxe se encontram claramente relacionadas, defendeu que Agr estava posicionado acima de T, já que, pelo menos nas línguas românicas, o sufixo de T precede o sufixo de Agr.

admite-se geralmente que a negação só pode ter escopo sobre constituintes que possa c-comandar (no sentido de Reinhart 1976). Decorre assim que constituintes que se encontrem adjuntos a posições funcionais altas na estrutura da frase não podem estar sob o escopo da negação. Os contrastes de gramaticalidade observados em 3.2.1. para o teste de escopo da negação terão uma explicação natural se admitirmos que as orações adverbiais de predicado se encontram adjuntas a posições baixas na estrutura da frase (VP ou TP), enquanto as adverbiais de frase estão adjuntas a posições altas (AgrP ou CP).

A negação só pode afectar constituintes que estejam sob o seu escopo, entendendo-se aqui que 'escopo' se traduz estruturalmente na relação de c-comando. A negação pode servir assim como diagnóstico para a posição estrutural de certos constituintes. Contudo, parece verificar-se que essa posição estrutural tem contrapartidas semânticas/interpretativas: os constituintes que podem estar sob o escopo da negação são também aqueles que podem ser focalizados, que podem estabelecer um contraste com outros elementos, e que não são interpretados como 'background'. Por sua vez, os elementos interpretados como 'background' estão estruturalmente fora do escopo da negação.

Ao tipo de negação que usámos nos testes de 3.2.1. estão associadas propriedades discursivas específicas. A interacção entre negação e foco é um facto referido na literatura (cf. Jackendoff 1972: 254), sendo usual chamar 'negação de foco' ('focusing negation') ou 'negação frásica de constituinte' (cf. Horn 1989; Manzotti & Rigamonti 1991; Sánchez López 1999: § 40.2.2; Declerck 1995) a construções em que a negação frásica pode ter escopo sobre um constituinte específico do predicado, aproximando-se das construções em que a negação precede imediatamente o constituinte negado – construções de negação de constituinte:

(465) O João não chegou às três. (Chegou às cinco)

(466) O João chegou não às três mas às cinco.

(467) O João não falou com a Ana. (Falou com a Teresa)

(468) O João falou não com a Ana mas com a Teresa.

A negação frásica da matriz pode incidir sobre um constituinte apenas, podendo esse constituinte corresponder a uma oração subordinada. O constituinte negado, que recebe um acento prosódico particular, é implicitamente contrastado com outro

elemento. Este tipo de negação não nega o predicado na sua totalidade, mas uma parte dele apenas. Manzotti & Rigamonti 1991 referem o papel focalizador que pode estar associado à negação:

"Anche la negazione predicativa frasale può valere, grazie ad una opportuna focalizzazione (...), di negazione correttiva."

E ainda:

"L'elemento che è responsabile del non sussistere dello stato di cose descritto dalla frase è detto 'fuoco' della negazione. Il fuoco può essere sia dentro la portata della negazione, sia fuori, nel caso dell'enfasi."

Manzotti & Rigamonti (1991: 259)

Por sua vez, Declerck 1995 aproxima as construções chamadas de 'negação de foco' de outras construções restritivas de focalização tais como as clivadas:

"'Specificational sentence' is the term used by, for example, Akmajian (1979), Higgins (1976), Declerck (1988), and Keizer (1990) to denote the type of sentence in which a value is either specified or rejected for a presupposed variable. For example, both *It was John who ran away* and *JOHN ran away* specify the value 'John' for the variable 'the *x* who ran away' (i.e. the variable in the open proposition '*x* ran away'). In both cases the value that is specified is focused, either intonationally or structurally (through the use of a cleft, which is a construction that is typically focusing and specificational). In negative sentences like *It was not John who ran away* and *JOHN didn't ran away* (on the same interpretation), the value 'John' is rejected as the value satisfying the presupposed variable. Since *John* is again focused, the negation in such a negative specificational sentence is often called "focusing negation."

Declerck (1995: n. 6)

Existem mesmo línguas, como o árabe, em que a negação de foco (quer na posição pré-verbal quer na posição junto do constituinte focalizado) é morfologicamente distinta da negação frásica (cf. Ouhalla 1993).

Assim, parece ser consensual que existe um determinado tipo de negação que interage com processos de focalização e que pode ocupar a posição canónica da negação frásica (pelo menos superficialmente) ou preceder imediatamente o constituinte negado contrastivamente.

Em português, contrariamente àquilo que se passa em inglês, o constituinte que fica sob o escopo da negação tem de estar obrigatoriamente em posição final<sup>43</sup>:

(469) O João não deu o livro ao Paulo. (deu-o ao Zé)

(470) \*O João não deu o livro ao Paulo. (deu-lhe o caderno)

(471) O João não foi ao cinema no domingo. (foi ao cinema no sábado)

(472) \*O João não foi ao cinema no domingo. (foi ao teatro)

(473) \*O João não foi ao cinema.

Assim, é possível que haja frases ambíguas entre uma interpretação em que a negação incide sobre a totalidade do predicado e uma interpretação em que se nega apenas um constituinte do predicado. Na ausência de factores pragmáticos, será a prosódia a distinguir as duas interpretações:

(474) O Zé não faltou à aula por estar preocupado.

- i. O Zé não faltou à aula e isso aconteceu por estar preocupado (com o exame próximo).
- ii. O Zé faltou à aula, mas isso não aconteceu por estar preocupado (com um familiar doente).

Repare-se que, no segundo caso, a frase se aproxima muito de uma clivada em que a negação antecede o verbo focalizador *ser*:

(475) Não foi por estar preocupado que o Zé faltou à aula.

Quando existe um item de polaridade negativa (IPN), a negação deixa de poder incidir sobre outro constituinte que não o IPN (cf. Sánchez López 1999):

(476) O João não leu nada porque esteve doente (\*mas porque é preguiçoso).

(477) O João não encontrou ninguém na biblioteca (\*mas sim no café).

---

<sup>43</sup> As frases (470) e (472) só são possíveis se o constituinte em posição final estiver desacentuado, depois de uma quebra entoacional, como se estivesse deslocado à direita:

i) O João não deu o livro || ao Paulo...

Designa-se usualmente por 'foco da negação' o elemento que recebe um acento prosódico marcado, sobre o qual recai a exclusão ou refutação, e que é responsável pela não realização, inadequação ou falsidade do estado de coisas descrito. 'Foco' aqui não deve ser interpretado como 'informação nova', como me foi assinalado por Manuela Ambar (c.p.). De facto, o elemento negado corresponde normalmente a um dado conhecido (cf. M. Ambar, c.p.). Este tipo de negação é habitualmente usado como estratégia correctiva ou contrastiva, sendo o constituinte negado normalmente conhecido: "En cualquier caso, el foco de la negación tiene un carácter presuposicional, pues es un elemento presupuesto o realmente proferido el que resulta rifutado." (Sánchez López 1999: 2577). O que não é conhecido é a associação da negação a esse constituinte e o contraste que é implícita ou explicitamente estabelecido com outro(s) elemento(s). Isto explica que haja uma relação óbvia entre as frases com negação de foco e as negativas alternativas, em que se fornece a correcção ao constituinte negado.

Veja-se as observações de Jackendoff 1972: 254 e ss. Jackendoff observa que o que acontece quando a negação se associa a foco é que o constituinte associado com foco é 'desassociado' da pressuposição:

"We would like to attribute the difference [...] to the process of association with focus (which in fact might be better named disassociation from presupposition). *Even* and *only*, because of the nature of their interpretations, must undergo association with focus; they make no sense as part of the presupposition. Negation, however, undergoes association with focus optionally.

Apparently if an element undergoes association with focus, it makes no contribution to the presupposition, but instead alters the form of the assertion. In the case of negation the assertion is negated."

Jackendoff (1972: 257)

A negação associada a foco altera o conteúdo da asserção.

No entanto, põe-se a questão de saber se a negação de foco ocupa a mesma posição estrutural que a negação frásica, o que não é óbvio. Para o árabe, Ouhalla 1993 defende que a negação de foco *maa* é projectada numa categoria funcional Foco, ao passo que a negação frásica *laa* é projectada num núcleo funcional Neg situado entre T

e Agr<sup>44</sup>.

Qualquer que seja a posição estrutural da negação de foco, e ainda que seja possível uma análise em que esta ocupa estruturalmente uma posição diferente da negação frásica, a negação de foco terá sempre de se encontrar acima de VP numa posição em que possa ter escopo sobre o constituinte focalizado.

Assim, o teste da negação põe em evidencia, por um lado, aspectos da estrutura da frase, por outro lado, aspectos discursivos associados a essas posições.

Assumindo que nas línguas românicas a negação frásica também pode funcionar como negação de foco (o que não é evidente, uma vez que, como vimos, existem línguas em que há dois elementos morfologicamente distintos para cada um dos tipos de negação), então, seguindo propostas relativamente consensuais (cf. Pollock 1989; Belletti 1990), a negação corresponderá a um nó funcional situado acima de VP.

O facto de um constituinte resistir à possibilidade de estar sob o escopo da negação poderá indicar que a posição estrutural que o constituinte em causa ocupa está fora do domínio de c-comando da negação.

#### **3.4.3.4. Escopo de operadores de foco**

Advérbios do tipo de *só, até, mesmo...* são normalmente designados na literatura recente de partículas focalizadoras, advérbios de focalização, ou operadores de foco (cf. 'focusing adverbs' em Rooth 1992; 'focusing adjunct' ou 'focusing particle' em Declerck 1995; Bayer 1999). A partícula *só*, em particular, tem um valor focalizador restritivo, enquanto uma partícula como *até* tem um valor focalizador inclusivo. Admite-se geralmente que estas partículas incidem sobre um constituinte particular, a que se chama o seu *foco* ou *associado de foco* ('focus associate'), e têm *escopo* sobre um constituinte mais alargado, VP por exemplo (cf. Declerck 1995). Escopo, mais uma vez, pode traduzir-se numa relação estrutural de c-comando.

Estas partículas têm a particularidade de se poderem associar a elementos a que não são adjacentes, tal como acontece com a negação. Nestes casos, a frase pode ser ambígua entre uma leitura em que todo o predicado corresponde ao foco ou uma leitura em que apenas um constituinte do predicado corresponde ao foco:

---

<sup>44</sup> Omito aqui outros pormenores sobre a estrutura da frase proposta por Ouhalla para o árabe.

(478) O Zé comeu [só um bolo]

(479) O Zé só comeu um bolo.

a. > O Zé comeu um bolo. Não fez mais nada.

b. > O Zé comeu um bolo apenas. Não comeu mais do que um bolo.

Segundo Bayer 1999, para todas as estruturas em que está presente uma partícula focalizadora existe uma representação sintáctica abstracta comum em que a partícula ocupa uma categoria funcional acima de VP, de onde tem escopo sobre o seu associado.

"PRT [particle] is a functional head which occupies a pre-VP operator position. Its complement – the VP – is a COMPLETE FUNCTIONAL COMPLEX (CFC) in the sense of Chomsky (1986). (...) If we follow the standard assumption that focus presupposes a set of entities against whose other members the focused element is contrasted, we achieve a split between foreground and background which determines the set that will be affected by the operator. (...) Thus the focused element corresponds to a variable. Simplifying matters somewhat, *only* according to Rooth (1985) translates into  $\lambda P\lambda x [\forall Q [[Q\{x\}] \rightarrow Q = P]]$ . (...)"

Bayer (1999: 56-7)

"Principle of Lexical Association (revised)

At LF PRT must be associated with a lexical constituent  $L_m$  or a trace of  $L_m$  in its c-command domain such that  $L_m$  is a member of the set  $\{L_1, L_2, \dots, L_n\}$  where every  $L_{m-1}$  is a discourse alternative to  $L_m$ ."

Bayer (1999: 60)

Se assim for, as restrições à focalização de orações adverbiais periféricas terão, para além de uma explicação semântica, uma explicação estrutural: sendo geradas acima do núcleo funcional focalizador, as adverbiais periféricas (de frase) nunca poderão estar sob o seu escopo, ao contrário do que acontece com as adverbiais não periféricas (de predicado).

A partícula *só* seria um núcleo funcional defectivo - uma vez que não tem grelha temática e não projecta traços categoriais - que toma como complemento um XP.

Bayer pretende dar conta da interpretação comum a todas as estruturas com *only* ('só'), quer com o focalizador isolado em posição pré-verbal quer com o focalizador junto ao constituinte focalizado em posição pré- ou pós-verbal, postulando que existe uma estrutura sintáctica abstracta comum a todas as construções em que a partícula focalizadora ocupa uma projecção funcional em que tem escopo sobre o constituinte focalizado na sua posição de base.

Se a partícula já ocupar uma configuração em que tem escopo sobre um Complexo Funcional Completo (VP), nenhum movimento é necessário, em satisfação de princípios de economia. Se a partícula não estiver numa configuração adequada, terá de haver movimento invisível de forma a que a relação de escopo seja satisfeita. Esta diferença poderá explicar eventualmente por que razão por vezes as frases com o operador em posição pós-verbal são melhores do que as frases com o operador junto do seu associado, em que alegadamente terá de verificar-se movimento invisível. Na realidade, Bayer admite que o movimento invisível corresponde a movimento de XP e não apenas a movimento de traços, como era admitido em Chomsky 1995.

De facto, os juízos de gramaticalidade nem sempre são os mesmos com a partícula junto do associado ou com a partícula em posição pré-verbal, distante do seu associado:

(480) a. O João só começou a tremer antes de entrar em cena.

b. ??O João começou a tremer só antes de entrar em cena.

(481) a. O João só melhorou desde que começou a fazer natação.

b. ??O João melhorou só desde que começou a fazer natação.

Nos exemplos b. (mas não nos exemplos a.), segundo Bayer, haverá movimento invisível de XP, que, por alguma razão, é difícil de obter com alguns constituintes.

Tal como acontece com as clivadas, a focalização com *só* tem particularidades interpretativas que explicam que, por razões meramente semânticas, alguns constituintes resistam a estar sob o seu escopo. *Só* tem como função delimitar, restringir de entre um conjunto possível. É, por isso, como vimos acima, incompatível com constituintes que tenham uma interpretação genérica ou não específica:

(482) \*O João só liga a televisão sempre.

(483) ??O João só liga a televisão sempre que chega a casa.

(484) ?\*O João só o interrompeu logo/imediatamente.

(485) ??O João só o interrompeu logo que ele começou a falar.

Assim, algumas temporais não admitem facilmente estar sob o escopo do operador *só*, mas podem estar sob o escopo de um operador como *até*:

(486) O João até liga a televisão sempre que chega a casa.

(487) O João até o interrompeu logo que ele começou a falar.

(488) O João até me telefona sempre que tem uma dúvida.

(489) O João até me telefonou logo que chegou a casa.

Como vimos, relativamente aos operadores de foco, é geralmente assumido que estes elementos têm escopo (i.e. c-comandam) o 'associado de foco' (Declerck 1995; Bayer 1999). Se assim for, o facto de um constituinte não poder ser interpretado como estando sob o escopo destes operadores pode indicar que ele não se encontra sob o seu domínio de c-comando, estando estruturalmente numa posição periférica.

#### **3.4.3.5. Respostas a interrogativas-Qu**

Como tem sido referido por vários autores (Ambar 1999, Zubizarreta 1999: § 64.3, e.o.), o contexto de resposta a interrogativas-Qu permite identificar constituintes que do ponto de vista da estrutura informacional correspondem a focos, já que constituem o elemento novo. Veja-se o que diz Ambar (1999: 25) quanto ao diagnóstico para foco de Culicover & Rochemont 1990: 19: "In a well formed simple question-answer sequence, all and only the information provided in the response that is not contained in the question is focused."

Para além disso, o foco das respostas a interrogativas-Qu, tal como observa Rooth 1992, parece estabelecer implicitamente um contraste com um conjunto alternativo de respostas possíveis:

"Work on the semantics and pragmatics of questions emphasizes the that [sic] a question determines a set of potential answers. (...) We might say that the function of focus in an answer is to signal other propositions which are potential answers in the context of the question.

Or if we wanted to speak in terms of contrast, we would say that focus in an answer expresses contrast between the asserted answer and other potential answers."

Rooth (1992: 84)

Assim, apesar de o foco das respostas a interrogativas-Qu, frequentemente designado como 'foco informacional' ou 'foco apresentativo', ser normalmente distinguido das construções de foco contrastivo, também nas respostas a interrogativas-Qu parece ser estabelecido implicitamente um contraste.

O facto de as adverbiais periféricas (ou de frase) não poderem funcionar como respostas a interrogativas-Qu pode ter duas interpretações. Por um lado, admitindo que as adverbiais periféricas são inerentemente pressuposicionais, de um ponto de vista semântico-discursivo, pode-lhes estar vedada a possibilidade de ocorrerem em estruturas de focalização, tal como são as respostas a interrogativas-Qu. Por outro lado, pode acontecer que a própria estrutura das respostas a interrogativas-Qu (ver Ambar 1988, 1997, 1999 para algumas propostas) não permita que nelas ocorram determinados constituintes, mais periféricos estruturalmente. É possível pensar que, para que um constituinte esteja sob o domínio de um operador-Qu, ele tenha de ser c-comandado por esse operador. Para além disso, tal como acontece nas clivadas, parece ser verdade que os operadores-Qu estão sempre ligados a uma variável que se encontra numa posição interna ao domínio proposicional, i.e. a IP. É razoável pensar-se que, no caso de o constituinte ser projectado numa posição externa a esse domínio, a relação operador-variável não se possa estabelecer.

Mais uma vez, o que parece acontecer é que estes dois factores – estrutural e semântico-discursivo – são interdependentes.

#### **3.4.3.6. Interrogativas e negativas alternativas**

As negativas alternativas e as interrogativas alternativas estão directamente relacionadas respectivamente com a negação de foco e com as interrogativas-Qu. Tanto num caso como noutro, como foi dito acima, estamos perante processos que envolvem focalização.

As negativas alternativas, tal como a negação de foco, são estratégias para rectificar ou contrastar constituintes. Nas negativas alternativas, para além de se afirmar que um determinado constituinte não pode fixar o valor de uma variável, dá-se também um constituinte alternativo que fixa o valor dessa variável:

- (490) a. O Zé não deu flores à Maria, mas sim à Ana.  
b. O Zé deu flores a  $x$ ,  $x \neq$  Maria, &  $x =$  Ana

As interrogativas alternativas, por seu lado, fornecem na própria interrogativa valores alternativos que podem fixar uma variável. Numa interrogativa-Qu canónica, esses valores não são normalmente fornecidos; o conjunto possível de respostas é deixado mais indeterminado. Confrontem-se as seguintes frases:

- (491) Quando vens cá a casa?  
(492) Vens cá a casa no sábado ou no domingo?  
(493) Quando vens cá a casa: no sábado ou no domingo?

Ainda, numa interrogativa-Qu o valor assertivo da frase (excluindo o operador) é menos marcado do que nas interrogativas alternativas, em que mais claramente se faz uma asserção quanto ao conteúdo da proposição, que se pressupõe ser verdadeiro.

Qualquer um destes processos – quer as negativas, quer as interrogativas alternativas - faz contrastar dois elementos como possíveis identificadores de uma variável aberta.

### **3.4.3.7. Estrutura e interpretação: o carácter pressuposicional de adverbiais periféricas**

Por que razão se comportam a maioria das orações adverbiais de forma homogénea relativamente a estes testes? Isto é, por que razão é que a maioria das orações adverbiais ou aceitam todos estes testes ou os rejeitam todos? O que têm eles em comum?

É possível que os resultados obtidos nestes testes tenham uma interpretação meramente estrutural. Na realidade, como é referido em Quirk *et al.* 1985, os testes habitualmente utilizados para distinguir adverbiais periféricas de adverbiais não

periféricas<sup>45</sup> reflectem uma diferença estrutural na integração da subordinada na matriz:

"The peripheral status of disjuncts is indicated mainly negatively: they do not allow a number of syntactic processes to apply to them that are allowed by adjuncts, processes that reflect a measure of integration within the superordinate clause."

Quirk *et al.* (1985: 1070)

No entanto, não deixa de ser curioso, como os mesmos autores referem também, que, apesar de estarem em causa construções sintácticas diversificadas, esteja presente em todos os testes, de uma forma ou de outra, uma construção em que a oração adverbial constitui o **foco**: "The syntactic differences between the two types of clauses mainly involve focusing devices." (cf. Quirk *et al.* 1985).

Assim, podemos de alguma forma deduzir que existe uma relação entre estrutura (ou posição estrutural básica) e interpretação discursiva (ou estrutura informacional); os constituintes focalizáveis são projectados em posições estruturais baixas; os constituintes não focalizáveis, pressupostos, são projectados em posições estruturais altas, periféricas.

De facto, em última análise, os testes atrás referidos têm em comum o facto de envolverem sempre um processo de focalização da frase subordinada que só parece ser possível quando o constituinte ocupa inicialmente uma posição interna a VP (ou a IP eventualmente). Pelo contrário, se o constituinte ocupar inicialmente uma posição periférica (a IP/CP), não pode ser focalizado.

No entanto, o tipo de foco envolvido, como me foi assinalado por João Costa (c.p.), não é sempre o mesmo. A clivagem, a focalização com partículas como *só* e as interrogativas e negativas alternativas envolvem foco identificacional (contrastivo). A resposta a interrogativas-Qu envolve foco informacional. Finalmente no teste de escopo da negação, o tipo de negação que está em causa é a chamada negação de foco ('focusing negation') ou negação metalinguística (cf. Horn 1989), em que a negação frásica tem escopo sobre um constituinte particular. Apesar de o tipo de foco envolvido poder ser quer identificacional, quer informacional (cf. Ambar 1997, 1999, Costa 1998,

---

<sup>45</sup> Na terminologia de Quirk *et al.* 1985, as adverbiais não periféricas (ou de predicado) são designadas 'adjunct clauses' e as adverbiais periféricas (ou de frase) 'disjunct clauses'.

2000b, Duarte 1997, Kiss 1998, entre outros, para esta distinção), em qualquer dos casos, ele parece ser sempre incompatível com uma pressuposição<sup>46</sup> ou 'background' (cf. Zubizarreta 1998<sup>47</sup>). Ora, algumas adverbiais parecem ter inerentemente um valor pressuposicional. Veja-se o que dizem autores como Giusti 1991, Galán Rodríguez 1999, ou Berta *et al.* 1999, que distinguem causais 'temáticas' de causais 'remáticas'. Ainda, em Mateus *et al.* 1989 é sugerido que existe uma relação entre os conectores e características informacionais<sup>48</sup>. Também Hengeveld 1998 estabelece como um dos parâmetros semânticos na tipologia das adverbiais o carácter pressuposto ou não pressuposto, ainda que a sua definição de pressuposição não coincida totalmente com a que aqui é dada.

No entanto, é exactamente a especificidade de alguns dos processos de focalização aqui referidos que explica que algumas adverbiais possam ter valores contraditórios em alguns testes. Assim, como foi referido acima, a clivagem implica uma leitura de exaustividade, sendo incompatível com constituintes com interpretações genéricas/indefinidas. A focalização com *só* implica uma restrição dentro de um conjunto. Explica-se assim que as temporais que têm uma interpretação genérica<sup>49</sup> resistam à focalização com *só*, e sejam ligeiramente marginais nos testes de clivagem, embora possam ocorrer em respostas a interrogativas-Qu e estar sob o escopo da negação:

(494) ?É sempre que está a chover que o João falta às aulas.

(495) a. ??O João só falta às aulas sempre que está a chover.

b. ?O João só faltará às aulas sempre que estiver a chover.

c. O João até falta às aulas sempre que está a chover.

(496) O João não falta às aulas sempre que está a chover.

(497) - Quando é que o João falta às aulas?/ - Sempre que está a chover.

---

<sup>46</sup> Não uso aqui 'pressuposição' no sentido de informação conhecida/partilhada por falante e ouvinte, mas sim no sentido de informação que envolve conhecimento não necessariamente formalizado linguisticamente que é tomado como 'dado adquirido', assumido como verdadeiro no momento da enunciação, e que se aproxima talvez em certos casos da noção de 'background'.

<sup>47</sup> "I will assume that focus is defined in terms of the discourse notion of presupposition: that is, the focus is the non presupposed part of the sentence. The presupposed part of a sentence is what the speaker and hearer assume to be the case (i.e., the shared assumptions) at the point at which the sentence is uttered in a discourse." (Zubizarreta 1998: 1)

<sup>48</sup> "A escolha dos conectores parece também dever-se à estrutura temática e à distribuição de informação: *visto que, como* exprimem normalmente a causa conhecida (e ocupam então a posição inicial)." Mateus *et al.* (1989: 303, n.5)

<sup>49</sup> Na realidade, é o advérbio que encabeça a temporal que tem uma interpretação genérica, estando ele próprio restringido pela oração que se lhe segue, que, a meu ver, é de natureza relativa.

Apesar de existirem diferenças evidentes entre diversos tipos de construções de foco, alguns autores propuseram que um único princípio semântico pode dar conta das diversas construções de foco. Na análise de Rooth 1985 e 1992, por exemplo, existe uma propriedade comum a todas as construções em que um constituinte está associado com foco: em todos os casos, o constituinte focalizado é contrastado com um conjunto de alternativas possíveis:

"At an intuitive level, we think of the focus semantic value of a sentence as a set of alternatives from which the ordinary semantic value is drawn, or a set of propositions which potentially contrast with the ordinary semantic value."

Rooth (1992: 76)

"Note that interpreting focus at a certain level is conceptually separated from the process of identifying the antecedent for the variable introduced by focus interpretation. This is what will allow a variety of focus phenomena to fall under a single principle."

Rooth (1992: 87)

De acordo com Rooth 1992, Foco pressupõe sempre o estabelecimento de um contraste com um conjunto de elementos que potencialmente poderiam ter surgido naquele mesmo contexto. Ora, certo tipo de constituintes parece não poder ser sujeito a esse tipo de focalização, a essa relação de contraste. São constituintes que, na minha perspectiva, são inerentemente marcados como pressuposicionais, como 'background', ou que, não sendo modificadores do predicado, serão projectados em posições periféricas, onde Foco não é legitimado. Zubizarreta 1998 também considera que todas as construções de foco envolvem uma pressuposição e uma variável à qual é atribuído um valor.

Poderá assim definir-se Foco como o constituinte que recebe uma marcação entoacional e/ou sintáctica particular (não sendo necessariamente informação nova) que permite identificá-lo como proeminente para o processamento da informação, contrastando-o com informação anterior ou posterior relevante ou identificando-

o/isolando-o relativamente a um conjunto de entidades que potencialmente poderiam ter surgido no mesmo contexto. Deste ponto de vista, ainda que o constituinte focalizado possa ser informação conhecida (já referida anteriormente no discurso), o papel que ele desempenha quando focalizado é novo, na medida em que o contraste que com ele se estabelece é novo. O contraste não é conhecido nem esperado. Não é pressuposto.

(498) - Quem entornou água na cozinha? (O Francisco ou a Madalena?)

- A Madalena./#o cão do vizinho.

Veja-se que também nas respostas a interrogativas-Qu há limitações pragmáticas ao universo de respostas possíveis e que eu posso considerar aceitáveis. A uma pergunta como 'Por que é que o João está tão contente?', espera-se que a resposta seja uma causa que justifique a sua alegria. Assim, enquanto 'Porque teve uma boa nota.' é uma resposta aceitável, '#Porque chumbou.' é uma resposta pragmaticamente anómala, dado o conhecimento que nós temos do mundo.

Qualquer que seja a análise proposta para cada uma das construções, parece-me que o comportamento uniforme das orações adverbiais relativamente às diversas construções mostra que elas partilham uma propriedade comum, que pode ser atribuída exclusivamente a factores estruturais, mas que pode também ter um fundamento semântico-discursivo. As diversas classes de adverbiais estariam assim associadas a diferentes propriedades discursivas. Na realidade, constatamos que

- i) as adverbiais não periféricas podem ser focalizadas;
- ii) as averbiais periféricas não podem ser focalizadas.

A impossibilidade de as adverbiais periféricas serem focalizadas pode ser uma consequência da posição estrutural que ocupam, mas pode corresponder também a uma propriedade discursiva que lhes está inerentemente associada. Pode supor-se assim que pelo menos algumas das adverbiais periféricas têm um carácter inerentemente pressuposicional, que é incompatível com processos de focalização<sup>50</sup>.

Isto parece-me ser particularmente claro nos casos em que é possível formar pares mínimos, que diferem apenas no conector, e cujo estatuto sintáctico-discursivo se altera:

---

<sup>50</sup> Por 'pressuposição' entende-se aqui informação que é tida como esperada, ou tomada como dado adquirido pelo falante.

(499) O João faltou à aula porque não acordou a horas.

(500) a. O João faltou à aula, uma vez que não acordou a horas.

b. Como não acordou a horas, o João faltou à aula.

Talvez seja mais problemático nos casos em que um mesmo conector pode introduzir orações com estatutos sintácticos distintos. Voltarei a esta questão mais adiante.

Como vimos acima, as adverbiais do primeiro grupo podem ocorrer quer em posição inicial quer em posição final. A cada uma dessas posições correspondem informações discursivas diferentes. Usando pares pergunta-resposta, tal como tem sido feito na literatura (cf. Ambar 1988, 1999; Zubizarreta 1998; e.o.), é possível testar o estatuto discursivo das adverbiais não periféricas quando ocorrem em posição inicial e em posição final:

(501) Quando é que o Pedro desmaiou?

a. (O Pedro desmaiou) *quando chegou a casa*.

b. # *Quando chegou a casa*, o Pedro desmaiou.

(502) O que aconteceu ao Pedro *quando chegou a casa*?

a. (Quando chegou a casa, o Pedro) desmaiou.

b. # O Pedro desmaiou quando chegou a casa.

(503) O que aconteceu ao Pedro?

a. ?Quando chegou a casa, (o Pedro) desmaiou.

b. (O Pedro) desmaiou quando chegou a casa.

(504) Para que é que o Pedro abriu a janela?

a. (O Pedro abriu a janela) *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*.

b. # *Para conseguir ver quem tinha tocado à porta*, o Pedro abriu a janela.

(505) O que fez o Pedro *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*?

a. (*Para conseguir ver quem tinha tocado à porta*, o Pedro) abriu a janela.

b. # O Pedro abriu a janela *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*.

(506) O que fez o Pedro?

a. ??*Para conseguir ver quem tinha tocado à porta*, (o Pedro) abriu a janela.

b. (O Pedro) abriu a janela *para conseguir ver quem tinha tocado à porta*.

Verificamos assim que a adverbial em posição inicial tem uma interpretação diferente daquela que tem em posição final, o que tem sido referido também relativamente aos adjuntos não oracionais (cf. Cinque 1990). Corresponde essencialmente a um elemento que fornece as coordenadas de uma dada situação (*background*) ou que é topicalizado (correspondendo portanto a informação dada), mas não pode ser o elemento novo, i.e. o foco. A adverbial em posição final, pelo contrário, pode ser o foco, ou pode constituir parte do foco. Não pode ser o tópico.

No entanto, a posição inicial de adverbiais não periféricas é mais marcada nuns casos do que noutros. Para as condicionais e temporais, a posição inicial é perfeitamente natural (e nalguns casos até é mais natural do que a posição final); para as finais e causais, é um pouco mais marcada; para as modais, é relativamente marcada.

(507) a. *Quando o Zé tocou à campainha*, a mãe abriu-lhe a porta.

b. *Se a relva estiver seca*, os meninos podem brincar no jardim.

c. *Sem fazer qualquer barulho*, o Zé desceu as escadas e saiu de casa.

(508) a. *?Porque era já muito tarde*, resolvemos ir para casa.

b. *?Para fazer uma surpresa à mãe*, o Zé arrumou a casa toda.

(509) *?(Tal) como a mãe costumava fazer*, o Zé fez uns scones deliciosos.

Estas diferenças estarão possivelmente relacionadas com a função discursiva mais naturalmente associada a cada um dos tipos de adverbiais e com a relação que elas estabelecem com Tempo.

O diferente comportamento de orações adverbiais periféricas e não periféricas pode levar-nos a formular a seguinte hipótese:

#### **Hipótese**

- As orações adverbiais não periféricas são subespecificadas quanto a traços discursivos [ $\alpha$  pressuposicional] ou [ $\alpha$  esperável];
- ao passo que as orações adverbiais periféricas são inerentemente especificadas como [+ pressuposicional] ou [+ esperável], i.e. têm um conteúdo pressuposicional, dão informação que é, pelo menos parcialmente, esperada ou conforme às expectativas.

Como se pode dar conta da distribuição sintáctica das orações adverbiais? No que diz respeito aos advérbios, é geralmente assumido que as propriedades semânticas determinam (pelo menos em parte) a sua distribuição: os advérbios orientados para o sujeito serão gerados em posições diferentes das dos advérbios de modo, por exemplo.

Ora, se a posição estrutural das orações adverbiais fosse determinada exclusivamente pela sua semântica básica, não esperaríamos encontrar comportamentos sintácticos diferentes dentro de uma mesma classe semântica, contrariamente àquilo que acontece. Assim, podemos pôr a hipótese de que os diferentes comportamentos dentro de uma mesma classe semântica são parcialmente determinados por um traço adicional que está associado apenas a um subconjunto das estruturas em causa. A hipótese que se põe aqui é que o diferente comportamento sintáctico dos dois tipos de orações adverbiais é uma consequência de um traço discursivo adicional [+ pressuposicional] ou [+ esperável/conforme às expectativas], que só se encontra nas orações adverbiais periféricas (veja-se, por exemplo, o comportamento das orações causais).<sup>51</sup>

Dado o comportamento das orações adverbiais relativamente a construções que envolvem foco e pressuposição, é plausível supor que algumas orações adverbiais são inerentemente pressuposicionais, isto é transmitem informação que é tomada como sendo 'conforme às expectativas', e outras orações adverbiais são subespecificadas (ou, em alternativa, não especificadas) quanto a este traço.

O facto de as orações adverbiais não periféricas poderem ter um estatuto informacional variável consoante o contexto e a posição que ocupam na oração parece mostrar que elas não estão inerentemente especificadas relativamente a traços discursivos.

As adverbiais periféricas, pelo contrário, estão associadas a uma leitura pressuposicional, ou a uma leitura que se pode definir como sendo 'conforme às expectativas', que, segundo creio, se depreende facilmente da comparação entre as

---

<sup>51</sup> Em Gonzaga 1997, também se refere a hipótese de determinados advérbios estarem especificados quanto a um traço discursivo, que a autora considera ser um traço de apreciação ligado ao sujeito da enunciação, e a que chama traço [ $\alpha$ ]. Segundo a autora, este traço está sujeito a verificação numa categoria funcional alta  $\alpha$ P "onde se estabelece uma relação entre a estrutura sintáctica oracional e a estrutura do discurso". Na minha análise, o traço [pressuposicional] não está sujeito a verificação numa categoria funcional específica, mas tem de ser projectado num domínio exterior ao domínio proposicional básico (cf. adiante § 3.5.). Para além disso, não assumo que o traço [pressuposicional] esteja directamente relacionado com o sujeito da enunciação. Essa relação existe claramente, por exemplo, nas finais de enunciação (e em advérbios da classe de *sinceramente* ou *francamente*, como Gonzaga 1997 refere). Não é claro que exista em todas as causais e condicionais periféricas.

frases a. e b. dos seguintes exemplos:

- (510) a. Uma vez que/como/já que/visto que o João não pôde vir, acabámos a reunião mais cedo.  
a'. Acabámos a reunião mais cedo, uma vez que/já que/visto que o João não pôde vir.  
b. Acabámos a reunião mais cedo porque o João não pôde vir.
- (511) a. Embora a reunião fosse longa, foi possível chegar a um acordo.  
a'. Foi possível chegar a um acordo, embora a reunião fosse longa.  
b. Foi possível chegar a um acordo, mas a reunião foi longa.
- (512) a. Desde que haja quorum, poderemos dar início à reunião.  
a'. Poderemos dar início à reunião, desde que haja quorum.  
b. Poderemos dar início à reunião se houver quorum.

Repare-se que os exemplos acima constituem praticamente pares mínimos, havendo apenas alteração no conector e, em alguns casos, no tempo gramatical. Nos exemplos a. e a'. a subordinada implica a assunção por parte do falante da verdade da afirmação. Os exemplos b. são neutros quanto a isso.

Nesta perspectiva, uma das distinções entre concessivas e adversativas, para além de uma diferença no tipo de dependência sintáctica (subordinação vs. coordenação), corresponderia a uma diferença no estatuto discursivo: as concessivas envolvem uma pressuposição (i.e. são inerentemente especificadas como dando uma informação contrária às expectativas) que está ausente das adversativas.

#### **3.4.4. Os conectores de adverbiais: um sistema de traços**

Uma hipótese plausível para as adverbiais finitas e infinitivas é a de que o carácter 'esperável' ou 'pressuposicional' das adverbiais esteja codificado nos conectores que as introduzem. O estatuto sintáctico e discursivo das duas classes de adverbiais estaria de certa forma relacionado com propriedades lexicais dos seus conectores.

### **Hipótese**

- O estatuto 'pressuposicional' ou 'conforme/contrário às expectativas' das orações periféricas está lexicalmente codificado nos conectores que as introduzem.
- Os conectores de orações adverbiais não periféricas serão subespecificados no léxico quanto a esses traços discursivos, i.e. poderão ocorrer em diferentes contextos discursivos.

De facto, com algumas raras excepções, os conectores das adverbiais estão 'especializados' numa ou noutra função, i.e. não é frequente que um mesmo conector introduza quer adverbiais periféricas, quer adverbiais não periféricas.

Estou aqui a considerar obviamente que, quando o valor semântico é alterado, estamos perante um conector distinto. Isto é, quando um conector é polissémico, estamos na realidade perante dois itens lexicais diferentes. É o que acontece por exemplo com o conector *desde que*, que pode ter quer um valor temporal, quer um valor condicional. Quando tem um valor temporal, selecciona o indicativo e a oração comporta-se como adverbial não periférica. Quando tem um valor condicional, selecciona o conjuntivo e a oração comporta-se como adverbial periférica. Assim, embora aparentemente e superficialmente se trate do mesmo conector, estamos na realidade perante dois elementos distintos. Evidentemente, existe uma relação lógica e pragmática entre os dois conectores, que explica que historicamente o conector condicional tenha derivado do conector temporal. No entanto, sincronicamente, penso que podemos afirmar que *desde que* passou a ser lexicalmente ambíguo.

Assumindo que os conectores podem ser classificados de acordo com uma hierarquia de traços e que podem ser estabelecidas relações lexicais de hiperonímia/hiponímia, sinonímia, exclusividade e substituição contingente entre os diversos conectores (tal como é feito em Knott (s/d) e Knott & Mellish 1996 para aquilo que designam de 'expressões-chave' - 'cue phrases'), o traço [pressuposicional] pode ser encarado como um traço que é inerente (ou positivamente especificado) unicamente para um subconjunto dos conectores de adverbiais.

Assim, os conectores de adverbiais periféricas estão por hipótese positivamente especificados no léxico quanto a um traço de natureza semantico-discursiva, a que podemos chamar [pressuposicional] ou [conforme às expectativas]. Os conectores de

adverbiais não periféricas, pelo contrário, estão subespecificados quanto a esse traço, ou, em alternativa, carecem desse traço. Isto explicaria a razão pela qual as orações introduzidas pelos conectores do segundo tipo podem ocorrer em maior diversidade de contextos, i.e. em posição final, com interpretação de foco, ou em posição inicial, com interpretação de *background*.

Nesta perspectiva, o conector condicional *se* funcionaria como uma espécie de hiperónimo para o conjunto dos conectores condicionais, i.e. *se* corresponde ao conector condicional menos marcado.

Esta hipótese parece funcionar pelo menos para as línguas românicas, em que, curiosamente, o estatuto discursivo dos conectores de cada classe parece estar correlacionado com outras propriedades gramaticais (embora haja algumas exceções).

No seguinte quadro, que obviamente não está completo, os conectores de orações adverbiais estão dispostos de acordo com o seu estatuto discursivo, o seu significado semântico básico, e, em muitos casos com o seu estatuto categorial.

**Quadro 5: conectores de orações periféricas e não periféricas**

conectores de orações não periféricas [ $\alpha$ pressuposicional] ou [ $\alpha$ esperável]	conectores de orações periféricas [+ pressuposicional] ou [+ esperável]
causa prt. <i>por(que)</i> fr. <i>parce que</i> it. <i>per(ché)</i> esp. <i>porque</i> ing. <i>because</i>	causa prt. <i>já que</i> fr. <i>puisque</i> it. <i>poiché, giacché (già che)</i> esp. <i>ya que</i> ing. <i>since</i>
fim prt. <i>para (que), a fim de/que</i> fr. <i>pour (que)</i> it. <i>per(ché), affinché, al fine di</i> esp. <i>para que, a fin de (que)</i>	prt. <i>uma vez que</i> fr. <i>une fois que</i>
tempo (fronteira inicial) prt. <i>desde que</i> (+ indicativo) fr. <i>depuis que</i> it. <i>da quando, da che, dacché</i> esp. <i>desde que</i>	prt. <i>como</i> fr. <i>comme</i> it. <i>(sic)come</i> esp. <i>como</i>
tempo (fronteira final) prt. <i>até (que)</i> fr. <i>jusqu'à ce que</i> it. <i>fino a che/fino a quando</i> esp. <i>hasta que</i>	prt. <i>visto (que), dado (que)</i> fr. <i>vu que, étant donné que</i> it. <i>dato che, visto che, posto che, considerato che</i> esp. <i>visto que, puesto que, dado que</i>
tempo posterior prt. <i>antes de/que</i> fr. <i>avant de/que</i> it. <i>prima di/che</i> esp. <i>antes (de) que</i>	condição - (bi)condicional positiva prt. <i>desde que</i> (+ conjuntivo), <i>contanto que</i> fr. <i>pourvu que</i> it. <i>purché, pur di?</i> esp. <i>siempre que?</i> ing. <i>provided that</i>

tempo anterior prt. <i>depois de/que</i> fr. <i>après (que)</i> it. <i>dopo (che)</i> esp. <i>después (de) que, después de</i>	condição - (bi)condicional negativa prt. <i>a não ser que, a menos que</i> fr. <i>à moins que,</i> ing. <i>unless</i> it. <i>a meno che</i> esp. <i>a menos que, a no ser que</i>
tempo 'quando' prt. <i>quando</i> fr. <i>quand, lorsque</i> it. <i>quando, allorché</i> esp. <i>cuando</i>	concessão prt. <i>embora, apesar de, se bem que</i> fr. <i>quoique, bien que, malgré que</i> it. <i>benché, sebbene, malgrado (che), ancorché?</i> esp. <i>a pesar de que, bien que</i>
tempo simultâneo prt. <i>ao (+ infinitivo)</i> it. <i>al (+ infinitivo)</i> esp. <i>al (+ infinitivo)</i>	condição-concessão prt. <i>mesmo que, ainda que, mesmo se</i> fr. <i>même si, même quand</i> it. <i>anche se, pure se</i> esp. <i>aun cuando, aun si, aunque, incluso si</i>
tempo 'enquanto'1 prt. <i>enquanto (+ indicativo)</i> fr. <i>pendant que</i> ing. <i>while</i> it. <i>mentre</i> esp. <i>mientras</i>	prt., <i>por mais... que, por muito... que</i> fr. <i>tout ... que, si...que, quelque... que, pour... que</i>
tempo 'enquanto'2 prt. <i>enquanto (+ fut. conjuntivo)</i> fr. <i>tant que, aussi longtemps que</i> ing. <i>as long as</i>	condição prt. <i>a + inf.</i> it. <i>a + inf.</i> esp. <i>de + inf.</i>
tempo proporcional prt. <i>à medida que</i> fr. <i>à mesure que</i> esp. <i>a medida que</i>	conformidade prt. <i>como</i>
coincidência temporal prt. <i>logo que, assim que</i> fr. <i>aussitôt que</i> prt. <i>mal</i>	contraste prt. <i>enquanto (que)</i>
tempo (frequência) prt. <i>sempre que, (de) cada vez que, todas as vezes que</i> fr. <i>chaque fois que, toutes les fois que</i> it. <i>sempre che, sempre quando, ogni volta che, tutte le volte che</i> esp. <i>cada vez que</i>	substituição prt. <i>em vez de</i>
modo prt. <i>como</i> fr. <i>comme</i> it. <i>come</i> esp. <i>como</i>	
modo negativo/circunstância negativa prt. <i>sem (que)</i> fr. <i>sans (que)</i> it. <i>senza che/(di)</i> esp. <i>sin que</i>	
condição prt. <i>se</i> fr. <i>si</i> it. <i>se</i> esp. <i>si</i>	
prt. <i>caso</i> prt. <i>na condição de, no caso de</i> fr. <i>à condition que</i> it. <i>a condizione che, nel caso che</i> esp. <i>a condición de (que)</i>	

Como foi dito acima, os conectores de uma e outra classe, com algumas raras exceções, parecem estar associados a outras propriedades gramaticais. Assim, a não especificação dos conectores quanto ao traço [pressuposicional] parece correlacionar-se com a sua maior transparência quer categorial, quer semântica. Pelo contrário, a especificação positiva parece correlacionar-se com uma maior opacidade quer categorial, quer semântica.

Os conectores de adverbiais não periféricas são de uma forma geral categorialmente e semanticamente transparentes. No caso de conectores que incluem preposições, essa preposição ocorre na língua noutros contextos, não havendo alteração significativa de sentido. No caso de conectores que incluem advérbios, o sentido original dessa categoria permanece relativamente intacto, e corresponde àquele que o Adv tem quando ocorre isoladamente. Isso é ilustrado nos seguintes exemplos:

(513) a. O Zé chegou antes.

b. O Zé chegou antes de mim.

c. O Zé chegou antes de eu acordar.

(514) a. Quando eu chego mais tarde, o Zé protesta sempre.

b. O Zé protesta sempre que eu chego mais tarde.

(515) a. Quando chega a casa, o Zé tira logo os sapatos.

b. O Zé tira os sapatos logo que chega a casa.

(516) a. \*O Zé ficou zangado por.

b. O Zé ficou zangado por tua causa.

c. O Zé ficou zangado por lhe teres mentido.

(517) a. \*O Zé está com febre desde.

b. O Zé está com febre desde esta manhã.

c. O Zé está com febre desde ontem.

d. O Zé está com febre desde que chegou a casa.

(518) a. \*O Zé escreveu umas normas novas para.

b. O Zé escreveu umas normas novas para um melhor funcionamento do departamento.

c. O Zé escreveu umas normas novas para que o departamento funcionasse melhor.

Como vimos em § 3.2. oração iniciada por *que* pode corresponder quer a uma completiva (e.g. *para que ficassem calados*), quer a uma relativa restritiva (e.g. *sempre*

*que chega a casa*), quer a uma relativa livre (e.g. *desde que o Zé adoeceu*).

As preposições *desde* e *até* podem co-ocorrer com *quando*:

(519) - Até quando vais esperar? /- Até que ele me telefone.

(520) - Desde quando é que fumas? / - Desde que comecei a escrever a tese.

Os conectores de adverbiais podem ainda corresponder categorialmente a elementos-Qu (*quando*) ou a conjunções, i.e. lexicalizações de uma categoria funcional C (*se* condicional).

Os conectores de adverbiais não periféricas enquadram-se num dos seguintes esquemas, tendo nalguns casos sofrido um processo de gramaticalização bastante acentuado:

- a) conector de tipo relativo: [CP *quando/enquanto/como* [C...
- b) conector de base preposicional que selecciona uma completiva finita ou infinitiva: [PP *para/por/sem* [CP(*que*)...
- c) conector de base preposicional que selecciona uma relativa livre de natureza temporal: [PP *desde/até* [CP Op [C *que* ...
- d) conector de base adverbial que selecciona uma completiva: [AdvP *antes/depois (de)* [CP *que* ...
- e) conector de base adverbial modificado por uma relativa: [AdvP [AdvP *sempre/logo/assim*] [CP *que*...
- f) conector com elemento nominal quantificado modificado por uma relativa: [QP [QP *todas as vezes/cada vez*] [CP *que*...
- g) conjunção: [CP [C *se* [...

Os conectores que mais se afastam deste padrão, i.e. que parecem ser mais opacos são os conectores *mal* e *assim que*.

Pelo contrário, e ainda que não seja possível generalizar, os conectores de orações periféricas são geralmente semanticamente mais opacos e, na maioria dos casos, estão restringidos ao domínio oracional.

Em muitos casos, trata-se de conectores que inicialmente tinham um sentido temporal e que adquiriram interpretações ou causais, ou condicionais, ou concessivas.

Os conectores condicionais *desde que* (prt.) e *sempre que* (esp.) perderam o seu sentido temporal. Os conectores causais *já que*, *uma vez que* (prt.) também perderam o seu sentido temporal inicial.

(521) a. O Zé comprará um carro novo, desde que seja aumentado.

b. \*O Zé comprará um carro novo desde essa condição.

(522) a. Uma vez que estás com febre, é melhor ficares em casa.

b. ≠ Uma vez, é melhor ficares em casa.

(523) a. Já que vais ao supermercado, peço-te que me tragas uma dúzia de ovos.

b. ≠ Peço-te que me tragas já uma dúzia de ovos.

(524) a. Embora estivesse a chover, o Zé foi passear.

b. \*O Zé foi embora passear.

Outros conectores de adverbiais periféricas têm origem em participios passados (e.g. *visto que*, *dado que*, *posto que* (prt.); *provided that* (ing.); *pourvu que*, *vu que* (fr.)). A oração adverbial parece ter correspondido inicialmente a uma oração participial. As orações participiais, como veremos adiante (cf. § 4.) comportam-se sempre como adverbiais periféricas.

Também as chamadas condicionais-concessivas correspondem na realidade a estruturas oracionais modificadas pelos advérbios *mesmo* e *ainda*. Estes elementos parecem ser responsáveis pelo valor pressuposicional que a adverbial adquire. Repare-se que também outros constituintes, quando modificados por estes elementos, deixam de poder ocorrer em construções de focalização, sendo acrescentada à frase uma pressuposição adicional.

(525) O Zé chegou atrasado.

(526) a. Mesmo o Zé chegou atrasado.

b. pressuposição >> 'o Zé não costuma chegar atrasado' ou 'que o Zé chegue atrasado não é conforme às expectativas'

(527) \*Foi [mesmo o Zé] que chegou atrasado.<sup>52</sup>

(528) \*Quem chegou atrasado? Mesmo o Zé.

---

<sup>52</sup> A frase é gramatical se *mesmo* tiver um sentido diferente (cf. *precisamente*, *efectivamente*), em que *mesmo* parece estar ligado a *foi* e não a *o Zé*.

Esta restrição não se aplica quando *mesmo* tem um sentido diferente, equivalente a 'precisamente' ou 'exactamente'. Nesse caso, a focalização é possível:

- (529) a. O Zé desmaiou [mesmo no meio da rua].  
b. Foi [mesmo no meio da rua] que o Zé desmaiou.  
c. Onde desmaiou o Zé?/ Mesmo no meio da rua.
- (530) a. O avião chegou [exactamente às três horas].  
b. Foi [exactamente às três horas] que o avião chegou.  
c. Quando chegou o avião? / Exactamente às três horas.
- (531) a. O Zé saiu de casa [mesmo sem ter comido nada].  
b. \*Foi [mesmo sem ter comido nada] que o Zé saiu de casa.  
vs. Foi mesmo [sem ter comido nada] que o Zé saiu de casa.  
c. \*Como é que o Zé saiu de casa? / Mesmo sem ter comido nada.
- (532) a. O Zé saiu de casa [mesmo de pijama].  
b. \*Foi [mesmo de pijama] que o Zé saiu de casa.  
c. \*Como é que o Zé saiu de casa? / Mesmo de pijama.

Ainda as orações condicionais com *a* + infinitivo têm comportamentos típicos de adverbiais periféricas. Estas orações, ao contrário das condicionais com *se*, não podem ter valores contrafactuais:

- (533) a. Se esta hipótese se tivesse confirmado, o réu teria sido absolvido.  
b. \*A confirmar-se esta hipótese, o réu teria sido absolvido.  
c. \*A ter-se confirmado esta hipótese, o réu teria sido absolvido.

Assim, ainda que a diferença seja subtil, as frases a. e b. abaixo parecem envolver diferentes graus de pressuposição. Na frase b. está subjacente a expectativa de que o conteúdo proposicional se vai verificar, enquanto na frase a. isso não é necessariamente assim:

- (534) a. Se se mantiver a tendência actual, o desemprego atingirá os 8%.  
b. A manter-se a tendência actual, o desemprego atingirá os 8%.

A maior gramaticalização dos conectores de adverbiais periféricas manifesta-se também no modo que esses conectores seleccionam, que é sempre o conjuntivo, com excepção das causais, que seleccionam indicativo, e de *a* condicional, que selecciona uma oração infinitiva.

Concluindo, verificamos que os conectores de adverbiais não periféricas são geralmente gramaticalmente e semanticamente mais 'transparentes' do que os conectores de adverbiais periféricas.

### 3.5. A posição estrutural das orações adverbiais

Uma vez estabelecido o estatuto sintático e discursivo das orações adverbiais, coloca-se uma outra questão:

De que forma está o estatuto informacional das orações adverbiais relacionado com a sua posição na estrutura da frase?

Como de certa forma foi já sugerido acima, existe evidência empírica que sugere que os diferentes tipos de orações adverbiais ocupam posições estruturais distintas. É plausível supor que posição estrutural e informação discursiva estão inter-relacionadas. Pode formular-se então a seguinte hipótese:

#### **Hipótese**

A estrutura informacional está (parcialmente) relacionada com domínios estruturais na oração:

- as posições periféricas a TP codificam informação 'esperada', ou que serve de cenário ('background') e não podem ser focalizadas;
- as posições internas a TP codificam informação que não é esperada, e que pode ser focalizada.

Uma proposta próxima desta é feita em Duarte 1996, que sugere que os tópicos têm de estar fora do domínio de c-comando de TP em *spell out*, e que considera que o movimento pode dar-se por razões interpretativas (e não apenas para verificação formal de traços junto a um núcleo específico)<sup>53</sup>.

Por que razão funciona TP como uma fronteira de mapeamento de constituintes?

Por que razão estará TP relacionado com propriedades discursivas?

A categoria funcional TP parece ser um candidato natural para funcionar como

---

<sup>53</sup> Em Chomsky 1995, os traços são entendidos como propriedades que têm de ser legíveis pelas componentes de interface. Poderá eventualmente admitir-se que constituintes com determinadas propriedades discursivas (interpretadas na componente lógica da gramática) só sejam legitimados em determinados domínios da frase, compatíveis com uma estrutura prosódica adequada. Assim, os constituintes lexicalmente 'pressupostos' só poderão ser interpretados como tal fora do domínio proposicional básico.

fronteira de Evento. Repare-se que o tempo morfológico pode ser crucial para a definição do estatuto de um Evento: as distinções temporo-aspectuais podem alterar a classe aspectual do predicado (cf também Carecho 1996). A projecção Agr, a este respeito, não desempenha nenhum papel.

(535) Esta semana, o Zé leu *Os Maias*. >> perfectivo

(536) Esta semana, o Zé lê *Os Maias*. >> imperfectivo

Para além disso, só os adjuntos internos ao evento podem modificar a classe aspectual (*Aktionsart*) do predicado (cf. exemplos de Campos 1998).

(537) O Zé leu o Memorial do Convento. (télico)

(538) O Zé leu o Memorial do Convento durante duas horas. (atélico)

(539) O Zé escreveu. (atélico)

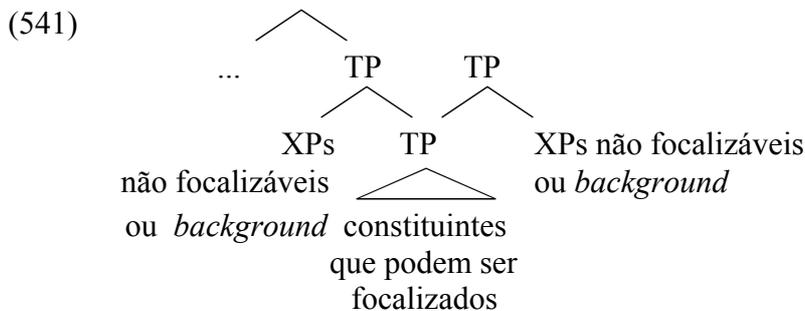
(540) O Zé escreveu em dois meses. (télico)

Assim, a hipótese de que TP funciona como uma fronteira de Evento parece razoável.

Se, como é proposto em Ambar 1997 e 1999, existir uma relação entre Foco e Evento, então a relação entre projecções externas ao Evento e a impossibilidade de focalização fica explicada.

As orações adverbiais não periféricas serão mapeadas em posições internas a TP (quando não contiverem informação 'background').

As orações adverbiais periféricas serão mapeadas em posições externas a TP, tal como é ilustrado no seguinte esquema:



Só os elementos internos ao Evento podem estar sujeitos a construções de

focalização.

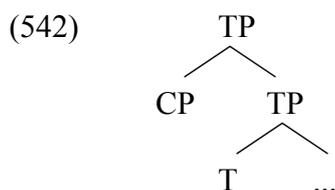
As orações adverbiais com o traço [ $\alpha$  pressuposicional] serão mapeadas dentro de TP quando não estiverem positivamente especificadas.

As orações adverbiais que têm inerentemente o traço [+ pressuposicional] serão sempre mapeadas/projectadas fora de TP.

Quando as orações adverbiais subespecificadas contêm informação semelhante a um tópico ou a 'background', ocuparão projecções externas a TP em *spell out*.

A opção de considerar TP como a fronteira de projecção de cada um dos tipos de adverbiais baseia-se no diferente comportamento de cada classe relativamente a fenómenos de ligação, a questões de escopo, e a testes de constituência.

Repare-se que um constituinte adjunto a TP não está no domínio de c-comando de T. Uma vez que se trata de uma configuração de adjunção, a adverbial só é dominada por um dos segmentos de TP. Assim, de acordo com a definição de Chomsky 1986, T não c-comanda a adverbial<sup>54</sup>.



O diferente nível de projecção de diferentes classes de adverbiais é já referido em Haegeman 1984. Haegeman distingue entre dois tipos de subordinadas adverbiais, a que chama 'E-adverbials' e 'S-adverbials'. Estes dois tipos manifestam diferentes comportamentos sintácticos relativamente a fenómenos de ligação, estrutura prosódica, interrogativas-Qu, legitimação de lacunas parasitas, dependência de Tempo matriz, e ocupariam diferentes posições na estrutura da frase: dependência de S (= IP) no caso das 'S-adverbials' vs. dependência de E (categoria que faz a transição entre a Frase e o Discurso, situada acima de S' , = CP) no caso das 'E-adverbials'.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Uma explicação diferente, mas com efeitos semelhantes, é dada em Chomsky 2001b num quadro minimalista.

<sup>55</sup> Já numa fase terminal desta dissertação, tive acesso ao artigo de Haegeman 2002, que discute aspectos sintácticos e discursivos das orações adverbiais, propondo que existe uma relação entre a posição estrutural em que a adverbial é projectada e a sua estrutura funcional interna. Por limitações de tempo, já não me foi possível incluir aqui uma referência mais detalhada à sua proposta.

Na realidade, há vários factos que indicam, por um lado, que as adverbiais não periféricas ocupam posições mais baixas, mais encaixadas, do que as adverbiais não periféricas, e, por outro lado, que essa posição é interna a TP.

Um deles corresponde à diferente **estrutura prosódica** quando a adverbial ocupa a posição pós-verbal, facto que foi já referido em 3.2.2.: com as adverbiais não periféricas não é obrigatória uma quebra entoacional, o que sugere que estas estão a ocupar uma posição mais integrada na estrutura da frase:

(543) O Zé faltou às aulas porque esteve doente.

(544) O Zé faltou às aulas \*(||) visto que esteve doente.

Em segundo lugar, como vimos já, é razoável pensar-se que a possibilidade de um constituinte estar sob o **escopo da negação matriz** implica que a negação o esteja a c-comandar (mas há que considerar o problema do estatuto ambíguo da negação nas línguas românicas que foi já mencionado). Assim sendo, as orações não periféricas à direita são projectadas em posições mais baixas do que as orações adverbiais periféricas, e são c-comandadas pela negação. O mesmo se aplica às partículas de foco.

(545) a. O Zé não faltou às aulas porque esteve doente.

b. \*O Zé não faltou às aulas visto que esteve doente.

(546) a. O Zé só faltou às aulas porque esteve doente.

b. \*O Zé só faltou às aulas visto que esteve doente.

Um outro tipo de evidência a favor da geração de adverbiais não periféricas em posições baixas vs. geração de adverbiais periféricas em posições altas vem das possibilidades de **dependências referenciais** entre os sujeitos. Um sujeito DP pleno de uma oração não periférica à direita não pode ser co-referente com um sujeito pronominal na oração matriz:

(547) \*[-]<sub>i</sub> abriu a janela quando o Zé<sub>i</sub> entrou.

(548) Quando o Zé<sub>i</sub> entrou, [-]<sub>i</sub> abriu a janela.

Se considerarmos que se trata de um caso de violação do princípio C da teoria da ligação, a oração subordinada terá de ser c-comandada pelo sujeito matriz.

Quanto às orações adverbiais periféricas à direita, a situação não é tão clara. Repare-se que a co-referência entre um pronome à esquerda e um DP sujeito à direita é sempre difícil, como se pode ver na seguinte frase coordenada:

(549) ??[-]<sub>i</sub> chegou atrasado, mas o Zé<sub>i</sub> não ficou aflito.

(550) O Zé<sub>i</sub> chegou tarde, mas a mãe do Zé<sub>i</sub> ainda não estava aflita.

Contudo, parece existir um leve contraste entre as orações adverbiais periféricas e não periféricas a este respeito. Nas segundas, a co-referência é totalmente excluída (cf. frases a. dos seguintes exemplos), ao passo que nas primeiras é apenas marginal (cf. frases b. dos seguintes exemplos):

(551) a. \*[-]<sub>i</sub> só chegou a casa às onze porque o director<sub>i</sub> recebeu um telefonema inesperado.

b. ??[-]<sub>i</sub> só chegou a casa às onze, uma vez que o director<sub>i</sub> recebeu um telefonema inesperado.

(552) a. \*Ele<sub>i</sub> até desatou aos pontapés porque o homem<sub>i</sub> estava completamente fora de si.

b. ??Ele<sub>i</sub> até desatou aos pontapés, uma vez que o homem<sub>i</sub> estava completamente fora de si.

(553) a. \*[-]<sub>i</sub> chegará a casa cedo se o pai<sub>i</sub> tiver pouco trabalho.

b. ??[-]<sub>i</sub> chegará a casa cedo, desde que o pai<sub>i</sub> tenha pouco trabalho.

Assim, as adverbiais não periféricas à direita parecem ocupar posições baixas, uma vez que estão sob o domínio de c-comando do sujeito matriz, da negação, e de operadores de foco. As adverbiais periféricas à direita parecem ocupar posições mais altas, uma vez que escapam ao domínio de c-comando destes elementos.

Quanto à posição à direita de adverbiais periféricas, a questão é complexa. Estes elementos destacados à direita têm propriedades que os aproximam dos constituintes extrapostos, de 'after-thought', e até certo ponto de estruturas de coordenação.

O facto de as adverbiais periféricas à direita serem obrigatoriamente antecedidas de quebra entoacional, e poderem ocorrer mais facilmente do que as adverbiais não periféricas depois de interrogativas-tag mostra que esta posição tem propriedades semelhantes à que ocupam os constituintes deslocados à direita (cf. Costa 1998; Zubizarreta 1998 para o uso das interrogativas-tag na identificação de posições periféricas). Isto é verdade pelo menos para as causais:

(554) O Zé nunca falta às aulas, pois não?, uma vez que o professor é tão exigente.

(555) Sabes a resposta, não sabes?, já que és tão esperto.

(556) ?? O Zé faltou à aula, não faltou?, por estar doente.

(557) ?\*O Zé teve má nota, não teve?, porque não estudou nada.

Deixo para outra ocasião um estudo mais aprofundado desta questão.

### **3.5.1. Adverbiais não periféricas à direita: adjuntos, complementos ou especificadores?**<sup>56</sup>

Que posição estrutural exacta ocupam as orações adverbiais não periféricas em posição final?

Embora as orações adverbiais nunca tenham merecido grande atenção nos estudos generativistas de carácter sintáctico, existem algumas referências dispersas na literatura. No quadro da teoria da regência e da ligação (cf. Chomsky 1981, 1986), considerava-se que as orações adverbiais, tal como a generalidade dos constituintes não argumentais, ocupava posições estruturais de adjunção. Haegeman 1991, por exemplo, considera que as orações adverbiais podem ocupar posições de adjunção à direita quer a VP, quer a uma categoria funcional mais alta, como IP.

Mais recentemente, contudo, a adjunção à direita tem sido questionada, por razões predominantemente teóricas. Assim, no quadro da antissimetria (cf. Kayne 1994), tanto a adjunção à direita como a adjunção múltipla são excluídas por desrespeitarem o Axioma da Correspondência Linear, de acordo com o qual c-comando assimétrico se traduz em precedência linear. Embora Kayne 1994 não tenha estudado as estruturas de adjunção ao nível oracional, o autor sugere uma solução possível para o problema, que consistiria em adoptar a proposta de Larson 1988, 1990 para os adjuntos. Na proposta de Larson, os adjuntos correspondem estruturalmente a complementos e ocupam a posição mais encaixada na estrutura da frase, em sucessivas conchas verbais. No entanto, como tem sido observado por vários autores (cf. Jackendoff 1990; Williams 1994a, 1994b; Bianchi 1997, 2000; Nilsen 2000), a proposta de Larson revela-se problemática por razões empíricas. Existem, no entanto, outras alternativas à adjunção à direita compatíveis com a hipótese da antissimetria. Um conjunto dessas propostas deriva a ordem final através de movimentos para a esquerda ou de VP ou de IP:

---

<sup>56</sup> O conteúdo desta secção corresponde em grande parte a Lobo 2002c. Parte deste capítulo foi também objecto de uma comunicação apresentada no *XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*: Lobo, no prelo c.

- a) Barbiere 1995: propõe uma adjunção básica à esquerda dentro de VP;
- b) Cinque 1999: sugere uma representação básica em que os adjuntos ocupam uma posição de especificador de núcleos verbais vazios internos a VP;
- c) Bianchi 2000: sugere que as orações temporais são basicamente geradas acima de IP matriz.

Outras propostas que não derivam necessariamente a posição final através de movimentos são:

- d) Nilsen 2000: sugere uma análise semelhante à que Kayne 1994 propõe para as relativas reduzidas internas ao DP;
- e) Uriagereka 2001: sugere que os adjuntos à direita têm um estatuto derivacional particular e estão de certa forma sintacticamente desligados da estrutura da frase.

Apesar dos problemas que a adjunção coloca para a hipótese da antissimetria, alguns autores continuam a defender a análise clássica da adjunção à direita: Williams 1994a, 1994b; Ernst 2000, 2002; Svenonius 2001; entre outros.

Nas secções seguintes, são discutidas as vantagens e desvantagens das várias propostas de representação de adjuntos em posição final, com argumentos empíricos que incidirão prioritariamente sobre as orações adverbiais.

### **3.5.1.1. Uma posição estrutural baixa relativamente ao sujeito matriz e a operadores de foco: evidência de ligação e de fenómenos de escopo**

As orações adverbiais não periféricas à direita ocupam uma posição baixa relativamente ao sujeito da oração matriz e a operadores de foco. Isto é comprovado pelos seguintes dados:

i) Um DP sujeito de uma oração adverbial à direita não pode ser co-referente com um sujeito pronominal da matriz, contrariamente àquilo que acontece quando a adverbial está em posição inicial:

(558) \*[-]<sub>i</sub> abriu a janela quando o Zé<sub>i</sub> entrou.

(559) Quando o Zé<sub>i</sub> entrou, [-]<sub>i</sub> abriu a janela.

A agramaticalidade de (558) resulta plausivelmente de uma violação do princípio C da teoria da ligação: um DP referencial é livre, i.e não pode ser c-comandado por um elemento nominal do qual seja referencialmente dependente. Assim sendo, a oração adverbial à direita está possivelmente no domínio de c-comando do sujeito matriz.

ii) As orações adverbiais não periféricas à direita, tal como já foi dito, podem estar sob o escopo da negação e de operadores de foco, contrastando assim com as adverbiais periféricas:

(560) a. O Zé não faltou às aulas porque esteve doente.

b. \*O Zé não faltou às aulas visto que esteve doente.

(561) a. O Zé só faltou às aulas porque esteve doente.

b. \*O Zé só faltou às aulas visto que esteve doente.

Se assumirmos, como parece ser relativamente consensual, que escopo se traduz configuracionalmente na relação estrutural de c-comando, então as orações adverbiais não periféricas à direita podem estar no domínio de c-comando quer da negação, quer de operadores de foco.

Como vimos já, a posição estrutural da negação e dos operadores de foco é uma questão controversa. Quanto à negação, é geralmente assumido que se trata de um nó funcional situado no domínio funcional acima de VP (cf. Pollock 1989). Em Belletti 1990, por exemplo, a negação ocupa uma posição intermédia entre AgrSP e TP:

(562) [CP C [AgrSP AgrS [NegP Neg [TP T...

Contudo, não é absolutamente claro que o tipo de negação que aqui estou a considerar, que tem sido designado na literatura de negação de foco ou negação de constituinte (cf. Jackendoff 1972; Horn 1989; Manzotti & Rigamonti 1991; Declerck 1995; Sánchez López 1999), corresponda à negação frásica. Na realidade, há línguas em que existem duas formas morfológicas distintas para cada um dos tipos de negação (cf. Ouhalla 1993). Nas línguas românicas, não existe distinção morfológica entre os dois tipos de negação. Contudo, algumas orações adverbiais não se comportam da mesma forma relativamente a cada um dos tipos de negação. As orações condicionais são

exemplo disso. As orações condicionais são normalmente interpretadas como estando fora do escopo da negação frásica. Contudo, podem estar sob o escopo da negação de foco. Penso que esta é a razão pela qual em Peres 1997 se atribui o valor negativo ao teste de escopo da negação para as condicionais. De facto, se considerarmos apenas a negação frásica, as condicionais estão fora do seu escopo.

(563) O Zé não irá à praia se estiver muito calor. >> O Zé não irá à praia

(564) O Zé NÃO irá à praia SE ESTIVER MUITO CALOR >> O Zé irá à praia (noutras condições)

Este contraste pode levar a pôr a hipótese de que a negação de foco ocupa uma posição estrutural diferente da negação frásica. No entanto, essa é uma questão que aqui não poderei desenvolver.

As orações temporais, pelo contrário, são normalmente interpretadas como estando sob o escopo da negação frásica, mas não obrigatoriamente. Com a negação de foco, serão naturalmente interpretadas como estando associadas à negação:

(565) O Zé não ligou a televisão quando chegou a casa. >> O Zé não ligou a televisão.

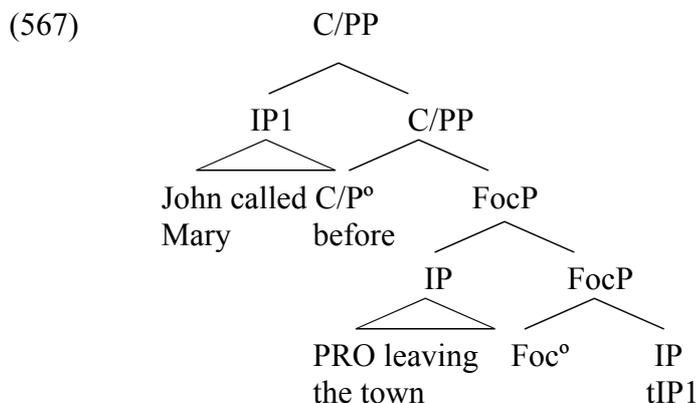
(566) O Zé NÃO ligou a televisão QUANDO CHEGOU A CASA. >> O Zé ligou a televisão mais tarde)

Se em português os dois tipos de negação correspondem a um mesmo nó funcional acima do domínio de VP, e se escopo da negação envolver c-comando, então as orações adverbiais à direita terão necessariamente de ocupar uma posição interna a TP.

Relativamente aos operadores de foco, pode desenvolver-se um raciocínio semelhante: se escopo envolve c-comando, então as orações não periféricas à direita ocupam pelo menos uma posição interna a TP.

Este tipo de evidência empírica põe de parte qualquer análise que trate as orações adverbiais à direita como sendo geradas na base como especificadores de uma categoria funcional alta, derivando a ordem matriz-subordinada através de posterior movimento de IP matriz para uma posição à esquerda ainda mais alta. Este tipo de abordagem, que estaria em consonância com os pressupostos da hipótese da antissimetria, é ensaiado em Bianchi 2000. Esta análise, contudo, para além dos problemas que dizem respeito ao

estatuto dos conectores<sup>57</sup>, não dá conta dos factos empíricos que envolvem fenómenos de escopo, uma vez que na representação proposta por Bianchi nem a negação, nem os operadores de foco da oração matriz estão numa posição capaz de c-comandar a oração adverbial:

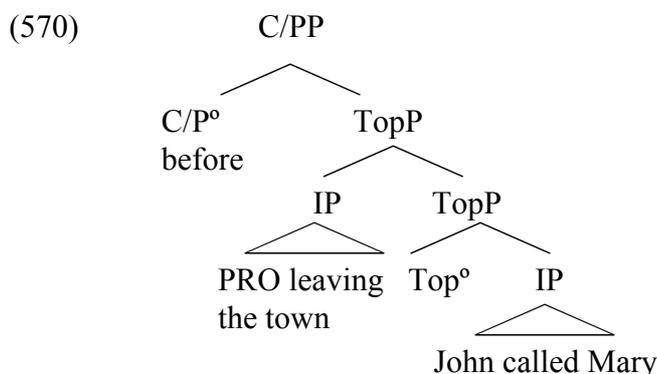


Para além disso, a análise de Bianchi prediz que um sujeito pronominal de uma oração adverbial em posição inicial não pode ser co-referente com o DP sujeito da matriz, o que não se verifica:

(568) Before she<sub>i</sub> left, Mary<sub>i</sub> gave me a call.

(569) Before PRO<sub>i</sub> leaving, Mary<sub>i</sub> gave me a call.

Na configuração proposta por Bianchi, e assumindo, tal como Bianchi assume, que os especificadores c-comandam para fora da sua projecção máxima (cf. Kayne 1994) e que o conector da adverbial e a subordinada não constituem uma unidade, um sujeito pronominal de uma oração adverbial em posição inicial deveria c-comandar o sujeito DP da matriz:

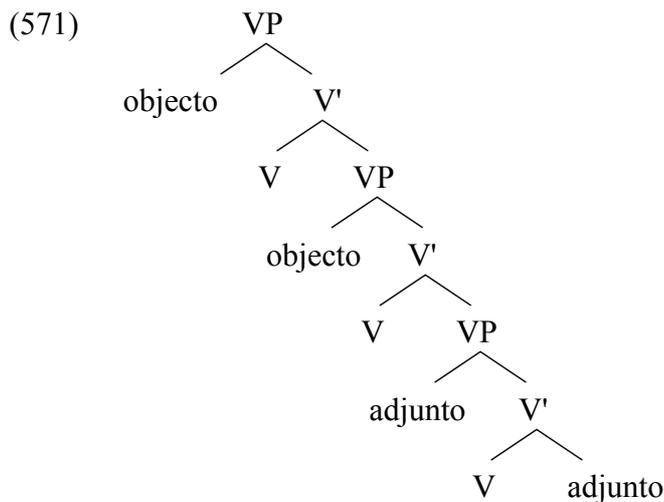


<sup>57</sup> Com efeito, na análise de Bianchi, o conector e a subordinada não formam uma unidade gramatical, o que contraria a ideia clássica de que eles formam um constituinte, que é apoiada, entre outros factores, por restrições temporais e modais existentes entre o conector e a oração subordinada e por testes clássicos de constituência.

Os factos empíricos acima referidos apontam todos para uma geração básica das orações adverbiais à direita numa posição interna a TP. O estatuto exacto dessa posição, a sua identificação com uma posição de adjunção ou não, será discutido nas próximas secções.

### 3.5.1.2. Uma posição estrutural alta relativamente aos objectos: evidência de fenómenos de ligação

Larson 1988, 1990 e Stroik 1990 apresentam evidência empírica vinda de fenómenos de ligação e de coordenação a favor da geração dos adjuntos à direita como sendo os constituintes mais encaixados no interior de VP, na posição de especificador de sucessivas conchas de VP. Na proposta de Larson, este tipo de adjuntos seriam assim estruturalmente equivalentes a complementos:



No entanto, a argumentação que Larson dá relativamente à coordenação não me parece ser convincente. Segundo Larson, o facto de ser possível coordenar uma sequência de objecto e adjunto seria um argumento a favor de que essa sequência é um constituinte.

(572) O Zé cumprimentou [a mãe quando chegou a casa] e [a vizinha quando foi à janela].

(573) O Zé comprará [uma bicicleta se ganhar cem contos] e [um jipe se ganhar mil contos].

Larson parte do princípio de que só constituintes são coordenáveis. No entanto, como Jackendoff 1990 observa também, pode considerar-se que se trata não de uma coordenação de um constituinte formado pelo objecto e pelo adjunto, mas antes de uma coordenação de um constituinte maior que contém um elemento elidido, ou seja tratar-se-ia aqui de um caso de *gapping*.<sup>58</sup>

Na realidade, também é possível a coordenação de sujeito e adjunto e de sujeito e objecto indirecto, e, neste caso, não é plausível que estas sequências correspondam a um constituinte:

(574) O Zé entregou o exame antes de o tempo acabar e [a Ana [-] quando o tempo terminou].

(575) A Ana irá à praia se estiver calor, [o Zé [-] se houver ondas], e [o Paulo [-] se tiver companhia].

(576) O Zé ofereceu flores à mãe, [o João [-] à avó] e [o Pedro [-] à namorada].

(577) O Zé guardou os lápis na gaveta e [o Paulo [-] no estojo].

Assim, os dados da coordenação que Larson apresenta podem corresponder também a casos de *gapping*, com a única diferença de que os elementos não elididos ocupam a posição final na oração, o que provoca a ilusão de que só estes elementos estão a ser coordenados, quando, na realidade, estaríamos perante uma coordenação de orações.<sup>59</sup>

A evidência vinda de fenómenos de ligação é mais complexa. Os dados do inglês apontam para uma estrutura em que os complementos c-comandam os adjuntos à sua direita (cf. Larson 1990; Stroik 1990; Phillips 1997; e.o.): o facto de um quantificador poder ligar um pronome indicaria que o quantificador tem escopo sobre o elemento ligado, i.e. o quantificador c-comandaria o pronome. Uma vez que em inglês um complemento pode ligar um adjunto, Larson conclui que o objecto c-comanda o adjunto. Este ocuparia, por conseguinte, a posição mais encaixada dentro de VP:

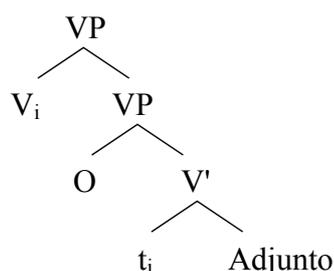
---

<sup>58</sup> Por *gapping* (ou elipse lacunar, cf. Matos 1992a) entende-se um fenómeno de elipse em que está obrigatoriamente omissa o núcleo verbal e opcionalmente também argumentos ou adjuntos do verbo, desde que um desses elementos se mantenha foneticamente realizado.

<sup>59</sup> Pesetsky 1995 apresenta ainda a favor de uma estrutura 'em cascata' a possibilidade de coordenar uma sequência de <DP + adjunto> antecedida de uma P. Estes dados parecem-me no entanto francamente marginais em português:

- i) ??Os Clã deram um concerto em [Lisboa no Sábado] e [Santarém no Domingo].
- ii) ??Fui ao cinema com [o meu pai ontem] e [a minha mãe anteontem].

(578)



Em português, nem todas as construções que Larson refere estão disponíveis (por exemplo, os fenómenos que envolvem legitimação de itens de polaridade negativa). Há contudo alguma evidência de fenómenos de ligação, tais como a ligação de um pronome possessivo por um quantificador (*cada ... seu*) e a ligação de pronomes recíprocos (*um ao outro*). Contrariamente àquilo que Larson e outros autores referem para o inglês, em português parece existir uma assimetria entre complementos e adjuntos relativamente aos fenómenos de ligação. Apesar de haver alguma variação entre os falantes relativamente a estes juízos, creio que é possível dizer-se que, enquanto a ligação de um complemento por um objecto é perfeitamente gramatical, a ligação de um adjunto por um objecto é marginal ou mesmo agramatical.<sup>60</sup>

(579) a. O João entregou cada filho<sub>i</sub> à sua<sub>i</sub> mãe.

b. O João pôs cada boneco<sub>i</sub> no seu<sub>i</sub> lugar.

(580) a. ??/\*O João elogiou cada aluno<sub>i</sub> no dia da sua<sub>i</sub> chegada.

b. ??/\*O João agrediu cada amigo<sub>i</sub> com a sua<sub>i</sub> pasta.

(581) a. O João apresentou os colegas<sub>i</sub> um ao outro<sub>i</sub>.

b. O João pôs os livros<sub>i</sub> uns ao lado dos outros<sub>i</sub>.

(582) a. ??/\*O João agrediu os colegas<sub>i</sub> com a pasta um do outro<sub>i</sub>.

b. \*O João convidou os amigos<sub>i</sub> no aniversário um do outro<sub>i</sub>.

Outras línguas parecem manifestar o mesmo tipo de assimetria relativamente à ligação de pronomes por quantificadores e à ligação de recíprocos, como por exemplo o norueguês (cf. Nilsen 2000).

---

<sup>60</sup> Alguns falantes aceitam as frases de (580) na leitura ligada (cf. Ana Maria Brito, c.p.). Outros preferem claramente a leitura em que o possessivo está referencialmente dependente do sujeito gramatical, embora não rejeitem totalmente a leitura ligada.

Nilsen 2000 refere que em norueguês existem possessivos de tipo anafórico (*sin*) e possessivos de tipo pronominal (*hans*). Os primeiros podem estar ligados por um complemento quando inseridos também num complemento, mas não num adjunto (cf. (583) vs. (584)). Os segundos podem estar inseridos num adjunto e ser ligados por um DP objecto, como em (585).

- (583) a. Du overlot barna<sub>i</sub> til foreldrene sine<sub>i</sub>  
you left children-the to parents-the REFL  
b. Du ga studentene<sub>i</sub> oppgavene sine<sub>i</sub> tilbake.  
you gave students-the papers-the REFL back

- (584) a. \*Du traff Per<sub>i</sub> i hagen sin<sub>i</sub>.  
you met Per in garden-the REFL  
b. \*Du traff Per<sub>i</sub> på bursdagen sin<sub>i</sub>  
you met Per on birthday-the REFL

(Nilsen 2000: 80)

- (585) Jeg traff Per<sub>i</sub> på bursdagen hans<sub>i</sub>.  
I met Peter on birthday-the his.

(Nilsen 2000: 87)

Para além disso, Nilsen refere uma outra assimetria entre complementos e adjuntos: enquanto a co-referência entre um pronome complemento e um DP inserido num segundo complemento é impossível em norueguês, a co-referência entre um pronome complemento e um DP inserido num adjunto é possível, embora seja ligeiramente marginal<sup>61</sup>:

- (586) a. \*Jeg viste ham<sub>i</sub> til Per<sub>i</sub>.  
I showed him to Per  
b. \*Jeg viste ham<sub>i</sub> Per<sub>i</sub>  
I showed him Per

- (587) a. ?Jeg traff ham<sub>i</sub> i Pers<sub>i</sub> hage.  
I met him in Per's garden

---

<sup>61</sup> Segundo Nilsen, a estranheza das frases de (587) pode dever-se ao facto de o pronome preceder o DP.

b. ?Jeg traff ham<sub>i</sub> på Pers<sub>i</sub> bursdag.

I met him on Per's birthday

(Nilsen 2000: 80)

Os dados do norueguês apontam assim para uma estrutura em que os circunstanciais ocupam posições de adjunção à direita, tal como era classicamente assumido.

Portanto, a evidência de fenómenos de ligação que Larson apresenta a favor de uma análise em que os adjuntos ocupam a posição mais encaixada dentro de VP não parece ser válida universalmente. O que pode explicar estes contrastes? Uma hipótese possível será admitir que a variação interlinguística nesta área está relacionada com as diferentes propriedades morfológicas de pronomes e anáforas nas diferentes línguas (i.e. o facto de estarem ou não especificados quanto a género e número; o facto de terem ou não um estatuto ambíguo como anáfora e como pronome...).

Um outro tipo de evidência contra uma análise em que as orações adverbiais são estruturalmente equivalentes a complementos vem de assimetrias entre complementos e adjuntos relativamente à possibilidade de um pronome complemento ligar um DP sujeito da oração subordinada. Enquanto a ligação do sujeito de uma adverbial é possível, a ligação do sujeito de uma completiva é impossível. Estes factos são referidos para o inglês em Williams 1994b (que refere Solan 1978; ver também Bianchi 1997, 2000, que mostra que o mesmo acontece em italiano):

(588) a. Mary shot him<sub>i</sub> before John<sub>i</sub> could leave.

b. \*Mary told him<sub>i</sub> that John<sub>i</sub> could leave. (Williams 1994b: 180)

Em português, o contraste entre completivas e adverbiais mantém-se:

(589) a. \*Este médico só lhe<sub>i</sub> contou que o Zé<sub>i</sub> já estava muito doente.

b. Este médico só o<sub>i</sub> tratou quando o Zé<sub>i</sub> já estava muito doente.

c. Este médico só o<sub>i</sub> tratou porque o Zé<sub>i</sub> estava muito doente.

Estes factos empíricos parecem sustentar uma análise segundo a qual as orações adverbiais estão adjuntas à direita, e não correspondem a complementos, uma vez que o pronome objecto não parece c-comandar a oração adverbial.

No entanto, Bianchi 1997, 2000 sugere que a situação é mais complexa do que parece à primeira vista. Citando Brody 1994, Bianchi dá um exemplo de uma frase complexa em que a evidência vinda de fenómenos de ligação é contraditória: a ligação por quantificador aponta para uma representação em que a adverbial ocupa uma posição baixa; efeitos decorrentes do princípio C apontam para uma representação em que a adverbial ocupa uma posição alta (possivelmente uma posição de adjunção), para a mesma frase:

(590) I sent each boy<sub>i</sub> to her<sub>k</sub> [in order to make Mary<sub>k</sub> meet him<sub>i</sub>] (Brody 1994)

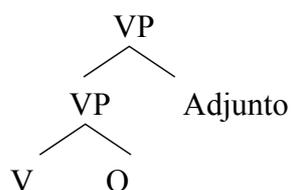
(591) ?La<sub>i</sub> presenterò ad ogni studente<sub>k</sub> [solo dopo che Maria<sub>i</sub> lo<sub>k</sub> avrà esaminato]  
(Bianchi 2000)

(592) ?Apresentá-la<sub>i</sub>-ei a cada aluno<sub>k</sub> [depois de a Maria<sub>i</sub> ter corrigido o seu<sub>k</sub> teste.]

Esta contradição interna mostra claramente que a teoria da ligação tal como formulada nos trabalhos de Larson tem de ser revista. O princípio C e as relações de ligação com quantificadores e anáforas não parecem obedecer exactamente aos mesmos critérios, tal como observa Bianchi 1997. Efeitos de linearidade, como é proposto no trabalho de Bianchi, e como tinha já sido sugerido em Barss & Lasnik 1986 e Jackendoff 1990, também parecem ser relevantes.

Se apenas o princípio C seguir uma condição estrita de c-comando, então os dados empíricos apontam para uma configuração de adjunção, em vez de uma configuração em que a adverbial corresponde a um complemento:

(593)



Na realidade, os testes clássicos de constituência (cf. Jackendoff 1990; Pesetsky 1995; Phillips 1997) apontam todos para uma configuração de adjunção: a extracção do objecto ou da oração adverbial é possível, mas a extracção do complexo formado pelo objecto e pela oração adverbial dá resultados agramaticais. Isto significa que o complexo formado pelo objecto e pela adverbial não se comporta como um constituinte.

- (594) a. Foi [a televisão] que o Zé ligou quando chegou a casa.  
 b. Foi [quando chegou a casa] que o Zé ligou a televisão.  
 c. \*Foi [a televisão quando chegou a casa] que o Zé ligou.
- (595) a. [A televisão], o Zé ligou quando chegou a casa.  
 b. [Quando chegou a casa], o Zé ligou a televisão.  
 c. \*[A televisão quando chegou a casa], o Zé ligou.

Em relação a outros fenómenos bem conhecidos no quadro da teoria da regência e da ligação, existem também contrastes entre complementos e adjuntos. Trata-se por exemplo de processos de extracção longa com ilhas-Qu e de processos de extracção de um constituinte do interior de um adjunto:

- (596) a. ?[Quem] é que o João não sabe [onde] é que a Luisa recebeu [-] [-]?  
 b. \*[Onde] é que o João não sabe [quem] é que a Luisa recebeu [-] [-]?
- (597) a. [Quem] é que o João disse [que a Luisa abraçou [-]]?  
 b. \*[Quem] é que o João sorriu [quando a Luisa abraçou [-]]?
- (598) a. [A quem]<sub>i</sub> quer o Zé [que o Paulo dê este livro [-]<sub>i</sub>]?  
 b. \*[A quem]<sub>i</sub> quer o Zé convidar a Ana [quando o Paulo telefonar [-]<sub>i</sub>]?

Se a hipótese de Bianchi 1997 estiver certa, os dados da ligação considerados acima que não envolvem o princípio C não representam necessariamente um argumento a favor de uma posição de complemento para os adjuntos à direita. Na realidade, se exceptuarmos os dados da coordenação (que, como vimos, são problemáticos), esta é a única fonte de evidência empírica contra uma configuração de adjunção. Todos os outros fenómenos apontam para a hipótese da adjunção: testes de constituência; assimetrias complemento/adjunto... Por conseguinte, a análise de adjunção à direita, aparentemente, parece ser empiricamente superior à análise dos adjuntos como complementos, e os dados da ligação com quantificadores terão de ser reanalisados.

O facto de em inglês existir evidência contraditória quanto à posição estrutural dos adjuntos (i.e. evidência de testes de ligação vs. evidência de testes de constituência) levou Pesetsky 1995 a postular a existência de duas estruturas sintácticas diferentes compostas em paralelo: uma estrutura estratificada ('layered structure'), que daria conta da evidência vinda dos testes de constituência, e uma estrutura em cascata ('cascade structure'), que daria conta da evidência vinda das relações de ligação e supostamente

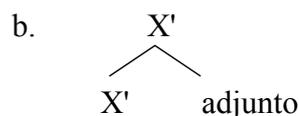
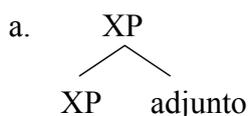
também dos dados da coordenação. Esta aparente evidência contraditória ficou conhecida como o 'paradoxo de Pesetsky'. Phillips 1997 soluciona o paradoxo de forma diferente: o autor propõe que as estruturas são compostas derivacionalmente da esquerda para a direita, sendo reanalisadas passo a passo à medida que um novo elemento é acrescentado.

No entanto, se Bianchi 1997 estiver certa, é possível que o paradoxo de Pesetsky não seja afinal um paradoxo.

### 3.5.1.3. Uma posição ambígua relativamente ao predicado: testes de constituência

As análises clássicas dos constituintes não subcategorizados à direita do predicado consideram-nos como adjuntos estruturais, i.e. como sendo simultaneamente filhos e irmãos de uma projecção máxima ou intermédia:

(599)



Há evidência empírica a favor deste estatuto ambíguo quando consideramos vários testes de constituência. Na realidade, o comportamento dos adjuntos finais relativamente a testes de constituência parece mostrar que eles ocupam simultaneamente uma posição interna a VP e uma posição externa a VP. A representação de adjunção clássica reflecte este comportamento ambíguo, assim como a ideia clássica da Gramática Funcional (cf. Dik 1978) de que os constituintes não subcategorizados ('satélites', na terminologia de Dik) dão origem a expansões de uma predicação básica mais restrita ('nuclear predication'), formando uma espécie de predicação alargada ('extended predication').

i) Os adjuntos à direita tanto podem ser antepostos juntamente com o VP nuclear, como podem ficar desgarrados, sendo anteposto apenas o predicado nuclear:

(600) a. *Fechar a porta a cadeado por estar com medo, o Zé nunca (o) fez.*

b. *Fechar a porta a cadeado, o Zé nunca o fez por estar com medo.*

(601) a. *Comprar um carro novo se for aumentado, o Zé fá-lo-á certamente.*

b. *Comprar um carro novo, o Zé fá-lo-á certamente se for aumentado.*

(602) a. *Repetir todas as frases para aborrecer o irmão*, o Zé está sempre a fazê-lo.

b. *Repetir todas as frases*, o Zé está sempre a fazê-lo para aborrecer o irmão.

(603) a. *Preparar a ceia como a mãe fazia*, o Zé certamente não o fará.

b. *Preparar a ceia*, o Zé certamente não o fará como a mãe fazia.

ii) Os adjuntos à direita tanto podem ser substituídos juntamente com um VP por uma forma pronominal substituta de VP, como podem ser deixados de fora:

(604) a. O Zé apagou a luz quando foi para a cama, mas o Pedro só o fez quando acabou de ler o livro.

b. O Zé lavou os dentes antes de ir para a cama, e o Pedro fê-lo mal acabou de jantar.

(605) a. ?O Zé tomou um café porque estava com sono, e a Ana fê-lo porque estava com tonturas.

Este tipo de evidência empírica (anteposição de VP e substituição de VP), tal como é referido em Jackendoff 1990 e Pesetsky 1995, e.o., privilegia uma configuração de adjunção à direita para os adjuntos não subcategorizados, que incluem naturalmente as orações adverbiais.

#### **3.5.1.4. Alternativas à adjunção à direita; possíveis problemas de uma análise de adjunção à direita**

Haverá alternativas à adjunção à direita compatíveis com os dados empíricos acima descritos?

A adjunção à direita (e a adjunção em geral), para além de ter sido posta em causa por motivos predominantemente teóricos (cf. Kayne 1994), foi também questionada por ser pouco restritiva e por permitir a geração de estruturas agramaticais (cf. Haider 2000; e.o.). Costa 1998, por exemplo, opta por seguir uma análise próxima de Barbiers 1995, porque constata que existem restrições à adjunção à direita de que uma teoria não restritiva da adjunção não permitiria dar conta. Haider 2000 também põe de lado a adjunção à direita com base em evidência empírica. Algumas das objecções à adjunção à direita que estes autores apresentam são as seguintes:

- i) alguns advérbios não podem ocorrer em posição final (e.g. prt. *bem*);
- ii) os advérbios não podem ser amontoados sucessivamente em posição final;
- iii) os advérbios de frase não podem ocorrer em posição final (sem que sejam precedidos de uma quebra entoacional);
- iv) nas línguas VO, os PPs adjuntos e as orações adjuntas não podem ocorrer à esquerda de VP.

Segundo estes autores, a hipótese da adjunção prediz um comportamento simétrico para os adjuntos à esquerda e à direita, o que não se verifica.

### 3.5.1.4.1. A hipótese da intraposição de VP: Barbiers 1995

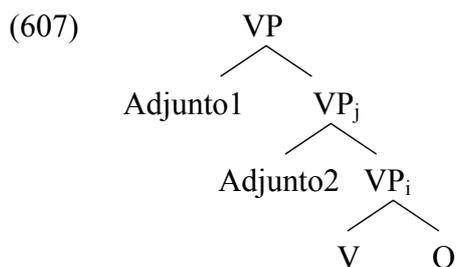
No sistema de Barbiers, os adjuntos de VP são sempre adjuntos à esquerda, como em (607). A posição final é derivada através de sucessivos movimentos de VP para a esquerda para a posição de especificador dos adjuntos à esquerda, como em (608). Corresponde, por conseguinte, a uma estratégia de intraposição de VP, que, na proposta de Barbiers, é motivada por um princípio geral de interpretação semântica. No sistema de Barbiers, este movimento resulta claramente de propriedades semânticas. Para além disso, é um movimento que é opcionalmente visível, i.e. que pode ter lugar apenas na componente lógica da gramática.

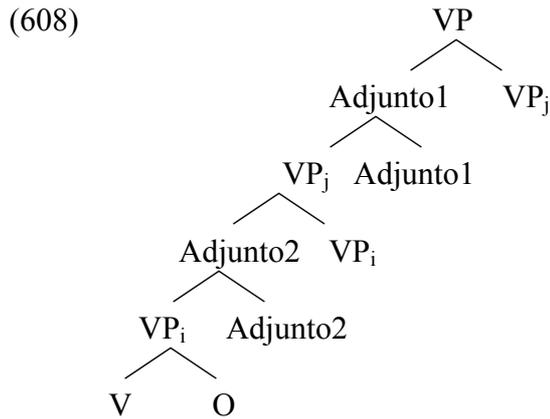
O sistema de Barbiers deriva ainda os efeitos de espelho observados em neerlandês e interlinguisticamente quanto à ordenação dos adjuntos pré- e pós-verbais:

(606) a. She has worked [<sub>respect</sub> on her hobby] [<sub>process</sub> with great care] [<sub>space</sub> in the garden] [<sub>time</sub> the whole time] [<sub>time</sub> today] <inglês>

b. Sie hat [<sub>time</sub> heute] [<sub>time</sub> die ganze Zeit] [<sub>space</sub> im Garten] [<sub>process</sub> mit grosser Sorgfalt] [<sub>respect</sub> an ihrem Steckenpferd] gearbeitet. <alemão>

(exs. de Haider 2000: 51)





Um dos problemas desta proposta consiste no carácter opcional da intraposição de VP. Na realidade, em neerlandês, o movimento de VP parece aplicar-se apenas em alguns casos. Nas línguas românicas, que são todas línguas VO, este movimento parece ser obrigatório quando o adjunto é um PP ou uma oração. O comportamento dos advérbios é mais livre (cf. Costa 1998). Nas línguas OV, pelo contrário, o movimento visível de VP parece não ser admitido, e apenas a ordem adjunto-objecto-verbo está disponível. A correlação entre a distinção OV/VO e a posição pré ou pós-verbal dos adjuntos não recebe uma explicação motivada no sistema de Barbiers.

Estudos de natureza tipológica (cf. Diessel 2001; Dryer 2000) e trabalhos como o de Ernst 2002 defendem que existe uma correlação entre ordem do objecto relativamente ao verbo e ordem do adjunto, bem como uma correlação entre a posição inicial ou final do conector adverbial e a posição pré ou pós-verbal da adverbial<sup>62</sup>:

Eslavo: in Dryer 2000

(609) Mary [Joe gha] ke ehtsi  
 Mary Joe para chinelos 3,faz  
 PP V  
 ‘Mary faz chinelos para o Joe.’

(610) Mary cut the fish [with the knife]  
 V PP

<sup>62</sup> No caso dos constituintes oracionais, no entanto, essa correlação não parece ter a mesma força. Veja-se que os constituintes oracionais são estruturas sintacticamente e fonologicamente mais pesadas, o que pode interferir no seu posicionamento.



neste caso específico não ocorre intraposição de VP;

ii) como Costa admite ele próprio (cf. Costa 2002), a restrição quanto aos advérbios empilhados em posição final pode ser eventualmente uma consequência da falta de material lexical de suporte numa posição suficientemente local (cf. Costa 2000a);

iii) alguns dos casos habitualmente designados de 'sobre-geração' podem talvez ser explicados com uma teoria prosódica adequada. Por exemplo, tem sido descrito que os advérbios orientados para o sujeito não podem ocorrer em posição final. Esta posição só é possível na leitura de modo (cf. Costa 1997, 1998; Delfitto 2000; e.o.):

(614) John cleverly has spoken to his mother. (orientado para o sujeito)

(615) John has spoken to his mother cleverly. (modo)

Este é um argumento que é dado normalmente contra a adjunção à direita (cf. Costa 1997, 1998; Delfitto 2000). Contudo, a leitura em que o Adv em posição final é orientado para o sujeito é recuperada, desde que exista uma quebra entoacional antes do advérbio e um contorno entoacional apropriado (cf. também Costa 1997: n. 3):

(616) John has spoken to his mother || cleverly.

Pode dar-se o caso de estar aqui em causa uma questão de prosódia e de fronteiras entoacionais. Se não houver uma fronteira entoacional, o advérbio será interpretado como sendo interno a VP e por conseguinte só a leitura de modo estará disponível. Este tipo de comportamento também se encontra relativamente às orações adverbiais. Como vimos, as orações periféricas só ocorrem em posição final depois de uma quebra entoacional. Tanto quanto eu saiba, ninguém afirmou que a posição final das orações adverbiais periféricas é agramatical pelo simples facto de ter de ser precedida de uma quebra entoacional.

(617) Uma vez que o professor está doente, não haverá aula.

(618) Não haverá aula, || uma vez que o professor está doente.

É evidente que será necessário desenvolver mais investigação na interface entre a sintaxe e a prosódia para poder responder a este tipo de questões.

iv) os padrões de ordem de palavras tomam em consideração especificações categoriais. Repare-se que são permitidos em posição final quer múltiplos PPs adjuntos,

quer múltiplas orações adjuntas (cf. também Ernst 2002), o que sugere, como observa Costa 2002, que diferentes categorias podem ter diferentes estatutos sintáticos, i.e. os advérbios constituem um caso particular:

(619) ??O Zé contou a história rapidamente entusiasticamente desajeitadamente (\*provavelmente).

(620) O Zé contou a história com entusiasmo em voz alta para que todos o pudessem ouvir.

(621) O Zé ligou a televisão logo que chegou a casa para ouvir as notícias porque lhe disseram que tinha havido um golpe de estado.

Repare-se que no caso de adverbiais que correspondem a um advérbio modificado por uma relativa restritiva (e.g. *sempre que*, *logo que*), a posição é alterada. Como vimos acima, o sentido do advérbio na adverbial não difere substancialmente daquele que o Adv tem quando ocorre isoladamente. A posição, no entanto, é alterada.

(622) a. O Zé conta *sempre* essa história.

b. ??O Zé conta essa história *sempre*.

(623) a. \*O Zé conta *sempre que eu lhe peço* essa história.

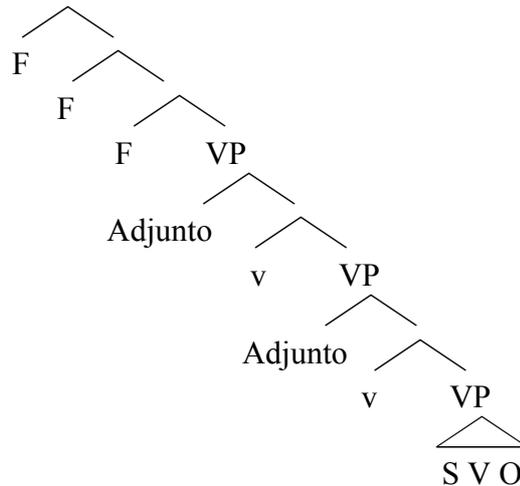
b. O Zé conta essa história *sempre que eu lhe peço*.

Na análise de Barbiers ter-se-á de admitir que o movimento de VP é obrigatório quando o adjunto é mais 'pesado', o que obriga a que se admita que a motivação para a intraposição de VP não é apenas de natureza semântica.

#### **3.5.1.4.2. A hipótese dos adjuntos como especificadores de núcleos verbais internos a VP: Cinque 1999**

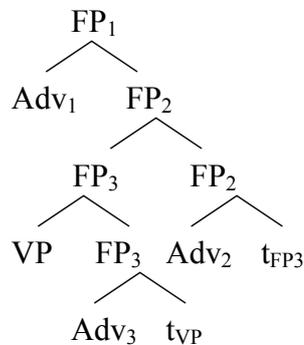
Cinque 1999 (inspirando-se numa ideia de Chomsky 1995) sugere uma solução alternativa à análise de adjunção à direita. O autor sugere que os adjuntos à direita sejam tratados como sendo gerados na base à esquerda dentro de VP como especificadores de núcleos verbais vazios. A posição final do adjunto é derivada através de sucessivos movimentos de VP para posições de especificador de núcleos funcionais vazios, possivelmente para estabelecer uma relação de predicação adequada.

(624)



Laenzlinger 2000 sugere uma proposta ligeiramente diferente: ou os adjuntos à direita ocupam posições de especificador à direita (o que continua a ser problemático para uma análise que queira respeitar a antissimetria) ou são gerados à esquerda como especificadores de categorias funcionais, seguindo-se posteriores movimentos de VP para especificador de uma categoria funcional mais alta, que por sua vez se move mais para cima e assim sucessivamente (movimento a que Laenzlinger chama 'Snowballing Movement'):

(625)



Contudo, na proposta de Cinque é necessário postular a existência de múltiplos núcleos funcionais para os quais não há evidência empírica. Na proposta de Laenzlinger, é preciso motivar e restringir um movimento de intraposição com características particulares.

Estas análises apresentam os mesmos problemas do que a de Barbiers. Tal como a de Barbiers, dão conta das questões de ligação e de escopo acima referidas, mas não explicam de uma forma natural a correlação entre o parâmetro OV/VO e a posição dos adjuntos, nem a razão pela qual o movimento se dá obrigatoriamente nuns casos, mas não noutros.

Haider 2000 refere outros problemas específicos de uma análise em que os adverbiais são gerados em posições de especificador. Haider refere contrastes entre o inglês, por um lado, e o alemão e o neerlandês, por outro, que são deriváveis do facto de o inglês ser uma língua cujo núcleo verbal é inicial, enquanto o alemão e o neerlandês são línguas de V final. Trata-se de efeitos de periferia ('edge effects').

Haider refere que as restrições à ocorrência em posição pré-verbal de estruturas que contêm material à direita do núcleo ('edge effects') só se verificam em línguas cujo núcleo verbal é inicial. Este tipo de restrições não se verifica com especificadores. Este seria um argumento a favor de uma análise de adjunção e contra uma análise de especificadores para os adverbiais pré-verbais.

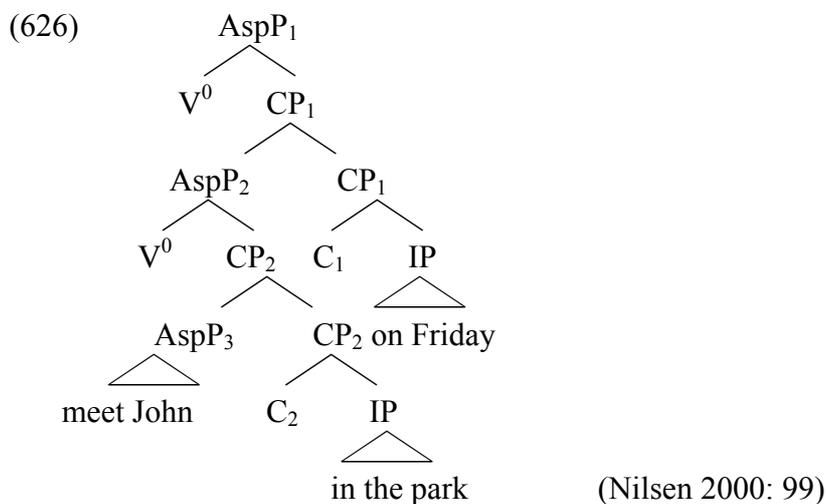
#### **3.5.1.4.3. A hipótese das relativas reduzidas de evento: Nilsen 2000**

Nilsen 2000 apresenta vários argumentos empíricos contra uma análise dos adjuntos circunstanciais na linha de Larson e a favor de uma análise de adjunção à direita. Porém, como a adjunção à direita vai contra hipóteses recentes sobre a estrutura da frase (cf. Kayne 1994), Nilsen procura encontrar uma solução alternativa, que seja compatível com os dados empíricos disponíveis. Nilsen discute a hipótese de adjunção à esquerda de Barbiers, que, segundo o autor, também tem alguns problemas (nomeadamente no que diz respeito à extraposição de orações relativas), e faz uma proposta alternativa inspirada no trabalho de Kayne sobre os DPs: os adjuntos à direita são relativas reduzidas sobre o evento.

Na proposta de Nilsen, os adjuntos à direita são relativas reduzidas seleccionadas por diferentes categorias funcionais que seguem a hierarquia de Cinque 1999. O VP matriz é gerado na base como especificador do PP circunstancial, que por sua vez está encaixado num CP relativo seleccionado por diferentes categorias funcionais de acordo com a interpretação semântica do circunstancial. A análise de Nilsen contém algumas ideias interessantes: relaciona semanticamente os adjuntos à esquerda (advérbios) com os PPs adjuntos à direita, o que seria uma consequência da hierarquia de projecções funcionais proposta por Cinque.

Contudo, a proposta de Nilsen apresenta manifestamente alguns problemas. Se eu bem percebi, na proposta de Nilsen, o VP matriz deixa de existir. VP é gerado na base como especificador do PP adjunto dentro da oração relativa. Ficamos assim com uma estrutura frásica aparentemente truncada. A ordenação dos adjuntos à direita é

obtida através do empilhamento dos nós aspectuais que incluem VP em especificador de PPs em relativas reduzidas sucessivas, encaixadas umas nas outras:



Esta estrutura invulgar, que reproduz no domínio oracional a análise de Kayne 1994 para as relativas inseridas num DP, impossibilita a derivação dos 'efeitos de espelho' na ordenação dos PPs adjuntos à esquerda e à direita de V, facto que era elegantemente derivado na análise de Barbiers. Na estrutura de Nilsen, não existe uma correlação entre a ordem relativa dos adjuntos e a distinção VO/OV. Para além disso, parece-me que a ordem de palavras nas línguas OV não é facilmente derivável, tal como na seguinte frase do alemão, por exemplo:

(627) Hans hat in der Schule Hanna geküsst.

Hans tem na escola Hanna beijado

'O Hans beijou a Hanna na escola'

Finalmente, os argumentos de Nilsen a favor da sua representação em vez de uma análise de adjunção ou de intraposição de VP, não são, na minha opinião, muito fortes: vêm principalmente de dados do Atkan-Aleut e do Nadëb, que são referidos muito por alto. Ao contrário do que Nilsen afirma, não creio que esses dados representem um verdadeiro problema para uma análise de adjunção.

#### 3.5.1.4.4. Adjuntos à direita desconectados da estrutura

Uma outra alternativa relativamente aos adjuntos à direita é apresentada em Uriagereka 2001. Uriagereka propõe que os adjuntos à direita (a que ele chama 'adjuntos puros') estão desconectados da estrutura sintáctica, sendo inseridos na sequência PF em diferentes dimensões e interpretados em LF de acordo com o lugar onde são inseridos. O ponto de partida para esta proposta assenta nas seguintes observações:

- i) a modificação é 'especializada', i.e. diferentes tipos de adjuntos modificam diferentes classes aspectuais (cf. Vendler 1967);
- ii) a adjunção parece ser ilimitada;
- iii) os adjuntos à direita têm poucas propriedades sintácticas.

O problema principal da análise de Uriagereka é que ela parece assentar em assunções erradas. Uma delas, quanto a mim, é a ideia de que a adjunção é ilimitada. Este argumento inicial, essencial para o raciocínio que o autor desenvolve posteriormente, parece-me ser problemático. Os exemplos que o autor dá de 'adjunção ilimitada' parecem ser casos simples de coordenação:

(628) Beans grew for weeks (at a time), for years (at a time), for decades (at a time), for... (ex. (4) de Uriagereka 2001)

Na realidade, o mesmo tipo de considerações poderia ser tecido a propósito de constituintes argumentais. É a coordenação que é ilimitada, não a adjunção:

(629) O João plantou couves, alfaces, cenouras, abóboras, tomates...

(630) O João, o Zé, o Paulo, o António, o Luis...plantaram couves.

(631) O João deu um livro ao Zé, um disco ao António, uma boneca à Ana...

A adjunção está de facto geralmente limitada a um tipo semântico por oração, que pode eventualmente ser complexo<sup>63</sup>:

---

<sup>63</sup> Pode haver eventualmente múltiplos adjuntos de tempo e de lugar quando estes dão informações de natureza diferente, sendo uns mais específicos do que outros:

- i) O Zé nasceu às três da tarde, no dia um, no mês de Agosto, no ano de 1970.
- ii) O Zé nasceu em Portugal, na cidade de Lisboa, numa rua estreita, num pequeno quarto cinzento.

- (632) a. \*O João ficou em casa porque estava com febre, porque estava a chover.  
b. O João ficou em casa porque estava com febre, porque estava a chover, e porque não podia apanhar frio.

O autor refere ainda que os adjuntos têm poucas propriedades sintáticas, o que o leva a considerar que os adjuntos têm um estatuto derivacional diferente e estão desconectados da estrutura. No entanto, como vimos acima, os adjuntos estão sujeitos a uma série de fenómenos de natureza sintáctica, tais como fenómenos de ligação e fenómenos de escopo, que dificilmente serão explicados se os adjuntos não estiverem conectados à estrutura sintáctica.

Finalmente, o autor assume que as classes aspectuais de Vendler estão hierarquizadas da seguinte forma:

(633) Accomplishment > Achievement > Activity > State

Os adjuntos modificariam uma destas dimensões aspectuais. A ideia de que há uma implicação entre tipos de eventos está presente em Hale & Keyser 1993 no que diz respeito à estrutura argumental lexical (causador > evento dinâmico > estado), o que não significa necessariamente que isso se aplique também a classes aspectuais de predicados. De facto, na literatura sobre o aspecto é assumido que qualquer classe aspectual pode sofrer transições ou recategorizações que vão num ou noutro sentido de acordo com uma série de parâmetros: tempo/aspecto gramatical; complementos; determinação nominal dos argumentos; adverbiais (cf. Moens & Steedman 1988; Campos 1998)... É essa a ideia da rede aspectual de Moens & Steedman 1988. Assim, a presença de um adjunto pode inclusivamente forçar uma mudança de classe (cf. também Ambar 1994<sup>64</sup>):

- (634) a. O João cantou. <processo/actividade>  
b. O João cantou em três meses. <processo culminado/evento prolongado>

---

<sup>64</sup> O facto de alguns adjuntos temporais poderem alterar a classe aspectual básica do predicado levou Ambar (1994: 17) a admitir que estes constituintes ocupam posições de adjunção a VP, uma vez que dessa posição têm escopo sobre o V.

- (635) a. O João chegou à faculdade. <culminação/evento instantâneo>  
 b. O João chegou à faculdade em meia hora. <processo culminado/evento prolongado>
- (636) a. O Zé empurrou o carrinho pelo precipício abaixo. <culminação/evento instantâneo>  
 b. O Zé empurrou o carrinho pela estrada fora. <processo/actividade>

Pode ainda forçar uma leitura agentiva de um predicado não agentivo, o que mostra que os adjuntos desempenham uma função na caracterização do evento e na definição da função temática do sujeito:

- (637) O Zé caiu propositadamente.

Assim, apesar de haver uma predisposição natural para predicados inacusativos e transitivos estarem associados a diferentes classes aspectuais, não me parece que se possa estabelecer uma relação tão directa entre classes sintácticas de verbos e classes aspectuais, como aquela que o autor sugere.

### **3.5.1.5. Restringindo a adjunção à direita**

O problema principal normalmente apontado contra as análises de adjunção corresponde ao facto de estas serem pouco restritivas e permitirem a geração de estruturas agramaticais, i.e. a adjunção tem um problema de sobre-geração. Contudo, é talvez possível restringir a adjunção se vários factos forem tomados em consideração, i.e. se cruzarmos vários factores: factores prosódicos (efeitos de peso); diferenças paramétricas entre línguas quanto à ordem básica de constituintes; e princípios semânticos; o que é feito, por exemplo, em trabalhos de Ernst 2000, 2002.

Seguindo Ernst (2000, 2002), sou levada a assumir que as orações adverbiais interlinguisticamente podem ser adjuntas quer à direita, quer à esquerda dentro de VP, de acordo com a direcionalidade de selecção dos complementos pelos núcleos. Outros factores poderão eventualmente contribuir para a alteração dessa 'ordem natural de projecção', tais como o peso associado normalmente às estruturas oracionais, ou factores de natureza discursiva/pragmática.

Na realidade, Ernst 2002 assume aquilo a que ele chama a 'Hipótese da Direcção Parametrizada' ('Parameterized Direction Hypothesis') relativamente aos adjuntos (em

vez de uma 'Hipótese de Correspondência Linear', em que os adjuntos seriam universalmente gerados nas mesmas posições): os adjuntos podem ser gerados quer à esquerda quer à direita de acordo com a direcção núcleo-complemento.

Contudo, as orações adverbiais e os PPs adjuntos nem sempre ocupam a mesma posição dentro da mesma língua. Isso pode dever-se, entre outros factores, ao maior peso fonológico associado às orações adverbiais.

Concluindo, verificamos que tanto as hipóteses de adjunção à direita como as hipóteses de intraposição de VP derivam a maioria dos dados empíricos. Em qualquer uma delas haverá que motivar e restringir quer processos de geração na base, quer movimentos, e tomar em consideração factores categoriais, prosódicos e semânticos. A hipótese da adjunção, no caso específico das orações e dos PPs adjuntos, parece menos problemática, uma vez que a ordem dos adjuntos relativamente ao V parece correlacionar-se com parâmetros de ordem de complementação, e a ordem relativa de várias classes semânticas de adjuntos oracionais e preposicionais não apresenta a mesma rigidez do que a dos advérbios, como observa inclusivamente Cinque 1999.

### **3.5.2. Adverbiais à esquerda: adjuntos ou especificadores?**

Vários autores têm defendido que os advérbios ocupam posições de especificador de categorias funcionais, com as quais estabelecem uma relação semântica e formal (verificação de traços), sendo a proposta de Cinque 1999 aquela que trata esta questão de forma mais exaustiva (para propostas semelhantes nesta linha, ver Ambar 1989; Alexiadou 1997; Cinque 1999; Gonzaga 1997; Laenzlinger 1998 e 2000; e.o.).

Cinque 1999 propõe que os advérbios são estruturalmente projectados em posições de especificador de diversas categorias funcionais situadas na periferia esquerda da frase. A motivação para esta proposta vem, por um lado, da observação de que existe uma ordem relativamente fixa entre advérbios de várias classes, e, por outro lado, da constatação de que essa ordem encontra uma correspondência na ordem relativa de afixos verbais em línguas com morfologia verbal rica.

Cinque chega assim à seguinte hierarquia de categorias funcionais na periferia esquerda da frase:

(638) hierarquia universal de projecções funcionais segundo Cinque 1999: 106

[*frankly* Mood<sub>speech act</sub> [*fortunately* Mood<sub>evaluative</sub> [*allegedly* Mood<sub>evidential</sub>  
[*probably* Mod<sub>epistemic</sub> [*once* T(Past) [*then* T(Future) [*perhaps* Mood<sub>irrealis</sub>  
[*necessarily* Mod<sub>necessity</sub> [*possibly* Mod<sub>possibility</sub> [*usually* Asp<sub>habitual</sub> [*again*  
Asp<sub>repetitive(I)</sub> [*often* Asp<sub>frequentative(I)</sub> [*intentionally* Mod<sub>volitional</sub> [*quickly*  
Asp<sub>celerative(I)</sub> [*already* T(Anterior) [*no longer* Asp<sub>terminative</sub> [*still*  
Asp<sub>continuative</sub> [*always* Asp<sub>perfect(?)</sub> [*just* Asp<sub>retrospective</sub> [*soon* Asp<sub>proximative</sub>  
[*briefly* Asp<sub>durative</sub> [*characteristically(?)* Asp<sub>generic/progressive</sub> [*almost*  
Asp<sub>prospective</sub> [*completely* Asp<sub>SgCompletive(I)</sub> [*tutto* Asp<sub>PICompletive</sub> [*well* Voice  
[*fast/early* Asp<sub>celerative(II)</sub> [*again* Asp<sub>repetitive(II)</sub> [*often* Asp<sub>frequentative(II)</sub>  
[*completely* Asp<sub>SgCompletive(II)</sub>

Não vou discutir aqui a validade desta proposta para os advérbios, uma vez que isso está fora do alcance do meu trabalho<sup>65</sup>. No entanto, dado o paralelismo frequentemente encontrado nas gramáticas entre advérbios e constituintes de outras categorias com um funcionamento supostamente equivalente (veja-se as designações de 'adverbial' para as orações adjuntas), poder-se-ia pensar que a análise de Cinque pudesse aplicar-se também a estes constituintes, que incluem a generalidade dos chamados PPs adjuntos e das orações ditas adverbiais. Porém, o próprio Cinque admite que estes constituintes, a que chama 'circunstanciais', e em que cabem as orações 'adverbiais', devem ser tratados de uma forma completamente diferente (cf. Cinque 1999: §1.5).

De facto, existem várias razões para distinguir advérbios de outras classes de adjuntos, geralmente designados 'adjuntos circunstanciais' (cf. Cinque 1999). Cinque refere várias propriedades que distinguem esta classe de adverbiais – os circunstanciais – dos restantes advérbios.

Em primeiro lugar, contrariamente àquilo que parece acontecer com os advérbios, os circunstanciais não estão sujeitos a uma ordenação tão rígida. Às diferentes ordens parecem corresponder antes diferentes interpretações, diferentes relações de escopo semântico (cf. Andrews 1983; Ernst 1994, 2000, 2002; Pesetsky 1995; Cinque 1999).

Como referem os autores, nos contextos de múltipla adjunção, o adjunto mais à

---

<sup>65</sup> Para uma discussão de várias propostas de representação de advérbios, veja-se por exemplo Alexiadou & Svenonius 2000.

direita tem escopo semântico (escopo de modificação) sobre o adjunto à esquerda.<sup>66</sup>

- (639) a. O Zé dá concertos no estrangeiro ao fim-de-semana.  
b. O Zé dá concertos ao fim-de-semana no estrangeiro.
- (640) a. O atleta correu sem esforço durante toda a tarde.  
b. O atleta correu durante toda a tarde sem esforço.
- (641) a. O Zé esteve a estudar na esplanada durante toda a tarde.  
b. O Zé esteve a estudar durante toda a tarde na esplanada.
- (642) a. O João vai às compras com a mãe à terça-feira.  
b. O João vai às compras à terça-feira com a mãe.
- (643) a. O Zé fechou a janela antes de acender a luz para não entrarem mosquitos.  
b. O Zé fechou a janela para não entrarem mosquitos antes de acender a luz.
- (644) a. A Ana canta o fado neste bar aos sábados.  
b. A Ana canta o fado aos sábados neste bar.
- (645) a. O Zé declamou um poema na sexta-feira na aula de inglês.  
b. O Zé declamou um poema na aula de inglês na sexta-feira.
- (646) a. O Rui vai à feira todas as quintas-feiras para ajudar a mãe.  
b. O Rui vai à feira para ajudar a mãe todas as quintas-feiras.
- (647) a. O Rui bateu à porta duas vezes com cuidado.  
b. O Rui bateu à porta com cuidado duas vezes.
- (648) a. O Rui arrumou o quarto a toda a pressa antes de sair de casa.  
b. O Rui arrumou o quarto antes de sair de casa a toda a pressa.
- (649) a. O Zé toma um calmante para não se enervar antes de ir ao dentista.  
b. O Zé toma um calmante antes de ir ao dentista para não se enervar.

Assim, PPs adjuntos e orações adverbiais não parecem apresentar uma ordem rígida. As diferentes ordens correspondem a leituras ligeiramente diferentes, em que o adjunto mais à direita tem escopo sobre o adjunto que o precede, o que pode servir eventualmente como argumento adicional para projectar o adjunto numa posição de adjunção à direita, se considerarmos que escopo semântico se traduz estruturalmente numa relação de comando (cf. Ernst 2000). Este é aliás um dos argumentos que pode ser

---

<sup>66</sup> Phillips (1997: n. 4, p.386), no entanto, remete para Phillips 1996, onde diz apresentar razões que podem levar a pôr em dúvida a generalização quanto ao escopo dos adjuntos. Ernst 2002 contra-argumenta a esta objecção.

dado a favor de uma análise de adjunção para os adjuntos à direita em detrimento de uma análise dos adjuntos como complementos.

Uma segunda característica dos circunstanciais que os distingue de outros advérbios referida por Cinque 1999 é o facto de os primeiros serem tipicamente realizados sob a forma de PPs (com excepção dos advérbios de modo).

Além disso, a posição de advérbios é na generalidade mais flexível do que a posição de adjuntos de outras categorias, podendo ocorrer, por exemplo, entre o verbo e o seu complemento. Esta posição está excluída para os adjuntos preposicionados e oracionais, a não ser que o complemento seja 'pesado'. Esta restrição leva a pensar que, neste caso específico, estamos perante um fenómeno 'de extraposição', e não perante a geração básica do adjunto à esquerda do complemento.

(650) (ontem) o João (ontem) terminou (ontem) o trabalho (ontem).

(651) a. (às três da tarde) o João (às três da tarde) terminou (às três da tarde) o trabalho (às três da tarde).

b. (às três da tarde) o João (às três da tarde) terminou (às três da tarde) o trabalho que eu lhe encomendei (às três da tarde).

(652) a. (antes de vir para casa) o João (antes de vir para casa) terminou (\*antes de vir para casa) o trabalho (antes de vir para casa).

b. (antes de vir para casa) o João (antes de vir para casa) terminou (antes de vir para casa) o trabalho que eu lhe encomendei (antes de vir para casa).

Muitos circunstanciais não podem geralmente surgir em posições pré-VP, exceptuando a posição inicial absoluta de "advérbios de *setting*", uma posição de natureza tópica (cf. Cinque 1999):

(653) a. Durante o exame, ninguém ousou falar.

b. Ninguém (\*durante o exame) ousou falar.

c. Ninguém ousou falar durante o exame.

Finalmente, como referido por Nilsen 2000, os circunstanciais parecem diferir semanticamente dos restantes advérbios. Enquanto estes últimos são caracteristicamente

operadores (funções que mapeiam proposições em proposições, ou predicados em predicados), os circunstanciais podem ser encarados, seguindo Davidson 1967, como modificadores que predicam sobre uma variável de evento.

Cinque conclui assim: "In this view, the "free" order of circumstantial phrases would correlate with the fact that they are not generated in specifier positions of functional projections" (Cinque 1999: 29).

Excluída a hipótese de projectar os adjuntos pós-verbais em posições de especificador na periferia esquerda da frase, resta ainda a hipótese de os projectar como especificadores de uma categoria de natureza discursiva (Tópico) quando se encontram à esquerda.

Mais acima, mostrou-se através do teste de pergunta/resposta que as orações adverbiais não periféricas em posição pré-verbal têm um estatuto informacional diferente - comportam-se essencialmente como constituintes que estabelecem um enquadramento (*background*). Em estudos recentes, foi proposto que este género de elementos, por vezes designados de adverbiais 'moldura' (*frame adverbials*) ou advérbios de enquadramento (*adverbs of setting*), ocupam uma posição específica, uma posição equiparável à de um tópico, na periferia esquerda da frase (cf. Rizzi 1997, Cinque 1999).

A hipótese dos adjuntos como especificadores prediz que haja uma posição fixa para este tipo de elementos. Para além disso, uma vez que são permitidos múltiplos constituintes antepostos, a hipótese dos adjuntos como especificadores terá de assumir que a categoria em que estes constituintes estão inseridos pode ser recursiva:

(654) Quando o Zé chega a casa, antes de cumprimentar quem quer que seja, vai lavar as mãos.

(655) Para que tudo corra bem, quando o Zé chegar, se a namorada também vier, ninguém pode fazer comentários.

A hipótese da adjunção, pelo contrário, pode dar conta de uma forma natural da possibilidade de haver múltiplos constituintes antepostos, e do facto de a posição destes elementos na periferia esquerda não se restringir a uma única posição. De forma a dar conta destes factos, Rizzi 1997 é levado a postular que existem várias posições TopP na oração e que esta categoria pode ser recursiva. Rizzi justifica a sua decisão com base na

constatação de que existem efeitos de localidade que são melhor compreendidos se estiver envolvida uma projecção X-barra. As objecções principais de Rizzi à análise de adjunção são as seguintes:

- i) a hipótese da adjunção aparentemente não é derivada pela necessidade de verificação de traços (o que vai contra uma das ideias fundamentais de Chomsky 1993);
- ii) segundo Rizzi, a hipótese da adjunção não explica por que razão algumas posições, mas não outras, estão disponíveis para a adjunção, nomeadamente as posições entre o modal e o VP, e entre o verbo matriz e o seu complemento frásico;
- iii) a hipótese da adjunção não dá conta de efeitos de adjacência discutidos na literatura;
- iv) a hipótese da adjunção não explica assimetrias sujeito/objecto quanto à extracção com construções de deslocação à esquerda clítica em francês.

Contudo, existem diferenças claras entre estes constituintes que se assemelham a tópicos e constituintes antepostos com uma interpretação de foco contrastivo, o que não é facilmente explicado na hipótese de que tanto Foco como Tópico são categorias funcionais que projectam.

As objecções formuladas por Rizzi podem ser contornadas se assumirmos que:

- i) TP, a categoria que define um domínio proposicional, actua como fronteira no mapeamento de tópicos e de constituintes pressupostos (cf. Duarte 1996);
- ii) o movimento pode ser motivado por razões interpretativas/discursivas e não é necessariamente o resultado de um mecanismo de verificação de traços (cf. Duarte 1996; e.o.), contra Chomsky 1993;
- iii) a restrição à ocorrência de constituintes de natureza tópica entre  $X^0$  e o seu complemento pode ser explicada através de mecanismos de verificação de Caso ou de selecção de argumentos, como o próprio Rizzi refere.

O problema específico de efeitos de adjacência e anti-adjacência com constituintes topicalizados é um problema complexo, que não poderei discutir aqui.

Contudo, mesmo que a análise dos tópicos como especificadores de uma categoria funcional se mantenha, é possível que, para os adverbiais antepostos, a adjunção esteja disponível, como o próprio Rizzi refere (cf. Rizzi 1997). Na realidade, como veremos, constituintes argumentais e não argumentais comportam-se de forma diferente relativamente a diversos fenómenos.

Se assumirmos uma estrutura hierárquica para a frase que tenha pelo menos as seguintes categorias funcionais:

(656) [CP ([XP) [AgrSP ([NegP) [TP [vP [VP...

verificamos que existe evidência em português a favor da adjunção das orações adverbiais à esquerda a CP, a AgrSP, e a TP. Mantenho aqui a categoria AgrS, uma vez que em português existe morfologia de concordância visível e há evidência das construções com sujeito nulo, das infinitivas flexionadas do português padrão e das gerundivas flexionadas do português dialectal de que a categoria AgrS existe e desempenha uma função na gramática.

A possibilidade de a adverbial ocorrer à esquerda de um constituinte-Qu, que na maioria das análises ocupa a posição de especificador de CP, confirma a possibilidade de a adverbial estar adjunta a CP:

(657) Quando o Zé chegou, quem lhe abriu a porta?

(658) Se estiver a chover, como é que secamos a roupa?

A possibilidade de, em orações encaixadas, a oração adverbial ocorrer entre um complementador, que na generalidade das análises está situado em C, e o sujeito gramatical, situado em especificador de AgrS, confirma a possibilidade de a adverbial se encontrar adjunta a AgrSP:

(659) O professor avisou que, quando o exame começasse, não poderia haver barulho nenhum.

Costa 1998, contudo, argumenta contra a possibilidade de haver adjunção a categorias de concordância (Agr). Se a análise de Costa estiver certa, uma possível solução para este problema estará em considerar a posição pós-complementador como uma instância de adjunção a uma segunda projecção CP com um complementador nulo. Na realidade, em registos falados e informais do português pode haver complementadores recursivos quando um elemento tópico ocorre na periferia esquerda. O segundo complementador terá sempre uma forma morfológica idêntica à do primeiro, quer se trate de *que* nas orações declarativas encaixadas, quer se trate de *se* nas orações interrogativas encaixadas:

(660) Eu acho que ontem que ninguém te telefonou.

(661) Não sei se amanhã se as lojas estão abertas.

As orações adverbiais à esquerda, tal como outros constituintes que ocorrem na periferia esquerda, podem ocorrer entre os dois complementadores:

(662) O Zé disse que, se tivesse mais dinheiro, que compraria esta casa.

(663) O Zé acha que, quando a água está fria, que o banho sabe melhor.

A última posição disponível para as orações adverbiais pré-verbais é uma posição de adjunção a TP. Note-se que esta possibilidade não é explicada em Rizzi 1997, uma vez que se assume que o sistema Tópico-Foco se encontra acima do domínio flexional (IP). Se assumirmos, como em Costa 1998, que em português o V só sofre movimento curto, i.e. V só sobe até T, então pode mostrar-se que as adverbiais podem estar adjuntas a TP, uma vez que podem ocorrer depois de um sujeito não topicalizável. Trata-se de facto de um caso de adjunção a TP e não de um caso em que o sujeito foi topicalizado. Veja-se que, como é referido em Duarte 1987, 1996, 1997, e.o., algumas expressões indefinidas não podem ser topicalizadas em português<sup>67</sup>:

(664) \*Ninguém, o João encontrou.

(665) \*Nada, o Zé encontrou.

Crucialmente, as orações adverbiais podem ocorrer à direita de sujeitos indefinidos, que presumivelmente estarão na posição de especificador de AgrS. Note-se, contudo, que a adjunção a TP é mais marginal com algumas adverbiais:

(666) Ninguém, quando o Zé tocou à campainha, abriu a porta.

(667) Ninguém, se ele tivesse de sair, seria capaz de o substituir.

(668) ?Ninguém, por ser ainda muito cedo, vinha abrir a porta.

(669) ?Ninguém, para desinfetar uma ferida, usa ainda mercuriocromo.

As orações adverbiais, porém, contrariamente aos advérbios, não podem ser adjuntas à esquerda de VP. Nas frases seguintes, o verbo matriz elevou-se para I e o advérbio está presumivelmente adjunto à esquerda de VP:

---

<sup>67</sup> Agradeço a M. Ambar (c. p.) ter-me sugerido este argumento.

(670) O Zé foi ontem a minha casa.

(671) \*O Zé foi quando saiu da faculdade a minha casa.

Esta é uma das diferenças entre diferentes categorias de adjuntos que pode levar-nos a pensar que as especificações categoriais desempenham um papel na gramática. De facto, a gramática generativa, tal como mencionado em Kortmann 1996, nunca forneceu uma explicação adequada no que diz respeito à diferença categorial entre advérbios, preposições e conjunções. O sistema de traços [+/- N] / [+/- V] de Chomsky 1970 é insuficiente para dar conta destas categorias. Com um melhor conhecimento da natureza específica das diferentes classes de palavras invariáveis, poder-se-á chegar a uma explicação quanto ao diferente comportamento sintáctico das diferentes categorias de adjuntos.

Quanto às adverbiais periféricas à esquerda, verificamos que a adjunção múltipla também é permitida, e que não há grandes restrições de ordem entre adverbiais:

(672) a. Uma vez que todos estão de acordo, embora seja já muito tarde, vamos continuar a reunião.

b. Embora seja já muito tarde, como todos estão de acordo, vamos continuar a reunião.

(673) a. Quando o Zé chegou, embora a reunião estivesse a correr bem, tudo se complicou.

b. Embora a reunião estivesse a correr bem, quando o Zé chegou, tudo se complicou.

No entanto, com estas orações, a posição mais natural será a adjunção a CP (e eventualmente a AgrSP). A adjunção a TP dá resultados um pouco mais marginais:

(674) Uma vez que o pai não se consegue levantar sozinho, quem fica a dormir com ele?

(675) O Zé acha que, uma vez que o pai não se consegue levantar sozinho, alguém tem de ficar a dormir com ele.

(676) O Zé perguntou se, desde que fosse reduzida a actual carga horária, eu não me importava de dar uma cadeira nova.

(677) ?Ninguém, embora já fosse bastante tarde, se tinha levantado ainda.

(678) ?Nada, uma vez que tudo estava no sítio, tinha sido roubado.

(679) ?Ninguém, uma vez que há greve, conseguirá chegar a horas.

(680) ?Ninguém, desde que esteja no seu perfeito juízo, fará uma coisa dessas.

### 3.5.3. Adverbiais não periféricas à esquerda: movimento ou geração na base? Contraste com constituintes argumentais antepostos e com adjuntos não oracionais antepostos

A posição pré-verbal das orações adverbiais não periféricas, à partida, pode resultar de:

- geração básica da oração numa posição alta (hipótese de geração na base)
- movimento para a esquerda da oração gerada numa posição interna a VP (hipótese de movimento).

Que tipo de evidência existe a favor de cada uma destas hipóteses?

1. Um primeiro argumento a favor da hipótese de geração na base vem de fenómenos tratados classicamente sob a teoria da ligação. As **dependências referenciais** entre o sujeito da matriz e da subordinada parecem favorecer esta hipótese. Na realidade, um sujeito referencial (DP pleno) de uma oração subordinada adverbial pode ser co-referente com o sujeito pronominal da matriz, desde que a oração subordinada esteja anteposta:

(681) a. \*[-]<sub>i</sub> abriu a janela quando o Zé<sub>i</sub> entrou.

b. Quando o Zé<sub>i</sub> entrou, [-]<sub>i</sub> abriu a janela.

(682) a. \*[-]<sub>i</sub> ainda não parou de chorar desde que o Zé<sub>i</sub> chegou a casa.

b. Desde que o Zé<sub>i</sub> chegou a casa, [-]<sub>i</sub> ainda não parou de chorar.

(683) a. \*[-]<sub>i</sub> saiu mais cedo porque o Zé<sub>i</sub> estava doente.

b. Porque o Zé<sub>i</sub> estava doente, [-]<sub>i</sub> saiu mais cedo.

Assumindo que o princípio C da teoria da ligação impede uma expressão referencial de ser c-comandada por um elemento co-referente, estes contrastes são explicados se considerarmos que a oração adverbial à esquerda foi gerada na base à esquerda nas frases b. acima. Caso contrário, é necessário assumir que a reconstrução não opera no caso particular dos constituintes não argumentais. Repare-se que uma

oração completiva anteposta tem de ser reconstruída. Por conseguinte, existem assimetrias complemento/adjunto a este respeito.

(684) a. \* $Ele_i$  acha mesmo que o  $Zé_i$  está doente.

b. \*Que o  $Zé_i$  está doente,  $ele_i$  acha mesmo.

Se existisse movimento na anteposição quer de argumentos, quer de não argumentos, então teríamos de conceder um estatuto excepcional às orações adverbiais quanto a um fenómeno que não deveria ter excepções, uma vez que envolve a componente lógica da gramática (LF), que presumivelmente se caracteriza por dar conta de propriedades universais.

A análise de geração na base para constituintes não argumentais antepostos não é nova. Cinque (1990: 90 ss.) sugere uma análise semelhante para os PPs adjuntos iniciais.

"Before we discuss this restriction, a brief digression is in order concerning the fundamental syntactic distribution of temporal, locative, and reason adverbials. Characteristically, these adverbials occupy either an IP-initial or an IP-final position. Often, depending on which of the two positions the adverbial occupies, the sentence differs in meaning (that is, in the scope properties of the adverbial), even though this may not always be easy to express with precision. [...]

There are reasons to favor the base-generation over the movement analysis. The first has to do with the inability of the adverbial in IP-initial position to preserve the scope that the adverbial has in IP-final (VP-adjoined) position: a property that is entirely unprecedented for ordinary *Wh*-Movement constructions.

[...]

A second reason to favor a base-generation over a movement analysis of the IP-initial/IP-final adverbial pairs is provided by the observation that, at least in some cases, base generation is the only option. If so, unless a movement analysis is needed to account for other things (which it is not), it becomes redundant.

[...]

On the basis of this evidence I conclude that no actual grounds exist for the classical analysis of Adverb Preposing. On the contrary, reasons exist for base-generating the adverbials directly in IP-initial position (possibly, Top) and in (at least) two distinct IP-final positions, one under VP and one outside VP, with the ensuing

differences concerning their semantic scope."

Cinque (1990: 90-3, sublinhado meu)

2. O segundo tipo de evidência que pode ajudar a decidir entre a hipótese de geração na base e a hipótese de movimento (e conseqüente reconstrução) vem da impossibilidade de interpretar a oração como estando sob o escopo da negação matriz, i.e. da **ausência de reconstrução com negação**. As orações adverbiais em posição inicial não reconstróem sob a negação.

(685) a. O Zé não faltou à aula porque tinha exame. (Faltou por outra razão)

b. Porque tinha exame, o Zé não faltou à aula (\*Faltou por outra razão)

(686) a. O Zé não tirou os sapatos quando chegou a casa. (Tirou mais tarde)

b. Quando chegou a casa, o Zé não tirou os sapatos. (\*Tirou mais tarde)

Contudo, outros constituintes antepostos, que se comportam como tópicos contrastivos, podem reconstruir sob a negação (cf. Duarte 1996).

(687) À Ana, o Zé não ofereceu flores. (Ofereceu flores à Clara)

(688) Com esses meninos, o Zé não brinca. (Só brinca com os primos)

No caso dos PPs adjuntos, a reconstrução, e portanto a leitura contrastiva, é possível com um contorno entoacional particular. Assim, a frase (689) é ambígua entre uma leitura contrastiva e não contrastiva:

(689) Por essa razão, o Zé não faltou à aula.

a. o Zé faltou à aula, mas não por essa razão

b. o Zé não faltou à aula e isso aconteceu por uma determinada razão

O facto de as orações adverbiais pré-verbais não reconstruírem quando está presente a negação parece apoiar a hipótese de geração na base para as adverbiais pré-verbais, em detrimento da hipótese de movimento. Como observámos, os argumentos antepostos comportam-se de forma diferente. Este diferente comportamento é facilmente explicado, uma vez que os argumentos (mas não os adjuntos) têm de satisfazer requisitos temáticos e casuais, e, por conseguinte, têm de ser gerados numa posição interna a VP ou têm de estar coindexados com uma posição interna a VP. A geração básica de orações adjuntas em posição inicial obedeceria assim a um princípio de economia, segundo o qual as estruturas que envolvem movimento são mais

complexas, envolvem mais custos, do que as estruturas em que há apenas junção simples de constituintes - 'Merge over Move' (cf. Chomsky 1993; 2001a). Evitar-se-ia assim a estipulação de um movimento semanticamente vácuo, cujos efeitos não são visíveis.

O estatuto ambíguo dos PPs adjuntos será plausivelmente uma consequência do facto de estes se aproximarem mais dos argumentos do que as orações adjuntas. Por enquanto, não disponho de nenhuma explicação adequada para estes contrastes.

**3. Um terceiro argumento a favor da geração básica das orações adverbiais pré-verbais vem da impossibilidade de estabelecer dependências a longa distância:**

(690) a. O Zé disse que o Pedro desmaiou quando chegou a casa. (ambígua)

b. Quando chegou a casa, o Zé disse que o Pedro desmaiou. (não ambígua)

(691) a. O Zé disse que o Pedro era antipático por ser muito tímido. (ambígua)

b. Por ser muito tímido, o Zé disse que o Pedro era antipático. (não ambígua)

(692) a. O Zé vai dizer que o exame vai ser fácil se os alunos tiverem estudado. (ambígua)

b. Se os alunos tiverem estudado, o Zé vai dizer que o exame vai ser fácil. (não ambígua)

(693) a. O Zé disse que o director tinha escrito uma carta a explicar a situação para que todos ficassem mais descansados. (ambígua)

b. Para que todos ficassem mais descansados, o Zé disse que o director tinha escrito uma carta a explicar a situação. (não ambígua)

Repare-se que uma análise que tratasse as orações adverbiais em posição inicial como uma instância de topicalização típica do português ou como um caso de deslocamento à esquerda clítica com pronome resumptivo nulo não explica por que razão as orações adverbiais em posição inicial, contrariamente aos tópicos argumentais, resistem à reconstrução e às leituras de dependência longa:

(694) Com esses meninos, o Zé disse que o Pedro não brincava.

(695) À Ana, o Zé disse que o Pedro gostava de oferecer flores.

(696) Nesta prateleira, o Zé disse que não tinha arrumado o livro.

Contudo, parece haver contextos em que a leitura a longa distância está

disponível. A dependência a longa distância está bloqueada com verbos declarativos, mas é permitida com verbos epistémicos:

(697) Quando chegar a casa, o Zé acha que o Pedro vai almoçar.

(698) \*Quando chegar a casa, o Zé disse que o Pedro vai almoçar.

A influência do tipo de verbo matriz, bem como outros factores (e.g. o tempo morfológico), na disponibilidade das leituras encaixadas é um facto que mereceria uma investigação mais aprofundada.

4. Finalmente, alguns autores têm referido alguns fenómenos que podem funcionar como **contra-argumentos** à hipótese de geração na base.

Bianchi 1997 refere alguns dados que podem apoiar uma análise de movimento, em vez de uma análise de geração básica. Na realidade, Bianchi observa que existe evidência contraditória quanto à posição estrutural ocupada pelas orações adverbiais pré-verbais. Este aparente conflito é originado mais uma vez por dados vindos de questões de ligação. Em italiano, segundo Bianchi, a reconstrução local e a reconstrução a longa distância são pelo menos marginalmente possíveis no que diz respeito à ligação de pronominais pelo sujeito ou pelo objecto directo matriz:

(699) Dopo che lo<sub>i</sub> abbiamo dimesso, ogni paziente<sub>i</sub> è tornato a casa.

(700) ?Dopo che lo<sub>i</sub> avremmo operato, sono certo che nessun paziente<sub>i</sub> avrà bisogno di una terapia riabilitativa.

Em português, contudo, em frases correspondentes, a reconstrução parece dar origem a juízos francamente piores do que aqueles que Bianchi refere para o italiano:

(701) a. Cada aluno<sub>i</sub> voltou para casa depois de o<sub>i</sub> mandarmos embora.

b. ?\*Depois de o<sub>i</sub> mandarmos embora, cada aluno<sub>i</sub> voltou para casa.

(702) a. O Zé não pôe nenhum livro no sítio depois de o consultar.

b. ?\*Depois de o consultar, o Zé não pôe nenhum livro no sítio.

(703) a. É obrigatório voltar a pôr cada livro no sítio depois de o consultar.

b. ?\*Depois de o consultar, é obrigatório voltar a pôr cada livro no sítio.

(704) a. Nenhum doente estava a ser medicado antes de eu o visitar.

b. ?\*Antes de eu o visitar, nenhum doente estava a ser medicado.

Isto contrasta claramente com o que acontece com frases completivas antepostas,

em que a reconstrução é perfeitamente possível:

(705) a. Nenhum doente<sub>i</sub> queria admitir que aquele médico o<sub>i</sub> tinha enganado.

b. Que aquele médico o<sub>i</sub> tinha enganado, nenhum doente<sub>i</sub> queria admitir.

(706) a. O médico terá de explicar a cada doente<sub>i</sub> que aquele charlatão o<sub>i</sub> enganou.

b. ?Que aquele charlatão o<sub>i</sub> enganou, o médico terá de explicar a cada doente<sub>i</sub>.

Bianchi 1997 refere alguns casos com orações adverbiais antepostas em que, aparentemente, existiria evidência contraditória quanto à existência ou não de reconstrução:

(707) ?Non appena Gianni<sub>i</sub> lo<sub>k</sub> ha visitato, pro<sub>i</sub> ha consigliato ad ogni<sub>i</sub> paziente<sub>k</sub> una nuova terapia.

As frases portuguesas correspondentes, no entanto, parecem ser bastante marginais:

(708) ?\*Logo que o médico<sub>i</sub> o<sub>k</sub> visitou, [-]<sub>i</sub> aconselhou a cada doente<sub>k</sub> uma nova terapia.

(709) ?\*Depois de o João<sub>i</sub> lhe<sub>k</sub> falar, estou certo que [-]<sub>i</sub> dirá a cada aluno<sub>k</sub> para se matricular neste curso.

(710) ?\*Depois de o João<sub>i</sub> o<sub>k</sub> ter interrogado, [-]<sub>i</sub> disse a cada aluno<sub>k</sub> para estudar mais.

(711) ?\*Porque o Zé<sub>i</sub> lhe<sub>k</sub> telefonou, [-]<sub>i</sub> convenceu cada aluno<sub>k</sub> a vir à reunião.

(712) ?\*Para o Zé<sub>i</sub> o<sub>k</sub> motivar, [-]<sub>i</sub> disse a cada aluno<sub>k</sub> que tinha feito muitos progressos.

Assim, ainda que eu não disponha de uma explicação que dê conta dos contrastes entre o italiano e o português, vou considerar que estas frases não são um contra-argumento à análise de que as orações adverbiais à esquerda são geradas na base nessa posição.<sup>68</sup>

Concluindo, a análise de geração básica à esquerda parece ser preferível tanto por

---

<sup>68</sup> Chierchia 1995 refere alguns dados que sugerem que a hipótese da geração na base 'com reconstrução', e a hipótese da geração na base 'sem reconstrução' estão ambas disponíveis. Deixo para outra ocasião uma discussão desta proposta. Agradeço a Francesca DelGobbo ter-me indicado esta referência.

razões teóricas como empíricas:

- i) Merge over Move (cf. Chomsky 1993; 2001a);
- ii) ausência de efeitos de reconstrução;
- iii) possibilidade de evitar a postulação de um movimento semanticamente vácuo;
- iv) possibilidade de evitar a assunção de um estatuto excepcional para os adjuntos

no que diz respeito a reconstrução;

v) as orações adjuntas podem ser basicamente geradas à esquerda, uma vez que não têm de satisfazer requisitos temáticos, nem têm de ser legitimadas quanto a Caso<sup>69</sup>.<sup>70</sup>

### 3.5.4. O estatuto dos adjuntos no Programa Minimalista

O estatuto dos adjuntos no Programa Minimalista não é muito claro. Uma vez que se assume que as estruturas são formadas derivacionalmente de baixo para cima, à medida que vão sendo satisfeitos requisitos temáticos ou de selecção categorial, não é claro o lugar que os adjuntos ocupam neste sistema, que pretende ser o mais simples e despojado possível (cf. Chomsky 1995). Assim, como é dito em Chomsky 2001b, a adjunção dá origem a uma estrutura com propriedades estranhas, uma vez que:

- não corresponde a uma projecção de um núcleo;
- é uma estrutura assimétrica: se  $\alpha$  é adjunto a  $\beta$ , a construção comporta-se como se  $\alpha$  não estivesse lá, pondo de parte a interpretação semântica;
- tem diferentes propriedades de ilha;
- a categoria de base  $\beta$  preserva todas as suas propriedades;
- o adjunto não é seleccionado pela categoria à qual se adjunge; por isso, a determinação da etiqueta da unidade tem de basear-se na assimetria;
- o adjunto não tem papel temático no complexo  $\langle \alpha, \beta \rangle$ .

---

<sup>69</sup> R. Hinterhölzl (c.p.) sugeriu que a ausência de reconstrução nestas estruturas pudesse ser derivada assumindo que o movimento para a esquerda é um movimento-A de tipo discursivo. Diana Pili & Roland Hinterhölzl 2002 derivam a ausência aparente de reconstrução através da postulação do carácter-A da posição para a qual os elementos 'deslocados à esquerda' se movem. Esse movimento seria um caso de 'scrambling'. Parece-me, no entanto, que esta proposta, para além de ter de alargar as posições-A a posições tipicamente não argumentais, não dá conta das assimetrias verificadas entre argumentos e adjuntos.

<sup>70</sup> Jang 2000, na sequência de Brody 1995, propõe uma hipótese alternativa: as estruturas são compostas derivacionalmente (Chomsky 1995) e de forma cíclica, LF é o único nível a que processos interpretativos se aplicam, a reconstrução estará limitada ao mínimo indispensável. Admite assim que, num modelo minimalista, os adjuntos, ao contrário dos argumentos, não estão sujeitos a reconstrução, uma vez que não são seleccionados, a não ser que a reconstrução seja necessária para satisfazer relações operador-variável.

Chomsky 2001b discute assim o estatuto da adjunção e coloca duas questões fundamentais:

- i) Por que existe a adjunção?
- ii) Como é que funciona?

A resposta à primeira questão, segundo Chomsky 2001b, pode passar pela componente semântica e conceptual da gramática. A adjunção corresponderá a uma operação de composição de predicado ('predicate composition'), com vista a diversificar as possibilidades expressivas da linguagem, que é dada através de um tipo particular de composição de unidades: compor-par (*pair-merge*)<sup>71</sup>.

A resposta à segunda questão é mais complexa. A adjunção será possivelmente uma operação 'tardia' na derivação, em que o adjunto  $\alpha$  é ligado a  $\beta$  num plano separado, distinto do plano primário, o da estrutura simples.  $\beta$  comporta-se sempre como se estivesse numa estrutura simples formada por compor-conjunto (*set-merge*). Depois,  $\beta$  é substituído por  $\langle \alpha, \beta \rangle$ , sendo o papel semântico do complexo determinado composicionalmente na componente semântica. Isto permitiria explicar factos como os que foram tratados por Lebeaux 1988 e referidos por Williams, entre outros, em que a adjunção parece operar de forma contra-cíclica, tendo lugar tardiamente na derivação, e não estando sujeita a reconstrução (cf. Chomsky 2001b: 15):

(713) [<sub>wh</sub> Which [[picture [of Bill<sub>i</sub>]] [that John<sub>i</sub> liked]]] did he<sub>i/\*j</sub> buy t<sub>wh</sub>]?

(714) [Que retrato do Zé<sub>j</sub> que o João<sub>i</sub> tirou] é que ele<sub>i/\*j</sub> rasgou -?

Assim, em (713) só o DP *John* pode ser interpretado como co-referente com o sujeito pronominal da matriz. A co-referência entre *Bill* e *he* está excluída, o que é aparentemente um efeito do princípio C da teoria da ligação. Existe assim uma assimetria complementos-adjuntos no que diz respeito à reconstrução.

Veja-se que, de acordo com Chomsky 2001b, não faz sentido dizer que um adjunto sujeito a composição interna (i.e. deslocado) não está sujeito a reconstrução,

---

<sup>71</sup> Distingue-se assim, do processo mais frequente de composição de unidades: compor-conjunto (*set-merge*).

uma vez que o processo de formação de cópias que está na origem da chamada 'reconstrução' (ou interpretação na posição de base) faz parte do próprio mecanismo computacional da derivação (cf. Chomsky 2001b: 8).

Segundo Chomsky 2001b, o adjunto é sujeito à operação Transferir (que inclui 'soletrar' - *spell-out*) no mesmo sítio linearmente em que está a categoria à qual se adjunge. O adjunto é soletrado e ordenado linearmente quando a fase é enviada para a componente fonológica. Uma operação *Simplificar* converte a unidade formada por *compor-par* (*pair-merge*) numa unidade simples apenas quando esta é enviada para a componente fonológica. No entanto, as propriedades do elemento de base, i.e. o elemento que recebe o adjunto, mantêm-se basicamente inalteradas. Assim, um adjunto 'baixo', depois de 'soletrar' - *spell-out* - ficará sujeito à interpretação nessa posição, contrariamente a um adjunto 'alto'. O adjunto é integrado na estrutura no momento em que a categoria a que se adjunziu é enviada para a componente fonológica. Assim, em princípio, adjunto e adjungido serão sempre soletrados no mesmo momento da derivação, i.e. dentro da mesma fase.

Há, no entanto, algumas questões que Chomsky não considera:

- A que corresponde exactamente a operação 'predicate-composition'?
- Por que tem lugar num sítio ou noutro?
- Diferentes posições corresponderão a diferentes interpretações?

É evidente que existem restrições de vária ordem entre oração matriz e oração subordinada adverbial. Algumas delas foram referidas em 3.2. Assim, por exemplo, relativamente às temporais existem restrições de natureza temporal e aspectual entre matriz e subordinada. Relativamente às finais, é necessário que exista um argumento na matriz dotado de intencionalidade ou, pelo menos, que o evento da matriz seja entendido como tendo um carácter intencional.

Assim, entre o constituinte adjunto e a oração matriz estabelecem-se relações semânticas claras. É como se o adjunto tivesse de alguma forma de ser legitimado semanticamente. A sintaxe exige apenas que exista uma configuração adequada.

Veja-se que o modo das subordinadas adverbiais finitas (indicativo vs. conjuntivo) é consequência não de uma relação de selecção pela oração matriz, o que plausivelmente acontece em alguns contextos de complementação, mas de aspectos

semânticos inerentes à subordinada e aos conectores que as introduzem. Parece-me assim que a escolha do modo em subordinadas adverbiais não pode ser atribuída a uma relação particular sintáctica estabelecida com a matriz. Veja-se aliás que há diferenças entre línguas quanto ao modo exigido em vários tipos de adverbiais:

(715) a. Se eu fosse mais alto, poderia jogar basquete.

b. \*Se eu era mais alto,...

(716) a. Si j'étais plus haut, je pourrais jouer au basket.

b. \*Si je fus plus haut,...

Relativamente ao tempo, existem de facto concordâncias/restrições temporais mais ou menos fortes entre subordinada e matriz. Trata-se do fenómeno conhecido como 'concordância de tempos' ou 'consecutio temporum'.

Saber se este fenómeno resulta de mecanismos sintácticos de 'matching' de traços ou de mecanismos semânticos mais gerais é uma questão em aberto, que não irei aqui tratar.

No entanto, o facto de a interpretação de orações não introduzidas por conectores (e.g. as gerundivas) ser consequência de múltiplos factores - entre os quais a classe aspectual do predicado da subordinada, a presença ou não de Negação, a presença ou não de um Aux, inferências pragmáticas - mostra que os mecanismos que relacionam semanticamente subordinada e matriz são bastante mais complexos do que pode inicialmente parecer.

### 3.6. Conclusões

Neste capítulo, tratei alguns aspectos da sintaxe das orações subordinadas do português introduzidas por conectores, i.e. orações finitas e infinitivas.

Na sequência daquilo que está descrito na literatura, mostrei que em português existem duas grandes classes sintáticas de adverbiais, com diferentes comportamentos relativamente a fenómenos como a clivagem, o escopo da negação, a posição não marcada, o escopo de operadores de foco, a possibilidade de ocorrer em respostas a interrogativas-Qu, a possibilidade de ocorrer em interrogativas e negativas alternativas. Foram identificadas assim a classe das adverbiais periféricas e a das adverbiais não periféricas. Dentro das adverbiais periféricas, é possível identificar uma subclasse de estruturas mais destacadas, as adverbiais de enunciação.

Estruturalmente, foi defendido que a análise clássica de acordo com a qual as orações adverbiais ocupam posições de adjunção (quer à esquerda, quer à direita) é empiricamente menos problemática do que outras hipóteses alternativas. Sigo assim a análise de Chomsky 2001b para os adjuntos. As adverbiais não periféricas ocuparão assim posições de adjunção 'baixas' a VP (ou eventualmente a *v*P); as adverbiais periféricas ocuparão posições de adjunção 'altas' a TP ou a CP.

Foi proposto que a distribuição sintáctica das adverbiais é uma consequência de traços lexicais dos seus conectores, que estarão ou não marcados no léxico quanto a um traço [pressuposicional]. As adverbiais introduzidas por conectores especificados quanto a este traço são projectadas em posições periféricas; as adverbiais introduzidas por conectores não marcados serão projectadas em diferentes posições de acordo com o seu estatuto informacional. A categoria TP parece assim funcionar como uma fronteira para o mapeamento de constituintes com diferentes traços discursivos.

Referiu-se ainda uma possível correlação entre o grau de gramaticalização dos conectores e o seu estatuto lexical quanto ao traço pressuposicional. Os conectores com maior transparência morfo-sintáctica introduzem geralmente adverbiais não periféricas; os conectores mais opacos, mais gramaticalizados, introduzem geralmente adverbiais periféricas.

Quanto à questão que consiste em saber se as adverbiais não periféricas à esquerda são deslocadas do VP ou directamente geradas na sua posição final, foi argumentado que plausivelmente a análise de geração básica é mais adequada, embora tenham ficado alguns problemas por resolver.